

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O AREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

FORMULAMOS UM VOTO

O «Diário de Lisboa», que completa hoje trinta e nove anos, viu a luz do dia sob o signo da Primavera. Foi, desde a primeira hora, um jornal optimista e acolhedor, que deu curso, com um amplo sentido nacional, à livre circulação das ideias. Todos os Portugueses encontraram nele um órgão disposto a receber as suas queixas e a expor os seus pontos de vista, desde que não brigassem com os superiores interesses da Pátria.

A ideia que presidiu à sua fundação foi a de criar um jornal que

Diário de Lisboa

publica hoje

36

páginas

e insere

alguns artigos evocativos

da época em que apareceu

o jornal, há 39 anos

e Vida Literária

conversasse com os Lisboaetas, ao cair da tarde, quando as luzes se acendem para espantar as sombras que começam a envolver a cidade. O seu êxito excedeu em muito aquilo que os seus fundadores tinham sonhado. A breve trecho, o «Diário de Lisboa» viu-se rodeado de simpatia e de um coro de adesões e de louvores que muito o desvaneceram, sem contudo lhe fazerem perder a cabeça. A sua expansão alargou-se. A sua tiragem cresceu. Era uma força. Uma força utilizada ao serviço do País, dos seus interesses, da sua grandeza, do seu progresso moral e material.

A sua palavra começou a ser escutada com acatamento, os seus avisos a calarem fundo na consciência nacional. Talvez porque

(Continua na 17.ª página)

A França deseja a destruição de todas as armas nucleares

— declarou de Gaulle no Parlamento britânico

LONDRES, 7. — O presidente de Gaulle, acompanhado pelo duque de Edimburgo, passou esta manhã revista a uma parada das forças da Guarda Real.

O duque de Edimburgo, de boné preto e capote azul dos guardas galeses, acompanhou o general de Gaulle, que envergava a farda «kaki» de general de brigada, numa carruagem aberta desde o palácio de Buckingham até ao local

o braço direito para agradecer os aplausos.

No momento em que o cortejo, constituído por três carruagens e vários automóveis se deslocava, rapidamente até aos terrenos da parada, o Sol brilhava com intensidade, reflectindo-se nas espadas e nos metais polidos do fardamento da cavalaria da guarda.

Pela primeira vez na história da tradicional revista das tropas

reais, um chefe de Estado estrangeiro presidiu a esta cerimónia, por determinação expressa da rainha Isabel II.

Milhares de pessoas ocuparam as tribunas, dando à parada um aspecto de praça de touros em festa. As forças armadas francesas estavam representadas por unidades das

(Continua na 16.ª página)



A carruagem em que de Gaulle e a rainha de Inglaterra seguiram de «Victoria Station» para Buckingham Palace atravessa as ruas de Londres, escoltada pela cavalaria das guardas reais

A revisão das pensões e outros aspectos de interesse para o funcionalismo objecto de três próximos decretos

Em seguimento do que dispõe a Lei de Meios, publicada em 19 de Dezembro de 1959, com o n.º 2101, vão ser enviados para o «Diário do Governo», pela pasta das Finanças, três diplomas do maior interesse para os funcionários públicos e que correspondem à expectativa de um grande sector dos servidores do Estado.

O primeiro dos referidos decretos regulamenta a parte terceira da Lei de Meios, que, dizendo respeito ao funcionamento dos serviços, determina a mais rigorosa economia na utilização das verbas destinadas, principalmente, a despesas de consumo corrente ou de carácter sumptuário, com a recomendação de que se reduzam ao indispensável as despesas fora do País, com missões oficiais. Está ainda integrado nesta parte da Lei agora regulamentada, com um al-

to sentido moralizador, o artigo que determina que «todas as receitas e despesas públicas dos serviços autónomos ou não autónomos que não constem do Orçamento Geral do Estado passem a ser incluídas no preâmbulo ou na parte complementar do mesmo Orçamento, observadas as condições da respectiva aprovação».

A matéria das disposições regulamentares agora preparadas pelo Ministério das Finanças abrange depois a quarta parte da Lei dos Meios, que se refere a «providências sobre o funcionalismo» e que começa por determinar, no artigo 9.º: «É autorizado o Governo a rever, dentro dos recursos disponíveis, as pensões de aposentação, reforma, reserva e invalidez».

Tendo sido oportunamente anun-

(Continua na 3.ª página)

O Chefe do Estado visitou as instalações do Amoníaco Português e da Companhia Portuguesa de Celulose interessando-se pelo desenvolvimento daquelas indústrias

(Do nosso enviado especial)

CACIA, 7. — (Pelo telefone). — A fim de tomar contacto directo com a grande indústria nacional, o sr. Presidente da República visitou hoje, a convite dos respectivos conselhos de administração, a Companhia Portuguesa de Celulose, nesta localidade, e as instalações do

Amoníaco Português, em Estarreja. Pelas 9 e 50, vindo do Buçaco, onde pernitoou, o almirante Américo Tomás chegou a Cacia, acompanhado pelos srs. professor Fer-

reira Dias, ministro da Economia, e engenheiro Rogério Vargas Moniz, subsecretário de Estado da Indústria, pelo chefe do gabinete do ministro, pelo director-geral dos Serviços Industriais e pelo primei-

Visado pela Comissão de Censura

(Continua na 6.ª página)

Nota do dia

ATITUDE INDESCULPAVEL

Jornalistas portugueses convidados oficialmente para assistir a uma cerimónia em Marco de Canaveses foram tratados com menos cortesia por quem tinha obrigação de lhes dispensar acolhimento mais amável e mais próprio, já não diremos do favor que eles iam prestar, mas da correcção que deve presidir ao convívio entre pessoas educadas. Não aconteceu, porém, assim. Quando as entidades responsáveis pela descortesia

pretendiam dar-lhes explicações, o delegado de um organismo oficial no Porto, precisamente aquele a quem incumbia estabelecer relações com a Imprensa, tomou uma atitude insólita e indesculpável, usando de uma linguagem imprópria, em que as grosserias alternaram com as ameaças. (Reportamo-nos à notícia em forma de protesto que o nosso prezado colega «Jornal de Notícias» publicou e com a qual nos solidarizamos inteiramente). Ainda há pouco nos referíamos, neste mesmo lugar, às vicissitudes que em alguns países dificultam o exercício desta nobre, incompreendida e maltratada magistratura, que é a Imprensa. Lisonjeada por uns e temida por outros, não falta quem a deteste

a ponto de tratar os seus representantes como indesejáveis ou tolerados quando pretendem exercer a sua profissão. Concorramos em que ela se torna, por vezes, incómoda, sobretudo para quem não tenha a consciência tranquila. Mas não compreendemos, de modo nenhum, que o delegado de um organismo oficial que tem por missão colaborar com a Imprensa e manter com ela relações cordiais, como aliás tem acontecido sempre durante a gerência desse organismo pela individualidade que se encontra à frente dele, tome inesperadamente uma atitude que nada justifica e que os seus superiores hierárquicos serão os primeiros a lamentar — e a corrigir, como se impõe.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

OS VALORES ESPIRITUAIS

AO falar ontem na posse dos dirigentes da Mocidade Portuguesa, o sr. ministro da Educação, eng. Leite Pinto, lembrou as diferenças que opõem a nossa época à dos nossos avós e, até, à dos nossos pais. O Mundo era para eles — disse o prof. Leite — uma carta geográfica, vista da Europa e o nosso continente dispunha de todas as hegemónias mundiais: hegemonia política, financeira, literária, científica, técnica e artística. A primeira grande guerra mundial começou na Europa, mas imediatamente teve teatros de operações em vários continentes e em todos os mares. A segunda guerra mundial já rebentou em todos os cantos da Terra e ao acabar deixou uma Europa esfrangalhada e sem qualquer espécie de hegemonia. O mais triste, porém, é que a pobre Europa despreendeu-se dos valores espirituais e morais da sua civilização e abdicou da sua alta missão de instrutor de outros povos. O sr. ministro lembrou essa evolução que não pode ser indiferente a um educador. Todos nós a sentimos, porque vivemos nessa esquinha da civilização, enquanto nossos avós viviam na gestação, não se apercebendo da transmissão do testemunho. Nem sempre o centro de irradiação foi a Europa. Estaremos em via de o largar? Eis a pergunta que faz o sr. ministro da Educação ao empossar os dirigentes da Mocidade. Não deixou de focar o ponto importante: A crise da educação, decorrente da crise europeia é motivada pela preponderância que a escola dá à transmissão de conhecimentos úteis sobre a formação do carácter. Quer dizer que essa crise de carácter decorre da carência de valores espirituais, numa altura em que muito neles se fala. Há que retomá-los imediatamente e enaltece-los, na prática, que não apenas em teoria.

FEIXE DE NOTÍCIAS

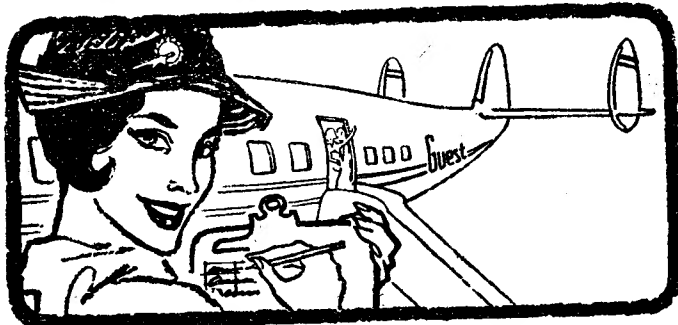
A saída de Amarante, na estrada do Porto, o vendedor ambulante Eurico Monteiro da Silva, de 62 anos, encontrou a morte sob a forma de uma motocicleta guiada por Manuel Dias Lobo, residente na vila de Lixa. Ainda foi levado ao hospital de Amarante, mas só para morrer.

* A obra literária do nosso prezado camarada de redacção, dr. Urbano Tavares Rodrigues, foi ontem à tarde analisada num colóquio da iniciativa dos estudantes da Faculdade de Direito. Assistiu e participou o escritor dissecado. A sessão principiou com palavras do estudante Mário Sotomayor Cardia. Houve, seguidamente, troca de opiniões e pontos de vista, tendo o sr. dr. Urbano Tavares Rodrigues respondido às perguntas que lhe foram dirigidas. Encerrou a sessão o sr. Artur Lobo, redactor do «Quadrante», órgão daquela Associação Académica.

* Correspondendo ao recente apelo do sr. ministro da Saúde a favor do Fundo do Socorro Social, o Banco de Portugal resolveu contribuir com cento e vinte contos para o referido Fundo. Aquela dádica será destinada à aquisição de aparelhos de prótese para inválidos e outros diminuídos residentes no distrito de Lisboa.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Évora. * O Chefe do Estado recebeu ontem, no Palácio de Belém, os srs. engs. Higinio de Queirós e Manuel Vilas Boas, revs. padres José Alves e José Baptista, drs. Eduardo Girão do Amaral, José da Mata Vaz Serra, Manuel António Dias da Silva e Fernando Moreno de Assis Farinha, e Manuel dos Santos Serra, Manuel Correia da Silva, Joaquim Gil de Oliveira, José Fernandes e Armando Conceição Teixeira, da comissão executiva das Comemorações Condestabrianas, em Cernache do Bonjardim, que, acompanhados do sr. dr. José de Carvalho, governador civil de Castelo Branco, o foram convidar a assistir às mesmas comemorações, em 4 e 5 de Junho. O sr. almirante Américo Tomás aceitou o convite. * O sr. Presidente do Conselho trabalhou com os srs. ministro da Defesa Nacional e secretário de Estado do Comércio e recebeu o sr. general Bethouart, presidente do grupo dos parlamentares da N. A. T. O. * O Ministério das Finanças tem já elaborados os diplomas de execução da Lei de Meios para o corrente ano, relativamente às disposições que constituem os capítulos intitulados «Funcionamento dos Serviços» e «Providência sobre o funcionalismo». Esses diplomas vão ser agora publicados sucessivamente, com intervalos de poucos dias.



Voe pela GUEST para os E. U. e visite a Bermuda — sem aumento de preço. Aprecie o elevado nível de serviço. Atenções. Comodidade

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

Guest Aerovias México

R. Joaquim António de Aguiar, 41 r/c E. - Tel. 40180 - Lisboa

O crime do Guincho

O crime da Praia do Guincho, de que foi vítima o capitão Almeida Santos continua a ser objecto de investigações por parte da Polícia Judiciária, que através de sucessivas diligências procura encontrar o fio da meada. Os investigadores estão, sem duvida, perante um problema de difícil solução. Várias informações fornecidas àquela corporação são depois examinadas, procurando-se extrair delas algo que possa servir de base às investigações. Nesse sentido, foram já ouvidas algumas pessoas, o que permitiu reconstituir alguns dos passos dados pela vítima nos ultimos tempos. Sabendo-se que a vítima, sendo casada, tinha no entanto um comportamento irregular nesse campo, os investigadores estão agora também interessados em localizar qualquer senhora que com ele tenha convivido ultimamente.

Lista de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — As 21 — «Amorzinho da minha vida» (12 anos).
CASCAIS — S. José — As 21 e 30 — «Ariane» (17 anos).
ESTORIL Casino — As 21 e 30 — «Intriga internacional» (17 anos).
OBRAS — Cine — As 21 — «Máxima» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — As 21 e 15 — «Maldosamente ingenua» e «Tempera de herói» (17 anos).
PAREDE — Royal — As 21 e 15 — «Baionetas de aço» e «A mulher que não pecou» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Combatentes — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 166. Tel. 013953.
CASCAIS — Cordeiro — R. Frederico Arouca, 16. Tel. 080170.
ESTORIL E MONTE — Costa — Avenida Sábola, Monte. Tel. 060085.
OBRAS — Godinho — R. Candido Reis, 98. Tel. 043090.
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 184. Tel. 042034.
PAREDE — Grincho — Avenida da Republica, 87-A. Tel. 047204.

FERROS ARTÍSTICOS

Serralharia Artística

Vicente Joaquim Esteves
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO

João Luís Esteves



Mudou para as suas novas instalações na Rua de Campolide, 181, — Telef. 681738
LISBOA PORTUGAL



Agente Importador:
TABACARIA INGLESA—LISBOA

Diário OUTRA BANDA

No hospital de Almada

Acidente no trabalho

O motorista Fernando Rodrigues Pereira, de 29 anos, residente em Corroios, quando subia para a camioneta de carga de que era condutor, deu uma queda, ferindo-se no joelho esquerdo. Conduzido ao Hospital de Almada, foi ali radiografado, não acusando fractura, pelo que depois de tratado recolheu a casa.

Cinemas

MONTIJO — Cinema-Teatro Joaquim de Almeida — As 21 — «O homem das pistolas de ouro» (17 anos).
BARREIRO — Cinema Ginásio C. U. F. — As 21 — «Os tubarões do Pacífico» (17 anos).
PINHAL NOVO — As 21 e 30 — «Sublime tentação» (12 anos).
LINHA DE SINTRA

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Farmácia Gamero — Largo António S. Jorge. Tel. 034100.
ALMADA — Farmácia Central — Rua Olivença, 11-B. Tel. 070504.
BARREIRO — Higiene — Rua Miguel Bombarda, 176. Tel. 023217.
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro de 1910, 18. Tel. 070254.
MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16. Tel. 039029.
MONTIJO — Diogo Marques — Avenida Almirante Reis, 42. Tel. 030032.
SEIXAL — M. L. Godinho — Largo da Igreja, 51. Tel. 021580.
SESIMBRA — Lopes — R. Candido dos Reis, 67. Tel. 029028.
SETUBAL — Soromenho — Praça

Machado Santos, 24. Tel. 22691 — Alice — Praça do Quebedo, 6 e 7. Tel. 23743.

Nas localidades onde existe uma só farmácia esta encontra-se de serviço permanente.

VISITA A LISBOA

do secretário-adjunto da Defesa dos Estados Unidos

O secretário-adjunto da Defesa dos Estados Unidos, John Irwin, que veio a Portugal em viagem oficial, esteve hoje, de manhã, no Palácio Nacional de Belém onde assinou o livro de cumprimentos ao Presidente da Republica. Dirigiu-se depois para o Palácio da Assembleia Nacional onde igualmente se inscreveu no livro de cumprimentos ao sr. prof. dr. Oliveira Salazar.

O secretário-adjunto da Defesa dos Estados Unidos parte, ao princípio da noite, de avião, para Nova York.

Regressaram à base

quatro escoltadores-oceânicos

Os escoltadores-oceânicos «Diogo Gomes», «Nuno Tristão», «Diogo Cão» e «Corte Real», que participaram no grande exercício «Down Breeze», juntamente com unidades de armadas de outros países da N. A. T. O., no Atlântico, regressaram esta manhã à Base Naval de Lisboa, onde atracaram aos seus fundeadouros habituais. O comodoro Cardoso de Oliveira, comandante da Força Naval do Continente, desembarcou cerca das 9 horas e esteve no Ministério da Marinha a apresentar os cumprimentos habituais.

PRAIA DO SOL — COSTA DA CAPARICA

Goze as suas férias ou passe os seus fins de semana nesta maravilhosa Praia.

Serviços esmerados em magníficos estabelecimentos, como
PENSÃO SANTO ANTÓNIO — SNACK BAR COPA CABANA
CAVE REGIONAL COSTA BELA

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA

no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

A NOVA «BOMBA» DA CANÇÃO

SILVANA BLASI

A V9Z MAIS PROVOCANTE DAS NOITES DE PARIS

FERNANDO QUEJAS

INTERPRETANDO MORNAS CABOVERDIANAS
(Maiores de 17 anos)

Jóias de gosto artístico

Pratas de Arte

Relógios de boas marcas

SÓ NA CASA Aníbal Tavares

Tome nota 95, RUA DA PRATA, 97 — Telefone 25853

Fume à vontade!!!

O cigarro DUKE FILTER velará por si

DUKE of DURHAM

E' UM CIGARRO DIFERENTE

COM MENOS PORCENTAGEM DE ALCATRÃO

Pela Polícia

CADASTRADO PRESO — As brigadas móveis da Secção Central da Polícia Judiciária prenderam, em Martim Moniz, o cadastrado Manuel Filipe da Piedade Luis, o qual não tem modo de vida definido. Foram-lhe apreendidos vários objectos, cuja proveniência não explicou e devem constituir uma parte dos furtos ultimamente por ele praticados.

Terreno em Alvalade

a 100 esc. o metro quadrado

O Ministério do Interior autorizou a Camara Municipal de Lisboa a alienar, com dispensa de formalidades prescritas, pelo preço de 100\$00 o metro quadrado, os terrenos situados na célula n.º 4 de Alvalade, assinalados na planta n.º 8472, com a indicação de numero de lotes que lhe correspondem, ás seguintes entidades: Sociedade Nacional de Fomento Imobiliário, lote 606, com a área de 936,10 metros quadrados; Cooperativa de Moradias Económicas, lote n.º 607, com a área de 1009,40 m²; Cooperativa «O Problema da Habitação», lote n.º 608, com a área de 776,30 m²; e Cooperativa Predial Portuguesa, lote n.º 613, com a área de 852 m².

Se os sócios ou entidades adquirentes alienarem as propriedades durante os próximos dez anos, têm de indemnizar a Camara, pagando a diferença entre o preço da venda dos terrenos e valor provável dos mesmos terrenos se a venda se tivesse realizado em hasta publica.

Visita

do presidente da Câmara
a várias freguesias

Na segunda-feira, ás 10 horas, o presidente da Camara Municipal de Lisboa, sr. brigadeiro França Borges, visita as freguesias de Santa Isabel, da Lapa, do Santo Condestável, dos Prazeres e de São Sebastião da Pedreira, onde será recebido nas respectivas Juntas de Freguesia.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. de Lisboa: um coelho; um porta-moedas com dinheiro; uma importância em dinheiro; um alfinete em ouro; uma roda de automóvel; uma lancheira com louça; um saco de lona; um metro articulado; um vidro de farol de automóvel; uma peça de ferro; um par de luvas de senhora; dois porta-moedas com dinheiro; um claxon de automóvel; um aro de roda de automóvel; um tampão de roda de automóvel; um cinto de lona próprio para guardafios; o bilhete de identidade de Mário Rodrigues da Ponte; um porta-chaves com 11 chaves; e argolas com chaves.

Cinemas

ALGUEIRAO — Cine-Teatro «Chabys» — As 21 — «O lobo do mar» (17 anos).

AMADORA — Recreios — As 21 e 15 — «O homem esquecido» (17 anos).

SINTRA — Sintra-Cinema — As 21 e 15 — «Winchester 73» (12 anos).

QUELUZ DE CIMA — Cine Teatro — As 21 e 30: «O limite é o inferno» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Central — Avenida Cardoso Lopes, 25. Tel. 930210. Clabell — Rua A, lote 5, loja D (Bairro Janeiro). Tel. 931551.

QUELUZ — Correia — Rua Mateus Vicente Oliveira, 3. Tel. Zeller. SINTRA — Misericórdia — Rua Visconde Monserrate. Tel. 980391.

Presentes da Páscoa

Para família e amigas, a oferta mais apreciada — saborosa, saudável e económica — é a dos produtos da MARIAZINHA.

Café, Chá, Chocolate, Leite-Creme, pudins, amêndoas, etc.

Vale a pena ir um pouco mais longe para o obter, pois

Nada existe de melhor

Enviam-se pelo correio

Rua Barros Queiroz, 28 — Lisboa - 2

Av. Rio de Janeiro, 25 - B (Frente à Igreja) — Lisboa - 5

Continuou o debate sobre o projecto de lei acerca das remunerações de certos corpos gerentes

Na ordem do dia da sessão de hoje, da Assembleia Nacional, a que preside o conselheiro Albino dos Reis, prossegue o debate sobre o projecto de lei do engenheiro Camilo Mendonça, acerca das remunerações dos corpos gerentes de certas empresas nas quais o Estado investiu capitais, e o respectivo parecer da Camara Corporativa, de que foi relator o professor João Faria Lapa.

Está inscrito para falar o dr. Ramiro Valadão que começa por dizer: — Problema político o que hoje aqui se discute? Sem duvida que sim, e felizmente que assim é, pois perfeitamente cabe nas funções desta Camara cuja actividade de modo algum se podem confinar a um tecnicismo sedutor, na medida em que permite o encontro de fórmulas que a cada qual afaste do sentimento pleno das responsabilidades próprias.

Manifesta a sua concordancia com o projecto, justificando as razões da sua attitude:

— O projecto de lei em discussão — descansa os que outras ilações tenham precipitadamente querido tomar — não tem outras intenções que não sejam justamente as que resultem da homenagem que presta a essa teoria de homens que se ilustraram e nos ilustraram pelo seu carácter e isenção, procurando corrigir algumas anomalias que, aqui como em toda a parte do Mundo, possam ser verificadas.

Acentuando que se aponta «com crescente intensidade de generalização o das remunerações e acumulações em dadas empresas, muitas das quais vivem sob regime especial do Estado, no seu influxo, ou na sua dependencia», observa:

— Que eu saiba não apareceu ainda alguém que doutro modo considerasse o problema e aceitasse como excelente fórmula ética, económica ou social, que a alguns crescesse o superfluo enquanto a muitos falta o suficiente. Tal consideração não tem surgido e se por imaginável hipótese assim acontecesse, não há a menor duvida de que quem o fizesse se colocava á margem das realidades e dos ensinamentos doutrinares da civilização occidental. Efectivamente, as noções de distribuição de riqueza que os economistas e sociólogos analisam, provêm de imperativos de

OS GOESES

que estão em Lisboa
visitaram

museus e monumentos

O grupo de naturais da India Portuguesa que se encontra em Lisboa, em visita patrocinada pelo governador-geral do Estado da India, em colaboração com a Agência-Geral do Ultramar, visitou hoje alguns museus e monumentos. Foi acompanhado nestas visitas pela sr.ª D. Ermengarda Marques Pinto e outros funcionários da Agência-Geral do Ultramar.

Navios estrangeiros

no Tejo

Fundearam no Tejo o navio frigorífico alemão «Ursula Horn», com carne congelada da Roménia e o navio holandês «Noorkaap», com batata.

Os interesses dos funcionários públicos

(Continuação da 1.ª página)

ciado que o Governo inclua no orçamento para este ano uma verba de 50 mil contos destinada a melhoria das pensões do funcionalismo, verba cuja aplicação estava, evidentemente, dependente da publicação das disposições regulamentares, agora anunciadas, verifica-se que o assunto vai ser resolvido, o que constitui, como é compreensível, uma alegre noticia para os milhares de interessados, em todo o País, que aguardavam, ansiosamente, desde o começo do ano, a concretização do que era há muito uma justíssima aspiração.

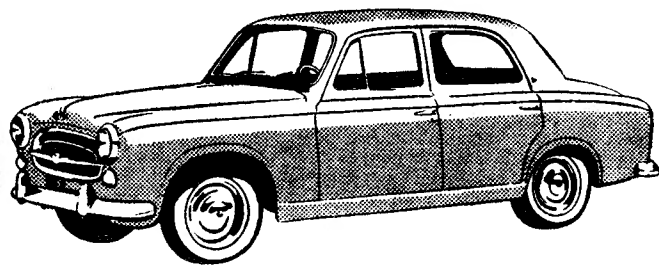
Outra das disposições que vão ser agora objecto de regulamentação é a que determina que, por morte de um funcionário, as pensões de família a seu cargo e nas

condições fixadas para a respectiva sucessão terão direito a receber, mediante processo simplificado, o vencimento completo do mês em que se der o falecimento e ainda o do mês seguinte.

Finalmente, por outro dos diplomas que se anunciam agora, vão ser alargados os benefícios de assistência na tuberculose aos cônjuges e descendentes a cargo dos servidores do Estado, definindo-se as condições a que devem obedecer os beneficiários.

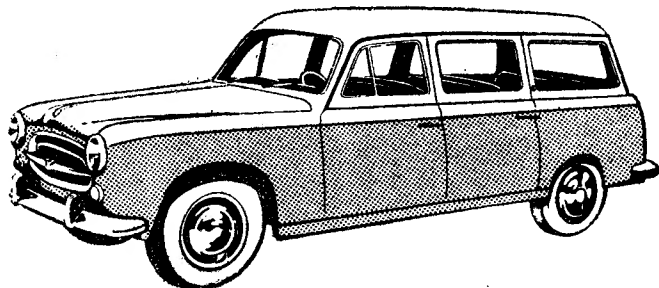
Ao anunciarmos a próxima publicação destes três decretos, não podemos deixar de acentuar, mais uma vez, o alcance social das suas disposições e o interesse que o Ministério das Finanças pôs na solução de alguns problemas fundamentais para a tranquilidade dos servidores do Estado, cuja dedicação é digna da maior atenção.

403 Peugeot garantia de alta qualidade



"BERLINE" 5/6 lugares

"FAMÍLIAR" 7/8 lugares



Representantes para o Sul

MOCAR, L.ª

Av. António Augusto de Aguiar, 19-A - LISBOA



24 ABRIL A 3 MAIO

VISITE A FEIRA DE HANNOVER

LIGAÇÕES COM A TAP

VIA Paris

SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS

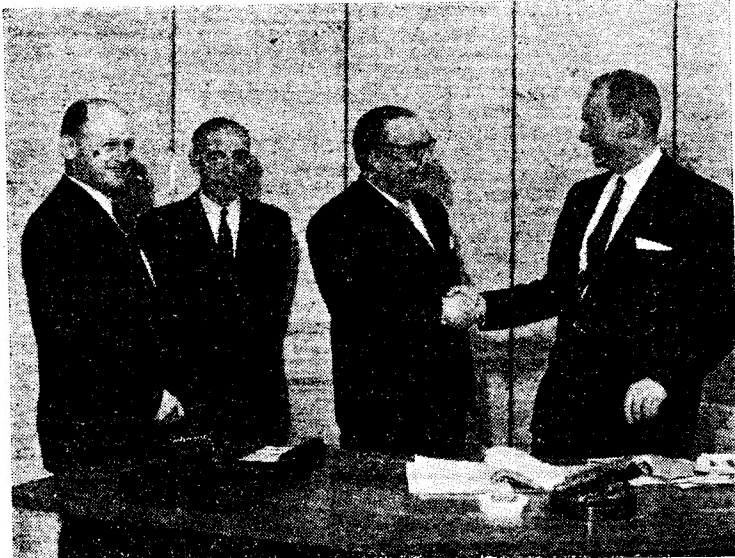
PARTIDAS ÀS 8,30 HORAS

CONSULTE O SEU AGENTE

DE VIAGENS OU A TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

TEATROS E CINEMAS



O MAIOR ACONTECIMENTO CINEMATOGRAFICO DA TEMPORADA 1960-1961

A notícia circulava há algum tempo, com certa insistência, nos meios cinematográficos: A «Astória Filmes», empresa distribuidora de recente formação, que já apresentou algumas obras mais qualificadas do cinema europeu, ia tomar a representação da «Warner Bros.», em Portugal. A notícia teve agora a sua confirmação, e aqui se regista. Depois da visita a Londres do director da «Astória», o nosso amigo Jacinto Allen Valle, e do sr. René Beja, supervisor daquela empresa na Península, ficou estabelecido o contrato para a nova representação, no nosso País, daquela importante produtora americana. Na gravura, que representa o momento da assinatura do contrato, nos escritórios da «Warner», em Londres, vêem-se, da esquerda para a direita: Arthur Abeles, director da «Warner»; René Beja, Jacinto Allen Valle e Michel Havas, este último director de vendas daquela grande produtora. Entre a produção que a «Astória» vai apresentar em Portugal encontra-se a grandiosa produção «O Milagre», um dos maiores espectáculos cinematográficos do nosso tempo.

Atrás do reposteiro

- O actor Humberto Madeira continuará no elenco do Maria Vitória, até final da temporada, seguindo na digressão que a companhia vai fazer ao Porto carecendo, assim, de fundamente a sua inclusão no elenco da companhia do A B C.
- As figuras de «Novo-rico», do «ballet» «Minhocas», «Amigo do morto» e «Apaixonado romântico» vão ser desempenhadas pelo actor José Viana, na revista em ensaios no Avenida.
- Ainda não está fixada a data certa da estreia, na Trindade, da crónica histórica «Leonor Telles».
- Desistiu de desempenhar o «compère» na revista «Acerta o passo», em ensaios no A B C, o violinista Herbert d'Aguiar, para o qual tinha sido convidado pela empresa daquele teatro.
- A companhia de comédias, que fez uma larga temporada no Avenida, segue amanhã para Aveiro.

Em São Carlos

Elena Rizzieri na ópera «Il Campiello»

Após uma ausência de alguns anos, Elena Rizzieri, que hoje ocupa um lugar de especial relevo entre as grandes cantoras líricas da Itália e que o nosso publico bem conhece, volta a cantar em Lisboa, à frente do elenco artístico que, amanhã, interpretará no São Carlos a célebre ópera «Il Campiello», de Wolf-Ferrari e do qual fazem parte Silvana Zanolli, Anna Maccianti, Iole de Maria, Sesto Bruscantini, Paolo Pedani, Luigi Alva, Sante Messina, Alvaro Malta e Mariano Caruso.

Para dirigir a Orquestra Nacio-

nal, nesta primeira audição em Portugal, de «Il Campiello», foi convidado o aplaudido maestro Carlos Felice Cillario. Colaboram no espectáculo o Coro do Teatro de São Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali e os Bailados do S. N. L., dirigidos por Francis Graça. As «maquettes» dos cenários são da autoria de Alfredo Furiga e é regista Riccardo Moresco.

Primeiras exhibições

«Os Cinco Reis», no Império

Nunca um artista pôde ser designado «rei» do espectáculo com mais propriedade do que Danny Kaye — o homem-espectáculo — em «Os Cinco Reis», o filme ontem estreado com êxito invulgar no Cinema Império (simultaneamente com os cinemas «Paramount», de Paris, e «Plaza», de Londres).

Danny Kaye vive admiravelmente a figura extraordinária de Red Nichols, quando este esteve à frente do famoso agrupamento de músicos «The five pennies». O grande actor mostra-se insuperável e capaz das mais diferentes criações. Diverte e comove com tal convicção, que nos dá a impressão de que estamos em presença de momentos de cinema de qualidade incomparável. De notar, muito em especial, o duelo Louis Armstrong-Danny Kaye (que o publico aplaudiu) e a cena à mesa do jogo entre Danny Kaye e Susan Gordon — uma artista de seis anos.

Mas todo o filme — magnifico entre os melhores que se têm feito, no seu género — é um primor da sensibilidade do realizador Melville Shavelson, servida pelo Vistavision e pela perfeição e profundidade da fotografia.

Na interpretação, salientam-se

Bárbara del Geddes, Bob Crosby, Harry Guardino, Tuesday Weld, Valerie Allen e a famosa atracção mundial Louis Armstrong.

«Os Cinco Reis» constituem um maravilhoso presente da Páscoa para quem gosta de bons espectáculos. — Visor 55.

Pintor desonesto

que burla um casal amigo

De mal agradecidos está o inferno cheio. É verdade. Durante muito tempo um pintor contou com a amizade e protecção de um casal bondoso, mas acabou por ter de prestar contas à Polícia Judiciária, mercê de manobras pouco honestas.

Segundo a Polícia apurou, no Verão passado a sr. D. Maria da Graça Teixeira Comas Pappamikhail recebeu, em sua casa, alguns operários pintores por conta do empreiteiro Manuel Soares Rodrigues. Um deles, de nome Domingos de Brito Martins Gomes, acabou por travar conversação com aquela senhora, lamentando-se das suas dificuldades, pelo que lhe foi dado mais trabalho e um aumento de ordenado de 10\$000, tendo passado a receber 70\$000 diários, enquanto lhe eram facultados os meios necessários para a pintura, tendo sido adquiridas grandes quantidades de tintas.

Acabadas as obras desapareceram as tintas mas continuara as relações de amizade, dado que a sr. Pappamikhail havia sido madrinha do filho do pintor. Este engendrou então um processo de angariar fundos sem se esforçar muito. E, assim, em determinada altura, simulou ter outra obra a seu cargo para o que mandou a residência da comadre a mulher, de nome Maria da Graça Gomes Vitorino, que solicitou um empréstimo de 1.000\$00 em dinheiro. Não concordou, porém, a referida senhora com o pedido feito mas resolveu atenuar as dificuldades, adquirindo ela as tintas. A solução não agradou muito ao Domingos, que entrou no campo da ameaça e da insinuação à sua benfeitora e, desse modo, conseguiu arrancar ao marido a quantia de 800\$00, mas com a recomendação de nada dizer à esposa.

A verdade, porém, é que todos os pontos acabaram por ser esclarecidos pela P. J. que incriminou o infiel pintor e compadre sob a acusação de ter liquidado uma dívida de 300\$00 ao seu antigo empreiteiro com as tintas sobranças das obras da sua benfeitora. Confessou, ainda, que gastou em seu próprio proveito o primeiro empréstimo de 1.000\$00, e que lhe vendera por metade do preço as tintas para a obra que architectara. O sr. Pappamikhail ainda conseguiu recuperar 700\$00 do empréstimo, ao aperceber-se de toda a trama...

AMANHÃ, no CAPITÓLIO

O famoso «MOULIN ROUGE», de Paris,
UM FILME QUE REPRESENTA
UM RETRATO VIVO E FRÍVOLO
DO SEU AMBIENTE DE DIVERSÃO
ATRAVÉS DE
UMA «FEÉRIE» DE GRANDE ESTILO

com TILDA TAMAR, MARIE DUBAS, DORIS MARNIER E OUTRAS CELEBRIDADES

DYALISCOPE AGFACOLOR

NOITES



UMA NOTÁVEL ESTREIA

UM ESPECTÁCULO DESLUMBRANTE ONDE
DOMINA A MAIS DESENFREADA FANTASIA!
TODAS AS ATRAÇÕES

DO MAIS CÉLEBRE PALCO DO MUNDO
NUM FESTIVAL DE CANÇÕES E BAILADOS!

A HISTÓRIA DE UM TIO RICO
QUE ESBANJA MILHÕES PARA
APRENDER A DANÇAR O
«CHA-CHÁ»

Adultos (Maiores de 17 anos)

MOULIN ROUGE



ADULTOS

Exclu. DOPERFILME

CRESCE O ÊXITO!
E COM SUCESSO INCONTIN-
VEL ENTRA EM

6.ª SEMANA

A FABULOSA COMÉDIA

MULHERES PERIGOSAS

COM

SYLVA KOSCINA
DORIAN GRAY
GEORGIA MOLL

A's-15,30 e 21,45 no



TELEFONE 47163

O PORTO pelo telefone

O caso duma herança

PORTO, 7. — A sr.ª D. Ermelinda Domingos Coelho, residente na Madalena, em Vila Nova de Gaia, queixou-se à Polícia contra um comerciante da Rua Visconde das Devesas, daquele concelho, a quem confiou um testamento referente a uma herança no valor de 18 contos, deixada por uma sua amiga de nome Senhorinha Pinto de Oliveira, falecida há mais de quatro anos, recusando-se o arguido a entregar-lhe aquele documento e apresentando um outro, fictício, para justificar aquela importância. O caso foi entregue à Polícia Judiciária.

Agressão grave

Recolheu ao Hospital de Santo António o trabalhador rural José António da Fonseca.

VIDA SOCIAL

NASCIMENTO

Na clínica do dr. Oliveira Martinho, deu à luz uma menina a sr.ª D. Fernanda Peyssonneau de Sousa Tavares, esposa do sr. Artur de Sousa Tavares.

DR. AUGUSTO ESAGUY SOARES DA FONSECA

O dr. Augusto Esaguy Soares da Fonseca, que foi operado nos quartos particulares do Hospital de S. José, pelo ilustre cirurgião dr. Neto Refelo, experimentou sensíveis melhoras.

Maria Magalhães, de 45 anos, residente em Santa Marinha do Lezere, que ali foi agredido com uma enxada por um seu vizinho, causando-lhe a perfuração dos intestinos.

Curso de Psicologia Geral

Amanhã, pelas 18 e 30, efectua-se na sala de Física da Faculdade de Ciências a 2.ª lição do Curso de Psicologia Geral e Aplicada (2.º ciclo) em que o dr. Figueira Dias, versará o tema «Psicologia Etnica».

CARTAZ DO PORTO

NUN'ALVARES — As 21 e 30 — A peça «Quanto importa ser leal» pelo T. E. P.

SÁ DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «As belíssimas pernas de Sabrina».

ÁGUA DE OURO — As 15 e 15 e 21 e 30 — «Os rebeldes do Kénia».

RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A maior aventura de Tarzan».

COLISEU — As 21 e 30 — «Viagem ao centro da Terra».

SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O homem do Rickshaw».

BATALHA — As 21 e 30 — «Intriga internacional».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A Bela Adonice».

VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Herodes, o grande».

OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O Sobrão Desce».

JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Doze homens em fúria».

**CUIDADO!... FECEM AS ESCOTILHAS!
APROXIMA-SE UM TEMPORAL DE
GARGALHADAS!**



(Maiores de 12 anos)



JERRY LEWIS em

O capitão sem barco

UM FILME
Paramount

UMA PRODUÇÃO **HAL WALLIS**

(Don't Give Up the Ship)

Amanhã no CONDES



MARIA VITORIA

Emp. "E. Salvador e R. Martins, Lda."
Às 20.30 e 22.45 (Adultos — M/17 anos)

SALVADOR

APRESENTA

EM PLENO ÊXITO

LEONIA MENDES

A POPULARÍSSIMA REVISTA

TACO A TACO

com **BIBI FERREIRA — ANTÓNIO SILVA**

**BARROSO LOPES HUBERTO MADEIRA — MARIA DOMIN-
GAS — ANITA GUERREIRO — OSCAR ACÚRSIO — LUCINDA
AMARAL e pela 1.ª vez nesta companhia LEÓNIA MENDES**

IMPRENSA

«Diário de Moçambique»

Ficou instalada na Rua Rodrigues
Sampaio, 21, 4.ª, Dto., a Delegação
em Lisboa do nosso prezado colega
«Diário de Moçambique». E' che-
fiada pelo jornalista Manuel da Sil-
va Costa.

TEATRO 1. 55133

MONUMENTAL

(Adultos
M/17 anos)
HOJE
às 21.45 h.

119.ª
representação
**LAURA
ALVES**
EM

**Margarida
da Rua**

a comédia e a musica que triun-
fam em todo o Mundo...

No elenco
**LUIS TITO, RUI CARVA-
LHO e PAULO RENATO**
Dir. musical de **ISSI FABRA**

Sábado às 16 h.
TARDE POPULAR
ESTUDANTES 7\$50 e 10\$00

Rigorosamente suspensas as
entradas de favor.

Não peça para dar a única
coisa que temos para vender.



TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

Todas as noites, às 21 e 30
(17 anos)

e aos sábados, às 15 e 30, em
Tarde Popular a preços redu-
zidos

A VISITA DA VELHA SENHORA

de **F. DURRENMATT**

Versão de Olavo de Eça Leal
interpretada por

AMÉLIA REY COLAÇO
e **ERICO BRAGA**

num elenco de 30 figuras

Coliseu

Hoje e todas as noites, a super-
produção em cinemascopo «Lo-
la Montes» e o filme de emo-
ção e «suspense» «O Pistoleiro
Negro»

O Coliseu tem, agora, no seu ma-
ravilhoso «ecran» panorâmico, um
programa duplo de cinema com a
superprodução em cinemascopo, 4
bandas magnéticas e cor de luxo,
«Lola Montes», uma genial inter-
pretação de Martine Carol e Peter
Ustinov. Com esta verdadeira obra-
prima do cinema mundial, exhibe-se
o extraordinário «Western» «O Pis-
toleiro Negro», filme de acção,
aventura, emoção e «suspense».

HOJE - ESTREIA POLITEAMA

UM FILME EXTRAORDINÁRIO DE WALT DISNEY

A HEROICA
EPOPEIA
DE UM
GUERREIRO!

ERA
O PRIMEIRO
A LUTAR!

QUERIA SER
O PRIMEIRO
A CAIR!

(M. 12 ANOS)



(O HEROI DA BATALHA)

CORAJOSO EM DESAFIAR A MORTE
E O ÚNICO SOBREVIVENTE DE
UM HISTÓRICO MASSACRE!

UM «SUSPENSE» DE 90 MINUTOS!

Notável desempenho de

SAL MINEO — JEROME COURTLAND — PHILIP CAREY — JOE PAGE
e **BRITT LOMOND**

UMA HISTÓRIA ESTRANHA! Excl. da **ASTÓRIA FILME**
TECNICOLOR

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE

TONKA

POLITEAMA



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Em Cinemascopo
e Metrocolor

O MARIDO DESCONHECIDO

Uma comédia de amor com
Deborah Kerr, Rossano Brazzi
e **Maurice Chevalier**



15.30 - 18.30 e 21.45
Adultos — 17 anos
Últimos
espectáculos

NÃO AMES UM DESCONHECIDO

c/ **John Drew Barrymore**
e **Lita Milan**
Perseguida pela recordação de si pró-
pria, a sua vida era uma constante fuga.



15.15 (p. r.) e 21.45
(M/17 anos)
Em Cinemascopo
e Metrocolor

O MARIDO DESCONHECIDO

Uma comédia de amor com
Deborah Kerr, Rossano Brazzi
e **Maurice Chevalier**



15.15 e 18.15 (p. r.)
(M/6 anos)
e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
JOSELITO

O PEQUENO SALTIMBANCO

Bilhetes á venda para os dias se-
guintes.



15.15 (M/6 anos)
e 21.30 (M/12 anos)

A BELA ADORMECIDA

Em «ecran» Technirama e Technicolor
A ultima maravilha do genial Walt
Disney.



21.00 (M/17 anos)
AL CAPONE
LADRÕES DE AUTOMÓVEIS



A's 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
(M/17 anos)
Telefones 50595
Uma obra-prima de «suspense» passada
em Monte Carlo
Um filme famoso
com **Edward G. Robinson e Rod Steiger**



HOJE às 21.30
Notável Estreia
A vibrante epopeia
de um heroico guer-
reiro

TONKA (O HEROI DA BATALHA)

com **Sal Mines, Jerome Courtland,**
Philip Carey e Joy Page
TECNICOLOR (Maiores 12 anos)

Hoje, às 18.15: Sessão da série «Os
Grandes Romances de Amor» — Adul-
tos (M/17 anos).



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
Catarina Valente
e **Vitorio de Sica**
em

CASINO DE PARIS

O mais espectacular filme de grande
«music-hall» em luminoso Technicolor
e Francope



15.30 e 21.45
(Adultos)
Retoma a sua sen-
sacional carreira em
5.ª SEMANA
de lotações esgotadas

MULHERES PERIGOSAS

com **Sylva Koscina e Dorian Gray**



21.15 (M/17 anos)
TOTÓ
EM PARIS
com **Totó**
e **Sylva Koscina**



21.00 (M/12 anos)
VIVA
O CASAMENTO
No programa:
FLAMENCA



15.15 e 21.30
(M/12 anos)
Danny Kaye
Telefones 55134/5
OS CINCO REIS
c/ **Louis Armstrong e Barbara Geddes**
Technicolor — Vistavision



15.15 - 18.15
e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Brigitte Bardot
António Vilar
em

A MULHER E O FANTOCHE

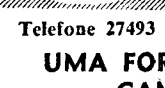
O unico filme que justificou a vinda
a Portugal de **Brigitte Bardot**.



15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
(M/12 anos)
Telefones 72777

O MUNDO NOS SEUS BRAÇOS

com **Gregory Peck e Ann Blith**
Um dos maravilhosos romances de
amor eternizado num filme emocionante.



HOJE às 21.30
Em despedida
A vibrante odisséia
de um pistoleiro en-
tre homens sem
medo

UMA FORÇA NO SEU CAMINHO

com **Mark Stevens e Forrest Tucker**
Cinemascopo — Adultos (M. 17 anos)
Telefones 48560



21.00 (M/17 anos)
**A HISTÓRIA
DO MEU CRIME**
OURO E SANGUE



21.30 (M/17 anos)
INTRIGA INTERNACIONAL
com **Cary Grant**

O Presidente da República em Cacia e Estarreja

(Continuação da 1.ª página)

ro-tenente Benvindo da Fonseca, seu oficial às ordens.

A entrada das modernas instalações da Companhia Portuguesa de Celulose, o Chefe do Estado era aguardado pelos componentes do conselho de administração, tendo à frente o respectivo presidente, engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, por membros do conselho fiscal e por outras individualidades, entre as quais, como convidados de honra, o governador civil e o presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

Após os cumprimentos, começou a visita às instalações fabris que ocupam uma área de 400.000 metros quadrados e têm uma superfície coberta de 35.000 metros quadrados.

A visita — que durou cerca de 3 horas e foi efectuada de automóvel — começou pelas instalações administrativas, onde, por meio de gráficos, foi dada ao almirante Américo Tomás uma ideia geral do grande conjunto da fábrica, onde actualmente têm ocupação 1.350 pessoas, entre engenheiros, pessoal administrativo e operários.

Depois, o Chefe do Estado e a comitiva dirigiram-se para a estação de bombagem e de tratamento da água que alimenta uma central termo-eléctrica onde se produzem o vapor e a energia indispensáveis aos diversos fabricos.

Sempre esclarecido pelos engenheiros em serviço, que superintendem em cada sector, o almirante Américo Tomás assistiu às diversas fases da preparação da madeira, matéria-prima inicial de todos os produtos e subderivados ali fabricados.

Percorreu os vários sectores do fabrico da celulose: o da digestão, o da lavagem, o da depuração e o do branqueamento.

Viu ainda o acabamento das diversas qualidades da pasta em fardos, num sistema automatizado, no qual se destaca uma máquina do processo mais recente de secagem por ar quente, e assistiu à fabricação do papel, numa máquina de alta velocidade que está provendo às necessidades dos jornais do País e ainda produzindo papéis «Kraft» para embalagem, destinado à exportação para vários países da Europa e ao mercado nacional.

Foram visitadas as instalações de fabrico de cartões canelados e de sacos para toda a espécie de embalagem, em especial para cimento.

A visita terminou nos laboratórios.

A produção total do ano findo ultrapassou 47.000 toneladas, o que dá uma ideia da eficiência da produção que de começo estava calculada para um valor muito inferior: 30.000 toneladas.

O Chefe do Estado — que se mostrou vivamente interessado por tu-

do quanto vira dirigiu-se para a cantina do pessoal, onde se efectuou um almoço a que presidiu e ao qual assistiram cerca de 50 convivas.

O engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, depois de agradecer a presença do Chefe do Estado e o seu interesse pelas actividades industriais do País, bem como a comparação do ministro da Economia, do subsecretário de Estado da Indústria e das outras entidades, disse:

— Trata-se, de facto, de uma indústria que bem merece este qualificativo, não só porque utiliza, com larga preponderância, matérias-primas nacionais, como também porque contribui, em grau até certo ponto apreciável, para diminuir o «déficit» da nossa balança das exportações, relativamente à importação. A sua principal matéria-prima, a madeira — que era antes exportada em bruto, a preço baixo — passou a ser convertida num produto mais nobre que, se, por um lado, evita a importação de pasta e de papel, por outro lado constitui produto exportado, na medida total em que as necessidades do País o não possam utilizar. E continuou afirmando:

— Ao mesmo tempo, a madeira valorizou-se a um ponto não atingível até agora por qualquer outro produto da terra. É, pois, fora de duvida que a nossa é uma indústria de interesse nacional, pelos seus benéficos efeitos na economia da Nação, e para isso não foi preciso acudir-lhe com protecção pautal que a tornasse apta a viver no nosso mercado interno, nem com bonus de exportação, ou artifícios semelhantes para poder concorrer nos mercados internacionais.

O Chefe do Estado agradeceu e manifestou-se profundamente satisfeito pelo que vira e ouvira, numa afirmação viva de iniciativa e de actividade, de interesse nacional.

No Amoníaco Português

Terminado o almoço o sr. almirante Américo Tomás e comitiva, e acompanhado também pelos srs. governador civil e presidente do Município de Aveiro, dirigiu-se de automóvel para Estarreja, a fim de visitar as amplas instalações do Amoníaco Português, onde chegou cerca das 15 horas e foi recebido, ao portão do grande centro industrial, pelos componentes do conselho de administração e pelo pessoal superior. O corpo de bombeiros da empresa, em grande uniforme, e a banda de música da Casa do Pessoal, prestaram honras ao Chefe do Estado, antes da sua entrada no pavilhão dos serviços administrativos, onde foi descerrada uma lápida comemorativa da visita presidencial, ao mesmo tempo que o grupo coral da Casa do Pessoal entoava o hino nacional. Em seguida o sr. almirante Américo Tomás subiu ao primeiro andar — sala da administração — onde lhe foi apresentado o pessoal superior. Ali, o director fabril, engenheiro Milhão Pereira, mostrou ao Chefe do Estado o esquema industrial do empreendimento, cujo valor de investimento é de cerca de 515 mil contos.

Seguiu-se a visita às várias dependências do grande aglomerado fabril, que tem a capacidade anual de fabrico de 120 mil toneladas de sulfato de amónio, começando pelas instalações e defraccionamento de ar, reservatório de amoníaco, instalação de bombagem, gaseificação, salas de gasogénio e de comando, e dessulfurização, tudo compreendido na síntese I.

A hora a que telefonamos, o Chefe do Estado percorre as dependências da síntese II que compreende a fábrica de ácido sulfúrico, as instalações de ensacamento e armazenagem. Fimada a visita será oferecida, no refeitório da fábrica, uma merenda ao sr. Presidente da República e demais visitantes, e durante a qual a banda de música e o orfeão da Casa do Pessoal se farão ouvir.

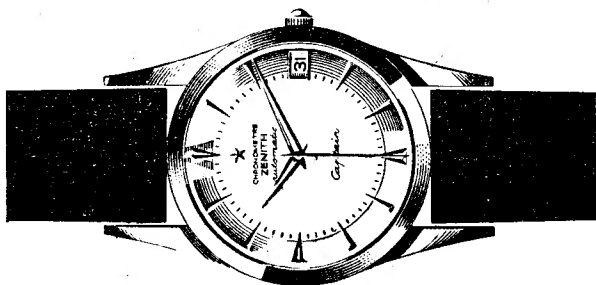
Aos brindes, saudará o Chefe do Estado, o sr. dr. Meneses Soares, na qualidade de representante do maior accionista da empresa — a Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Pela administração do Amoníaco Português — cujo carácter é nitidamente nacional e de interesse da Lavoura, porquanto é uma empresa comandada pelos dois maiores accionistas, que são a Federação Nacional dos Produtores de Trigo e a Junta Nacional do Vinho, organismos que inteiramente se dedicam aos problemas da agricultura — foi oferecido, antes da visita do Chefe do Estado, um almoço a todos os que trabalham no fabrico do Amoníaco Português, comportando cerca de mil pessoas.

A fama do ZENITH vem de longe



A perfeição do relógio **ZENITH** levou-o até hoje á obtenção de 791 primeiros prémios.

Em relojoaria não se fabrica melhor.



ZENITH o melhor dos bons relógios.

Associação Comercial de Lisboa Câmara de Comércio Portuguesa

FUNDADA EM 1834

A mais importante e mais antiga organização do Comércio Nacional — Secções Técnicas de Importação e Exportação — Informações Comerciais — Contencioso Jurídico, Fiscal e Aduaneiro — Estudos Económicos — Biblioteca

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89 — LISBOA2

Telefs. P. P. C. 27179 — 27289



CROCODILO
Esc. 347500



LACA DA CHINA
Esc. 678500



MOD. DE MESA
Esc. 571500

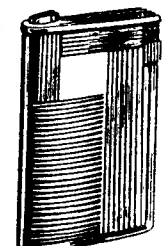


CROMADO
Esc. 200500

«CLASSIQUE»

Estudado e realizado no sistema dos isqueiros com mola é o melhor, mais elegante e o menos caro da sua categoria.

Preços de 120500 a 140500



CROMADO
Esc. 140500

«COMPOUND»

100% automático. Revolucionou a técnica do isqueiro a gás, e é o único que oferece uma

GARANTIA ILIMITADA

Preços de 170500 a 907500

LAFORST, LDA - Avenida da Liberdade, 140, 2.º LISBOA

HONRA QUEM OFERECE-DÁ PRAZER A QUEM RECEBE

SILVERMATCH

GARANTIA ILIMITADA

FEIRA DOS RAMOS em Évora

EVORA, 7. — Nos terrenos municipais do Bairro da Senhora da Glória, efectua-se amanhã a tradicional Feira dos Ramos, primeiro grande mercado do ano, em gados de todas as espécies, especialmente do género lanígero. No recinto da feira há muitas barracas de artefactos agro-pecuários, mantas regionais, calçado, fatos, etc.

NOVO «STAND» de automóveis

Na Avenida António Augusto de Aguiar, 25-C, a Sociedade Lusolândia, Lda., inaugura hoje às 18 horas, um novo «stand» de vendas, onde serão apresentados os modelos de veículos produzidos pela firma que representa: NSU Werke Ag. de Neckarsulm, na Alemanha Ocidental.

OS CAMPEONATOS

da M. P. Feminina

terminaram hoje em Leiria

No campo de jogos da Escola Técnica de Leiria, realizou-se hoje o festival do encerramento dos campeonatos nacionais de voleibol, basquetebol e badminton (pares) da Mocidade Portuguesa Feminina.

Nos jogos de ontem, registaram-se os seguintes resultados:

VOLEIBOL — Liceu de Braga, 2-0; Liceu de Évora, 0; Colégio de N. S. de Fátima, de Castelo Branco, 31-0; Liceu D. Filipa de Lencastre, 2-0. Arbitros: sr. D. Maria Palmira Barroso Mendes e D. Leontina Cordeiro.

BASQUETEBOL — Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, 20-Liceu de Évora, 15; Liceu de Braga, 31-Liceu de Évora, 4; Liceu de Braga, 8-Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, 13. Arbitragem a cargo das sr. D. Clotilde Abrantes e D. Maria José Fragoso.

BADMINTON (pares) — Liceu D. Filipa de Lencastre, 2-Colégio de Santa Cruz, de Coimbra, 0, arbitrado pela sr. D. Lavinia Pais.

No festival de encerramento, defrontaram-se equipas de voleibol e de basquetebol da Mocidade P. F. com grupos da secção feminina da Falange Espanhola, que se deslocaram ao nosso País, a convite do Comissariado Nacional da M. P. F.

TÊNIS DE MESA

A Hungria — vencedora absoluta dos campeonatos europeus

ZAGREB, 7. — A Hungria ganhou, nesta cidade, os títulos de homens e de senhoras, nos campeonatos europeus de ténis de mesa.

Aquele país obteve o título de homens ao derrotar a Suécia e a Inglaterra, respectivamente, por 5-4 e 5-1, na eliminatória final entre três equipas.

Na final, individual, entre senhoras, a Hungria bateu a Inglaterra, detentora do título, por 3-1. — (Reuter).

DESPORTOS

DESPORTO

UNIVERSITÁRIO

Futebol de salão

No Pavilhão dos Desportos, realizaram-se mais alguns encontros do Campeonato Regional de futebol de salão. Como habitualmente, os jogos despertaram interesse, que teve plena confirmação em algumas partidas vivamente disputadas. Assim, os resultados desta jornada apresentam apenas diferenças de um ou dois golos e dos encontros de mais interesse salientamos Técnico A-Direito B, que o primeiro venceu por 4-2, e L. N. E. F.-Medicina, igualmente ganhou pela primeira equipa por 3-2. Os restantes jogos tiveram os seguintes resultados: Ciências, 4-Belas-Artes, 2; Ultramarinos, 0-Farmácia, 0; e Económicas, 4-Agronomia, 2.

O Campeonato de Voleibol prossegue amanhã com a realização de dois encontros da 3.ª jornada: Ciências-Agronomia e Económicas-Direito, que se realizarão no ginásio do Técnico.

HÓQUEI EM PATINS

Chegaram os hóqueistas de Lourenço Marques

Chegaram hoje, em avião da T. A. P., vindo de África, os hóqueistas laurentinos Velasco, Bouçós, Moreira e Adrião, que vêm participar nos treinos da selecção nacional com vista à «Taça das Nações» e ao Campeonato do Mundo.

No aeroporto, foram cumprimentados pelos srs. Tito Moreira Rato e Horácio Cunha, directores da Federação Portuguesa de Patinagem.

BASQUETEBOL

O Liberdade voltou ao «comando» do «Nacional» da 2.ª Divisão

No ginásio do Técnico, prosseguiu ontem, á noite, o campeonato nacional da 2.ª divisão, tendo o técnico e o Liberdade ganho os seus encontros, o primeiro dos quais com extrema dificuldade. Todos os grupos têm já derrotas, o que significa que no torneio não há equipas com acentuada diferença de valores. A nota de equilíbrio chega ao ponto de ainda não se descortinar com precisão o vencedor desta primeira fase. O Liberdade, com o seu triunfo de ontem, voltou ao «comando» da sua série. Por outro lado, o Montijo, ainda com um jogo em atraso, poderá vir a igualá-lo, mas para isso será necessário que vença o Algués no próprio campo deste, o que nos parece, de certo modo, difícil, dado que os «rapazes» do Algués, campeões de Lisboa, estão também interessados em ganhar a série. Dos restantes grupos, o Nacional «comanda» o segundo conjunto da tabela, isto é, marcha na vanguarda das equipas que já não podem ter aspirações. Apesar deste facto, há, porém, que afirmar que os encontros realizados entre estes grupos mantêm um nível e um despique fora do vulgar.

Depois desta jornada a classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Liberdade ..	7	6	—	1	252-233	19
Montijo	6	5	—	1	240-168	16
Algués	6	4	—	2	279-210	14
Nacional	7	2	1	4	237-249	12
Técnico (a) ..	6	2	1	3	231-251	11
C. A. C. O. ..	7	—	—	7	213-311	7

Nacional, 37-Técnico, 38

(Ao intervalo: 23-18)

Alinharam e marcaram:

NACIONAL — A Sousa, 4; Edmundo, 6; F. Ferreira, 12; Mesquita, 8; Hugo, 7.

TÉCNICO — Santana, 3; Araújo; Pessoa, 12; Más, 10; Vasconcelos; Vicente Costa, 10; e Cordeiro.

Arbitros: Artur Rezende e Amadeu Rodrigues.

Durante o primeiro tempo, o Na-

cional, no seu estilo característico, isto é, jogando á base de fogosidade e energia física, pôde dominar o adversário, impondo-se por vezes, até ao ponto de ganhar alguma vantagem na marcação. Assim, foi, natural, que, ao intervalo, o marcador acusasse cinco pontos de vantagem.

No segundo período, o Técnico reagiu com mais precisão e aproveitando-se da quebra física do adversário aproximou-se da marcação obtida, até então, pelo Nacional, que assim consentiu que os ultimos momentos da partida fossem decisivos para o triunfo dos «engenheiros».

Liberdade, 37-C.A.C.O., 27

(Ao intervalo: 18-15)

Alinharam e marcaram:

LIBERDADE — Nunes; José Maria, 13; Lourenço; Neves, 4; Ildebrando, 15; Hermenegildo, 5.

C. A. C. O. — Aires, 12; Macedo, 2; Alves; Ferreira, 2; Simões, 11 e A. Alves.

Arbitros — Amadeu Rodrigues e Artur Rezende.

Partida disputada com ardor na qual o marcador sofreu oscilações, favoráveis a ambas as equipas. Assim, os «campo-ouriquenses», de início, adelantaram-se na marcação ao ponto de alcançarem facilmente 13-3. Uma reacção do Liberdade teve êxito, e, ainda mercê da sua excelente «meia-distância», ao intervalo conseguiu atingir 18-15 a seu favor.

Na segunda parte, a partida não perdeu interesse, pois o Campo de Ourique nunca se deu por vencido. A um minuto do fim, o Liberdade ganhava apenas por um ponto que reflecte, sem dúvida, o ardor da luta. Nos derradeiros momentos quatro lançamentos felizes do Liberdade fizeram-no vencedor mais destacado.

FUTEBOL

Francisco Guerra será o árbitro do Benfica-Sporting

De acordo com o que publicámos anteante, será um juiz do Porto que arbitrar o encontro Benfica-Sporting, considerado decisivo e ansiosamente aguardado.

A escolha recaiu em Francisco Guerra, um árbitro de magníficas provas prestadas em jogos com a importância daquela que no domingo encherá de emoção o Estádio da Luz.

A selecção brasileira jogará no Porto?

Quando da sua passagem pelo nosso País, a caminho da Checoslováquia, a selecção brasileira de futebol talvez jogue no Porto, contra uma selecção portuguesa, e num espectáculo a favor da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

A data prevista é a de 15 de Maio e a selecção do Brasil pretende 500 contos por esse jogo.

Aquela associação iniciou já as suas diligências para a realização do encontro, tendo recebido já a oferta da Confederação Brasileira dos Desportos.

O Sporting recorre hoje do protesto do Braga

O Sporting apresentará hoje, ás entidades superiores o seu recurso sobre o indeferimento da anterior reclamação acerca da recepção do protesto do Sporting de Braga fora do prazo regulamentar.

Depois de amanhã, reunir-se-á o conselho técnico da F. P. F. para decidir sobre o assunto.

A Suíça venceu o Chile

BASILEIA, 7. — A Suíça derrotou o Chile por 4-2, num encontro internacional de futebol que se realizou nesta cidade, na noite passada. — (R.).

Uma linda dinamarquesa árbitro de futebol...

AALBORG (DINAMARCA), 7. — O mais jovem árbitro de saias da Dinamarca — uma estudante de 14 anos — fará a sua estreia num desafio de futebol, a realizar no domingo, entre duas equipas desta cidade, constituídas por homens.

Lone Soerensen, uma linda rapariga, de cabelos louros, terá seu pai, presidente da Associação de Arbitros do Sul da Jutlandia, como fiscal de linha. — (R.).

O CONGRESSO

Luso-Brasileiro de Educação Física

Foi nomeado presidente da comissão organizadora do Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física o sr. dr. José Andresen Leitão, director do Instituto Nacional de Educação Física.

Naquela importante manifestação, que se realizará em Lisboa, no referido instituto, de 15 a 20 de Agosto, integrada nos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, participarão, como congressistas, quase todas as federações, associações e clubes desportivos do País.

O Congresso dividir-se-á nas seguintes secções:

1.ª, construções e material didáctico; 2.ª, desportos; 3.ª, ginástica; 4.ª, medicina e educação física; 5.ª, pedagogia e psicologia.

O sr. prof. Pedro Nolasco da Silva foi designado o secretário-geral do congresso.

O subsecretário da Educação vai reunir-se com a Imprensa depois de amanhã

Depois de amanhã, ás 11 horas, no S. N. I., o subsecretário de Estado da Educação Nacional fará uma exposição á Imprensa acerca da realização dos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros e do Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física. Nessa reunião estará presente o director-geral dos Desportos.

FESTIVAL

em Vila Franca

Organizado pela União Desportiva Vila-franquense, realiza-se hoje, ás 22 horas, no ringue de patinagem «Dr. Vidal Baptista», a «Noite desportiva». Do programa consta um encontro de hóquei em patins, entre a categoria de honra do Paço de Arcos e da União Vila-franquense, e um desafio de handebol de 7, em jornada de propaganda, entre o Alverca e o Vila-franquense.

O 26.º ANIVERSÁRIO

do G. D. Adão, Camiseiros

Depois de amanhã, ás 22 horas, no Centro Espanhol, o Grupo Desportivo Adão, Camiseiros realiza uma festa comemorativa do seu 26.º aniversário, preenchida com bailes e variedades, e na qual colaboram alguns dos nossos melhores nomes do teatro, rádio e televisão.

Vida musical

Concerto na igreja do Loreto

Amanhã, ás 21 e 45, haverá um concerto na igreja do Loreto. Será interpretado o famoso «Stabat Mater», de Pergolesi, pelo coro das alunas do Instituto de S. Pedro de Alcantara, a Orquestra Universitária de Musica de Camara e solistas, sob a direcção de Manuel Ivo Cruz.

O concerto é organizado pela direcção diocesana da L. U. C. E., e os bilhetes podem ser pedidos para a sua sede ou pelos telefones 46884 e 43243.

Audição dedicada á memória do barítono Leonard Warren

O concerto de musica gravada, amanhã, ás 18 horas, na Biblioteca Americana, é dedicado á memória do barítono Leonard Warren, há pouco falecido no palco do Metropolitan Opera House de Nova York. O programa será inteiramente preenchido com interpretações daquela artista.

O Quarteto Belga de Londres no Tivoli

A Juventude Musical Portuguesa, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, apresenta no Tivoli, amanhã, ás 18 e 30, o Quarteto Belga de Londres, constituído pelo violinista Maurice Raskin, prémio internacional «Fritz Kreisler»; pianista André Dumortier, violista Aie Van de Moortel e violoncelista Jean Van Den Doorn, prémio «Pablo Casals». Serão executadas obras de Mozart («Quarteto em sol menor, K 478»), Absil, («Quarteto com piano, op. 33») e Fauré («Quarteto em dó menor, op. 15»).

Manuscritos de compositores célebres

BONN, 7. — Num leilão que se realizou em Heidelberg, um manuscrito de Mozart — o 1.º e 2.º preludios do «Concerto Koechel 271», composto em 1777 para uma pianista francesa — foi vendido por 8.000 marcos.

Uma carta de Wagner, escrita a uma sua amiga, Julie Kummer, foi adjudicada por 550 marcos, e uma outra, de Goethe para Frederico Unzelmann, foi paga por 2.500 marcos. — (F. P.).

CASA MAX

Apresenta a melhor colecção de Lanifícios, sedas e algodões para as suas toilettes.

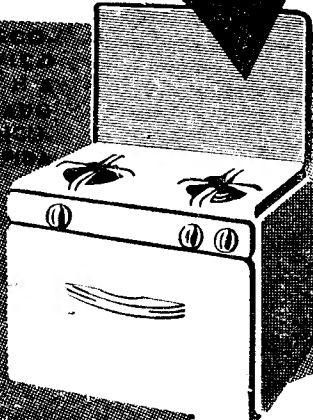
F O G O E S

BRACHET RICHARD

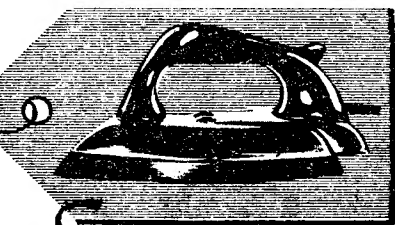
NA CIDADE • NO CAMPO • NA PRAIA

PREÇO ACESSÍVEL
BAIXO CONSUMO
ALTO RENDIMENTO

CONSTRUÍDOS PARA
RAÇÃO E GRANDE
NA SUA CO
COMPLETAMENTE E
A BRANCO COM T
NÁVEL PARA A LIM



UM MAGNÍFICO FERRO ELECTRICO DE ENGOMAR ULTRA, BRINDE
NO VALOR DE 125\$00, A CADA COMPRADOR DE UM FOGÃO
BRACHET RICHARD PARA GAZOLINA OU DE CIDADE



REPRESENTANTE:

ESTABELECIMENTOS

Sida, LDA.

RUA DE S. NICOLAU, 44-48 — TELEFS. 29332 A 29335 (PPCA) LISBOA

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, e o céu estava muito nublado por acção duma massa de ar transportada na circulação duma depressão centrada a sudoeste da Irlanda.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS — Lisboa, Porto, Coimbra e Ponta Delgada, 13°; Funchal, 15° e Faro, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 14,6°; na água do mar, 13,9°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 16 HORAS: máxima, 15,5°; mínima, 13,1°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 21,6°; mínima, 10,5°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu encoberto, passando gradualmente a muito nublado. Chuva fraca e aguaceiros durante o dia de amanhã. Vento fraco, passando a Noroeste fraco a moderado.



Doutoramentos

na Faculdade de Medicina

Na Faculdade de Medicina, começaram esta tarde as provas de doutoramento dos srs. dres. David Ferreira e Lopo Canela de Abreu que apresentaram, respectivamente, as teses «A diferenciação do condrioma, aparelho de bolgi e ergastoplasma: estudo acromicroscópico electrónico» e «Suberosa: operações pulmonares relacionadas com a inalação de poeiras de cortiça».

Esta tarde, efectuou-se a discussão das teses.

O juri, presidido pelo reitor da Universidade, sr. prof. dr. Marcello Caetano, é constituído por todos os catedráticos da Faculdade de Medicina e pelos profs. Armando Fares de Sousa, de Coimbra, e Manuel da Silva Pinto, do Porto, para o doutoramento do licenciado David Ferreira, e profs. João Maria Porto, de Coimbra, e Manuel Cerqueira Gomes, do Porto, para o doutoramento do licenciado Lopo Canela de Abreu.

Um empregado comercial fala-nos na necessidade do fim-de-semana para a classe



Avelino Vasques

Os empregados no comércio lisboeta continuam a efectuar diligências para obtenção do seu fim-de-semana durante, pelo menos, os meses de Verão. Esta é a informação que nos concedeu mais um laborioso e solícito trabalhador comercial, o sr. Avelino Vasques Ferreira Alvarez, que exerce a sua profissão na firma Alvarez & C., Irmaão, sita na Rua da Prata, 223, e que também faz parte da comissão pró-fim-de-semana, representando o ramo de droga-

— Considero o assunto de quase total argumentação a nosso favor. Não obstante, julgo que as nossas aspirações podem resumir-se ao objectivo que levou os poderes publicos a instituírem o regime de fim-de-semana: maior repouso. Ao fazê-lo, trilharam o caminho mais aconselhável e até mais produtivo.

E prosseguiu o sr. Avelino Alvarez:

— O funcionário publico, administrativo e corporativo, está sujeito a um horário diferente do que vigora para os empregados comerciais. É do conhecimento geral que tais funcionários trabalhavam, em

regra, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, num total de seis horas. O mesmo sucedia nas empresas, companhias e demais organismos particulares, com o horário das 10 às 12 e das 14 às 18, com o mesmo total de seis horas.

«Ora, o empregado comercial, salvo raras excepções, entra ao serviço às 9 horas, interrompe às 13, retoma as funções às 15 e sai às 19. Total, oito horas. Bastaria, pois, esta diferença de horários para se justificar, plenamente, a extensão do fim-de-semana aos modestos empregados comerciais, já que, quanto aos funcionários que primeiro beneficiaram dessa regalia, a determinação superior teve unicamente a finalidade de criar-lhes um descanso mais prolongado, ligando a tarde de sábado ao dia de domingo. Sem pretender fazer comparações de géneros de serviço, entendo, todavia, ser justíssimo semelhante regalia para os empregados comerciais.

— Mas, não será prejudicial aos patrões o encerramento dos seus estabelecimentos na tarde de sábado?

— Nenhum prejuizo podem advir. Na sua maioria, os patrões são assíduos e já foram empregados. Eles reconhecem a justiça da nossa pretensão e beneficiam também do descanso de que, igualmente, tanto precisam.

— Quanto às horas propicias ao publico, para fazer as suas compras?

— Também não vejo qualquer inconveniente. Repare-se que, apesar das diferenças dos horários, os funcionários publicos ou de escritórios podem frequentar os estabelecimentos e os empregados comerciais têm tempo para tratar de assuntos nas repartições publicas. Tudo se ajustará, para benefício de todos. É isso o que de resto, nós desejamos.

O PREÇO

DO VOTO

GRAZ (Estíria), 7. — Na Austria, o voto é obrigatório, e os abstencionistas estão sujeitos ao pagamento de uma multa de 1.000 «shillings».

Atemorizado pela ideia de ter de pagar esta quantia, Klement Lindner, de 57 anos, que não se tinha apresentado ao escrutínio municipal, por simples negligência, preferiu enforcar-se. — (F. P.).

Dia Mundial da Saúde

A erradicação do paludismo — desafio ao Mundo

O sezonismo foi sempre considerado um dos maiores flagelos da Humanidade, e o seu estudo perde-se, com a noção inicial de febre intermitente, na obscuridade das origens da medicina.

O homem, através dos tempos, tem dedicado muito do seu esforço ao combate deste mal, que se estabelece sob forma endémica e epidémica, de morbilidade e mortalidade elevadas e com enorme repercussão nos problemas económicos e sociais.

Sómente depois das descobertas que levaram aos conhecimentos actuais sobre a epidemiologia da doença, se tornou fácil compreender como era inevitável o fracasso dos esforços efectuados para combater o paludismo, naquelas épocas em que quase tudo se ignorava e, principalmente, se desconheciam estes três elementos fundamentais à propagação: a natureza parasitária e o agente; a forma de transmissão e o vector; a existência do reservatório humano, fonte permanente de novas infecções, constituído pelos portadores de parasitas.

A luz desses conhecimentos, e assentando, portanto, em bases epi-

demiológicas verdadeiras, foi, então, possível estabelecer processos de luta anti-sezonática cada vez mais eficazes. E uma vez sabido, também, que os anófeles transmissores podem ser diferentes de raça e de espécie e que a sua distribuição geográfica condiciona a epidemiologia da doença segundo a biologia especial de cada uma delas, tornou-se evidente que os resultados a obter pela luta antipalúdica dependeriam sempre da escolha e da perfeita aplicação dos métodos a empregar, em cada região, segundo a biologia do vector.

Finalmente, os insecticidas por contacto e de acção remanescente, revelaram tais possibilidades que, pode bem afirmar-se, se iniciou uma nova era para o combate contra o sezonismo endémico. E, desde logo, nasceu a esperança de se poder vir a atingir a erradicação da doença.

Hoje, o paludismo foi já eliminado nalguns territórios e noutros, muito mais vastos, estão projectadas ou decorrem campanhas de er-

(Continua na 11.ª página)



A multidão, alheia á chuva e ao frio, esperou a pé firme a sua oportunidade

Um bilhete para o Benfica-Sporting justifica o sacrifício de uma noite à chuva e ao frio

Um pouco cépticos, perante aquela «bicha» de milhares de pessoas que se agrupavam junto das bilheteiras do Estádio de Alvalade, a fim de comprar bilhete para o Benfica-Sporting, a efectuar no próximo domingo, não resistimos a perguntar a uma das pessoas da frente:

— Acha que vale a pena esperar

17 horas pela abertura de uma bilheteira, enquanto apanha chuva e frio?

A pergunta provocou um esparto indescritível no nosso interlocutor. Ele era, certamente, um da-

Sporting-B
Sporting-B
Mais alé
das Neves
do. Está al
nhã.

— No fim
arranjar b
Junta-se
Não há du
ting é sen
cimento!



Primeiro lugar na bicha — o sacrifício

queles que, ontem, às 18 horas, começou a formar a interminável «bicha», munido de mantimentos e agasalhos para a noite e de cartas de jogar... para fazer paciências! Afastamo-nos para não ouvir a resposta...

As 11 horas da manhã de hoje, altura de abrir a bilheteira, a «bicha» engrossara e estendia-se por uns 700 ou 800 metros. Uma multidão compacta, coberta de guarda-chuvas negros, não lhe faltando o elemento feminino.

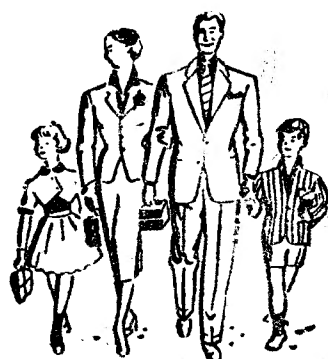
O sr. Guilherme da Silva Rodrigues Saraiva é o «lanterna amarela» da «bicha». Chegou às 18 horas de ontem e conversou toda a noite. Não parece muito abatido, apesar de tudo. Acha que o Sporting tem possibilidades de ganhar. Os maranhenses Norberto Augusto Andrade e David José Lopes Lamartine são os n.º 2 e 3 da «bicha». São ferrenhos do Sporting, que, segundo os seus prognósticos, ganhará por 2-1.

Outro dos «pacientes» diz-nos: — O Sporting ganha com certeza, se os árbitros cumprirem com serenidade e imparcialidade a sua função...

Chove desde as 5 e 30 da manhã. Nas imediações do Estádio, desembocam mulheres, com filhos ao colo, que «vem procurar os maridos».

— Hoje, nem fui trabalhar — afirmamos um rapaz.

— Eu não fiz a venda... Mas um



Lanatygo

RUA DE SANTA JUSTA, 42

TELEFONE P. P. C. 36 63 45

LANIFÍCIOS, SEDAS, ALGODÕES, MALHAS, MEIAS, PER-FUMARIAS, BIJUTERIAS, ATOALHADOS, DECORADOR, ROUPARIA, UTILIDADES, CAMISARIA, GRAVATARIA, LUVARIA, SAPATARIA, CONFECÇÕES, MALAS, PASTAS, CARTEIRAS

MODAS E NOVIDADES

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE



No ano do 125.º aniversário

Capital e Reservas: 344 mil contos

Sede: Largo do Corpo Santo, 13, Lisboa

Telef. 20381



pé firme a sua oportunidade

Benfica - Sporting

Sporting-Benfica é sempre um Sporting-Benfica.

Mais além, o sr. José Fernandes das Neves é um homem preocupado. Está ali desde as 3 e 30 da manhã.

— No fim disto, sou capaz de não arranjar bilhete...

Junta-se mais gente á «bicha». Não há duvida. Um Benfica-Sporting é sempre um grande acontecimento!



na bicha — o sacrifício será compensado

horas, co-terminável
mentos e
de cartas
pacências!
uvir a res-

de hoje,
beira, a «bi-
dia-se por-
Uma multi-
de guarda-
faltando o

silva Rodri-
na amare-
as 18 horas
da i noite,
ordo, apesar
orting tem
Os mari-
o Andrade
artine são
São ferre-
segundo os
rá por 2-1.
diz-nos:
m certeza,
a com sere-
a sua furi-

ja man-
dio, desem-
nos ao colo,
maridos».
dhar — afir-

... Mas um

A herdeira dos Remingtons casou-se finalmente com o ex-motorista romeno

HENDERSONVILLE (CAROLINA DO NORTE), 7. — A jovem herdeira americana Benedita Gamble, que não conseguiu casar-se ontem com o ex-motorista romeno, André Porumbeanu, em Dillon, no Estado de Carolina do Sul, casou-se, depois, nesta cidade. O casamento foi celebrado pelo juiz de paz.

O enlace em Dillon não pôde realizar-se porque o advogado da avó de Gamble, sua tutora legal, pediu às autoridades que impedissem o casamento. Provavelmente, em virtude desta dificuldade, os jovens resolveram desaparecer, apresentando-se ontem no registro civil de Hendersonville, munidos de todos os papéis e certificados, exigidos pela lei. Apenas a validade do divórcio mexicano de Porumbeanu poderia ser contestada. Assim, pediram ao advogado Redden que verificasse se o divórcio tinha validade no Estado de Carolina do Norte. Perante a resposta afirmativa, o juiz de paz, numa breve cerimônia, e na presença de testemunhas, deferiu o pedido.

No seu regresso da Europa, o ano passado, «miss» Gamble fora colocada sob custódia do tribunal de Brooklyn. Quanto a Porumbeanu, comprometeu-se a não tornar a vê-la antes de ela atingir a maioridade. — (F. P.).

O QUE ESPERA GAMBLE...

NOVA YORK, 7. — «Gamble não sabe o que a espera» — declarou ao ser interrogada pelos jornalistas, a mulher do ex-motorista romeno. Declarou não ter o mais pequeno sentimento por seu marido e disse: «Para mim, não chega mesmo a existir».

Acrescentou: «Não ter senão um objectivo na vida, que é educar a sua filha, Gigi, de 10 anos, e pou-

As obras de assistência das Juntas de Freguesia

Num dos salões do Governo Civil sob a presidência do chefe do distrito, sr. dr. Osório Vaz, reuniram-se, hoje, os representantes da União das Juntas de Freguesia — 53 presidentes desses organismos para apreciarem as contas do ano findo e o plano de trabalhos para o corrente — e as direcções da Comissão Central das Juntas de Freguesia e da União Nacional, da Misericórdia, representantes da Câmara Municipal, da Casa Pia e da Direcção-Geral da Assistência.

O sr. dr. Osório Vaz fez uma larga exposição dos trabalhos da Comissão Central e dos planos de assistência, cultural, social e educativa, assinalando os benefícios prestados pelas colónias de férias e balnear e em assistência hospitalar a doentes crónicos, internados em Alcains, e a crianças, filhas de pais tuberculosos, em Rio de Mouro. Ali estão instaladas 40 crianças e, este ano, em resultado da ampliação da instalação, aquele numero deve ascender a 100.

pála a toda a publicidade feita agora á volta de seu pai». Depois que foi abandonada por seu marido, trabalhou sucessivamente como criada, servente, empregada de balcão e criada de crianças. — (F. P.).

REUNIÃO

de antigos combatentes

No próximo domingo, realiza-se a reunião anual dos ex-combatentes do R. I. 5, na Grande Guerra, em França, sendo a concentração ás 12 horas no Terreiro do Paço.

Em caso de chuva a concentração realizar-se-á sob as arcadas, junto ao Ministério da Marinha.

Testemunho de simpatia aos vendedores do «Diário de Lisboa»

A satisfação com que celebramos mais um aniversário do «Diário de Lisboa» leva-nos a dirigir um pensamento grato, não só para os nossos leitores fiéis e estimados anunciantes, que, ao longo destes trinta e nove anos, nos têm acompanhado com firme e estimulante dedicação, mas também para todos os que contribuem para o funcionamento desta complexa engrenagem que é hoje um jornal moderno e dinâmico, como nos temos esforçado sempre por ser.

Todos os que fazem o «Diário de Lisboa» se reúnem hoje, no habitual jantar de confraternização, que constitui um pretexto agradável para se cimentar a solidariedade que une todos os nossos colaboradores, desde o mais responsável ao mais modesto. Mas, reconhecendo bem o papel que têm na vida do jornal, os simpáticos ardinas, que asseguram a sua expansão, quisemos dedicar também especial atenção a esse sector dos nossos valiosos colaboradores.

Assim, dirigimos, gostosamente, uma singela lembrança contida vendedores do «Diário de Lisboa», entregando hoje, aos da capital, uma singular lembrança contida num elegante saco de celofane e em que se contem:

1 garrafa-miniatura de excelente vinho do Porto; amêndoas da fábrica São Boaventura; chocolates e biscoitos da Aliança; um bilhete para o espectáculo desta noite no Coliseu; e ainda um talão para a entrega por sorteio a realizar em 7 de Maio, seis excelentes prémios.

Não queremos deixar de assinalar a generosa simpatia com que quiseram colaborar nesta justa homenagem aos vendedores do «Diário de Lisboa» o Instituto do Vinho do Porto, cujo actual director, eng. Brito e Cunha, está interessadíssimo na maior expansão daquele produto; a Sociedade Industrial Aliança, cujo administrador dr. Manuel Martinho, como antigo jornalista, logo compreendeu o alcance da nossa iniciativa; a Fábrica de São Boaventura, Ld.; e o Coliseu dos Recreios, cujo actual empresário, sr. Américo Covões, assegura a continuidade de uma velha estima por

NENHUMA MULHER podia fazer assim atletismo...

LONDRES, 7. — «Os pés achatados, os joelhos cambaio, as coxas e ancas anafadas, o estômago saliente, a espinha dorsal torcida, o peito liso e os ombros em género de cabide. Ora nenhuma mulher com estas características poderia jamais fazer atletismo». — afirma, na primeira página do «Star», Sylvia Chessman, antiga campeã olímpica, a propósito da estatura ao atletismo feminino, da autoria de Emilio Greco, para o Palácio dos Desportos de Roma onde se realizarão numerosas provas dos próximos Jogos Olímpicos. O jornal publica, lado-a-lado, duas grandes fotografias: uma da estatura, outra de Mary Bignal, recentemente eleita «desportista ideal da Grã-Bretanha», em fato de banho e justamente na mesma pose da estatura. — (F. P.).

Faleceu hoje em Coimbra o prof. Amorim Girão notável geógrafo e mestre de Universidade

COIMBRA, 7. — (Pelo telefone). — Após prolongada doença, faleceu esta madrugada na Casa de Saúde de Coimbra, na Rua da Sofia, desta cidade, o sr. prof. Aristides de Amorim Girão, catedrático da Faculdade de Letras e notável geógrafo, cujo estado de saúde se havia agravado nos últimos dias.



Prof. Amorim Girão

Nasceu, esse que viria a ser o prof. Amorim Girão, em 1895, na povoação de Fátima (Vouzela) em Coimbra fez os seus estudos, licenciando-se em Ciências Geográficas. O seu doutoramento, em 1922, foi o primeiro que na Universidade de Coimbra se efectuou com todas as pompas da praxe depois do advento da República.

Pelos seus livros e separatas, pelas suas exposições inagráveis e probas investigações, não tardou o prof. Amorim Girão a granjear entre os geógrafos portugueses uma posição eminente. Entre as suas obras mais notórias e relevantes figuram o ensaio de síntese «A geografia moderna, evolução, conceito, relação com as outras ciências»; o trabalho «Antiguidades pré-históricas de Lafões»; o «Esboço de uma carta regional de Portugal», editado em 1930 e reeditado em 1933; o estudo geográfico da «Bacia do Vouga», que foi o tema da sua tese de doutoramento; «Viseu — estudo de uma aglomeração urbana» (dissertação de concurso); «Arte Rupestre em Portugal» e «Lições de Geografia Humana», obra monumental de amplo fôlego.

O seu corpo encontra-se depositado na igreja de Santa Cruz, onde será rezada missa de corpo presente, após a qual, amanhã se efectua a trasladação dos restos mortais, em autotúnebre, ás 3 e 30, para Fátima (Vouzela). Aí lhe será prestada pela freguesia a derradeira homenagem.

Dobram esta manhã os sinos da Universidade e foi içada a meia haste a bandeira nacional no edifício da Faculdade de Letras.

O prof. Aristides de Amorim Girão era irmão das sr.ªs D. Maria Ercília de Amorim Girão de Moraes, casada com o sr. prof. José Custódio Moraes, director do Instituto Geofísico de Coimbra; D. Maria José Amorim Girão de Almeida, casada com o sr. Celestino Pinheiro de Almeida; e D. Maria do Céu Amorim Girão Fernandes dos Santos, esposa do sr. dr. Joaquim Fernandes dos Santos, proprietário em Viseu; e dos srs. dr. Acácio de Amorim Girão, juiz desembargador da Relação de Lisboa, e António de Amorim Girão, tesoureiro da Fazenda Publica em Freixo de Espada à Cinta.



Sim,
A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro
em 24 horas!
LEVANTANDO 50% DO VALOR DA SUA PROPRIÉDADE JURO DE LEI

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA
ROSSIO, 3-2
TELEF. PPC-29384-5-6

PORTO
R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P. P. C. 20344-5-6

A MÁ DIGESTÃO...
Muitas vezes, é provocada por excesso de acidez, que interrompe a digestão, e causa azia e uma desagradável sensação de mau-estar.

ESTOMOVITE
dá um alívio imediato e volta a proporcionar ao estômago um funcionamento normal.

COUTO, L.D.A. — PORTO

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços, compramos.

Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 237

LINHOS

BRANCOS E DECOR
CAMBAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO DE RENDAS
PARA BORDAR A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO

O MAIOR SORTIDO DE LISBOA

CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

O que é e como surgiu o televisor "GRUNDIG" RTP-143

FINALMENTE!

...AO ALCANCE
DE TODOS!

O SENSACIONAL MODELO
DE 110° DE DEFLEXÃO,
PRODUZIDO ESPECIAL-
MENTE PARA A CAMPA-
NHA DA R. T. P.

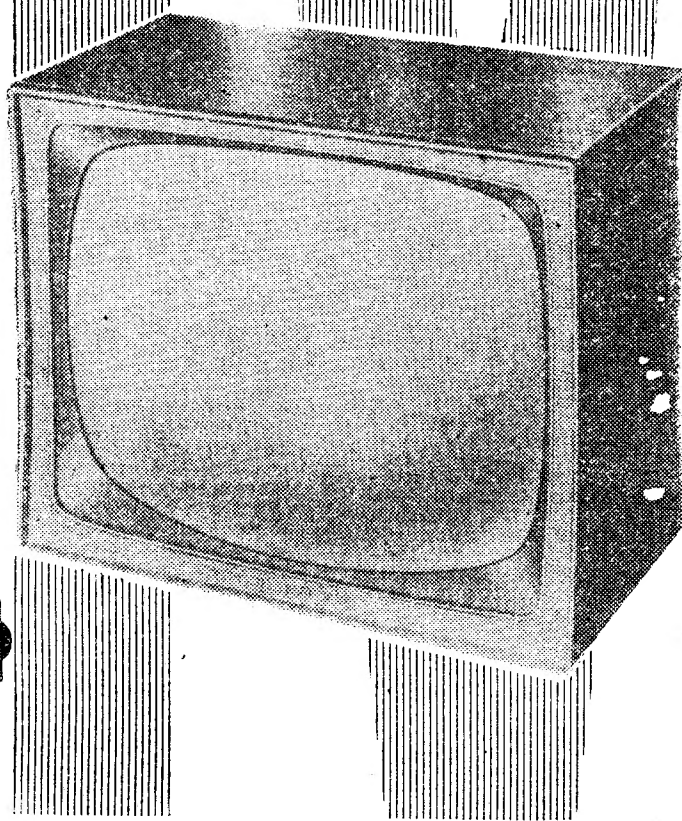
O NOVO

GRUNDIG

MOD. R. T. P. — 143

4.450.

À VENDA NA RTP E NOS
REVENDEDORES GRUNDIG
EM TODO O PAÍS



Embora de excelentes características, este novo modelo «Grundig» foi antecipadamente sujeito às provas mais variadas.

Teve-se até o cuidado de formar uma brigada técnica especial, à qual incumbiu percorrer os mais diversos e distantes pontos do País, no sentido de confirmar, com a máxima precisão possível, as qualidades do modelo. Os resultados excederam toda a expectativa, reafirmando-se assim mais uma vez a inultrapassável qualidade do material «Grundig».

Poder-se-á perguntar porque foram alargados, quanto a este modelo, os limites do habitual e simples «contrôle» a que é sujeita toda e qualquer unidade.

A razão é simples e em duas linhas se explica.

O modelo RTP 143 vai ser vendido ao público ao preço absolutamente revolucionário de Esc. 4.450\$00, mantendo-se mesmo assim as condições e vantagens oferecidas para todos os outros modelos de televisão «Grundig». Desta maneira só há a esperar que venham a ser usados os mais diversos processos no sentido de se procurar diminuir o enorme efeito resultante do lançamento deste novo televisor «GRUNDIG». Necessário se tornava portanto levar até ao exagero as experiências com o modelo, de modo a estar-se antecipadamente de posse de todos os elementos indispensáveis à imediata refutação de inevitáveis críticas.

Este modelo tem uma curta história, que é sem dúvida de todo o interesse levar ao conhecimento do público.

Há meses já que a Rádio Televisão Portuguesa verificava, pela análise dos mais diversos elementos em seu poder, que parte da população, devido a uma maior modéstia dos seus recursos, não tinha de facto possibilidade de vir a possuir televisor. Impunha-se portanto encontrar uma boa marca, de reputação firmada, que estivesse na disposição de lançar no mercado um modelo que essa camada da população pudesse adquirir.

Duma conferência oportunamente efectuada entre a Administração da R. T. P. e os representantes da «Grundig» em Portugal resultou imediatamente a decisão de se deslocar quanto antes à Alemanha quem, com a fábrica, discutisse o assunto.

Dado o enorme efeito publicitário resultante do lançamento do modelo, acabou por ficar decidida a efectivação do projecto, custasse o que custasse.

Dentro desta ordem de ideias as fábricas «Grundig» bem como os seus representantes em Portugal decidiram fazer para este modelo um preço absolutamente especial.

O novo televisor modelo R. T. P. 143 representa ainda mais uma decisiva possibilidade oferecida pela «Grundig» no importante capítulo do preço fixo.

A tradição «Grundig» — «Alta Qualidade a Baixo Preço» — em tudo se mantém, afirmando-se magnificamente neste novo modelo, quer através das suas excelentes características, quer através de um preço que se julgaria impossível facultar ao público.

ATENÇÃO: Veja esta noite na Televisão a reportagem da chegada a Portugal de uma importante remessa do novo Televisor «GRUNDIG» modelo R. T. P. 143.

REGIONALISMO

Casa do Alentejo

No próximo dia 11, às 21 e 30, volta a reunir-se, na sede da Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, o Conselho Regional daquela agremiação, sendo a seguinte a ordem dos trabalhos: socorros de emergência para as vítimas das cheias; realização de uma exposição de artes plásticas; inquérito económico e social; e censo dos Alentejanos residentes Lisboa e nos arredores.

Grupo dos Amigos de Silves

Na Casa do Algarve tomou posse a direcção do Grupo dos Amigos de Silves a que preside o sr. Francisco da Silva Ribeiro e de que fazem parte respectivamente como secretário e tesoureiro os sr. João Calhau Rolin e Francisco Enes. O Grupo projecta um concurso fotográfico de propaganda turística de Silves e seu concelho, uma exposição de frutas daquela região, a realizar em Lisboa, e uma festa de confraternização dos Silvesenses que vivem na capital e arredores.

HIDRO-ELECTRICA DO DOURO

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 — PORTO

CAPITAL: 580 000 CONTOS

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1959

(Acções n.º 1 a 300 000)

Avisam-se os Senhores Accionistas que se encontra em pagamento, a partir do dia 15 do corrente, o dividendo do exercício de 1959 — 50\$00 por acção cativo de impostos para os Accionistas —, atribuído às acções desta Sociedade, n.º 1 a 300 000.

A importância líquida a pagar por acção é a seguinte:

Acções ao portador	31\$90
Acções nominativas	39\$88,5
Acções ao portador registadas	40\$50
Acções averbadas a Instituições de Previdência	49\$38,5

Este pagamento, mediante a apresentação dos respectivos títulos, pode ser efectuado em cada um dos seguintes estabelecimentos de crédito:

- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
- BANCO DE FOMENTO NACIONAL
- BANCO ALIANÇA
- BANCO BORGES & IRMÃO
- BANCO BURNAY
- BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
- BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
- BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
- BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
- BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
- BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
- CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
- MONTEPIO GERAL

No modelo 2 do Imposto Complementar a apresentar nas Secções de Finanças deverá ser inscrita a importância correspondente a 43\$00 por cada acção nominativa ou ao portador registada, n.º 1 a 300 000.

Porto, 5 de Abril de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

HIDRO-ELECTRICA DO DOURO

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 — P O R T O

CAPITAL: 580 000 CONTOS

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Avisam-se os Senhores Accionistas de que nas notas modelo 2 do Imposto Complementar, a apresentar nas Secções de Finanças, deverão inscrever, por cada acção nominativa ou ao portador registada, as seguintes importâncias:

ACÇÕES N.º 1 A 300 000

— Esc. 43\$00, referente ao dividendo do exercício de 1959

ACÇÕES N.º 300 001 A 480 000

— Esc. 17\$20, referente a cada semestre de 1959, de que tenham recebido o respectivo juro.

Porto, 5 de Abril de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fechaduras suíças

PARA COFRES MARCA EXCELSIOR

Substituem-se e montam-se. Reparações e aberturas em todo o género de cofres, por pessoal da maior competência e honestidade. CASA DOS COFRES E PORTAS FORTES de EDUARDO FRANCO — Beco de João Alves, n.º 3 ao Cruzeiro da Ajuda — Telefone 639358.

**CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA**
1.º Cemitério
(Alto S. João)

JAZIGO ABANDONADO

N.º 1.584, situado na Rua 11, lado direito.

CONCESSIONÁRIO: Pedro Antão do Vadre Manique.

Encontrando-se em estado de abandono, devido ao seu estado de conservação, o jazigo acima referido, avisa-se, nos termos do art.º 69.º do Regulamento dos Cemitérios, os herdeiros do aludido concessionário ou quaisquer pessoas interessadas de que devem efectuar as necessárias obras, no prazo de 30 dias, caso contrário proceder-se-á de harmonia com o preceituado no aludido Regulamento.

RESTOS MORTAIS DEPOSITADOS
N O M E S

RESTOS MORTAIS DEPOSITADOS	DATAS DO DEPÓSITO
António Joaquim Vadre Manique	16/ 9/1876
Ana José de Lima Botado Ferreira Castelo	27/ 1/1908
Pedro António do Vadre Manique	19/12/1908
Joaquina de Lima Botado Castelo Manique	12/ 4/1916

Na 2.ª Repartição — Higiene Urbana, Rua da Boa Vista, n.º 9, ou na Administração do Cemitério, serão prestados os necessários esclarecimentos.

Lisboa, 30/3/60.

O Vice-Presidente,
ANÍBAL DAVID

DINHEIRO A 6 %

Emprestamos sobre automóveis, no espaço de uma hora, pelo prazo de 3 a 18 meses, c/ amortizações facultativas. Máximo sigilo. Condições únicas, sem imitações possíveis. Fazemos também empréstimos sobre prédios, moradias, quintas e terrenos, em Lisboa e Arredores, no espaço de 24 horas, ao juro da Lei, e nas melhores condições.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Praça da Alegria, 58-2.º
Tels. 32228-366812
LISBOA

Ellerman & Papayanni Lines, Ltd.

NAVIO INGLES

«MALATIAN»

A carregar para

LIVERPOOL

Esperado em 11

AGENTES:

Mascarenhas & C.ª

T. DO CORPO SANTO, 10, 1.º-D.
TELEF. 27311 - 31765/6 — LISBOA

Em Alcanena, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. Joaquim Ramos Vieira.

General

**Frederico da Costa
Lopes da Silva**

MISSA DO 7.º DIA

Viuva, filhos e mais família, participam que amanhã, às 19,15 horas, na Igreja de Arroios, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

O Dia Mundial da Saúde

(Continuação da página central)

radicação, num total que representa já um pouco mais de 2/3 das regiões impaludadas a superfície da Terra. Julga-se mesmo possível, mercê de um esforço extraordinário, que a luta contra o paludismo vença em 4/5 das regiões onde grasta a doença. Terá, então, chegado o momento de encontrar rapidamente a solução para o problema do sezonismo na África tropical, se o homem quiser obter uma vitória completa contra o mal que durante séculos desafiou o Mundo.

A erradicação do paludismo passou a ser, pois, o objectivo directo da luta anti-paludica e, tal como foi definida pela Comissão de Peritos do Paludismo da O. M. S., ela é: «a supressão da transmissão do paludismo e a eliminação do reservatório de infecção por meio de uma campanha limitada no tempo e levada a um tal grau de perfeição que, mesmo depois de terminados os trabalhos, a transmissão não volte a ser possível».

Assim, a erradicação do paludismo exige muito mais do que pôr fim à transmissão da doença. Ela impõe também que sejam eliminados — e, portanto, que primeiramente se identifiquem — os reservatórios de infecção que são os indivíduos contaminados e, ainda, que tudo se faça em espaço de tempo limitado e com elevado grau de perfeição. Por outro lado é necessário esclarecer que, tomada no seu sentido habitual, a erradicação do paludismo não implica a eliminação dos mosquitos vectores.

É enorme a diferença entre uma campanha de erradicação e a luta anti-sezonática clássica, ainda que muitas vezes a primeira possa resultar da transformação de um programa inicialmente destinado só à luta anti-paludica. E, se bem que uma campanha de erradicação seja muito dispendiosa, a verdade é que essa despesa se faz por uma só vez; ao contrário, na luta anti-paludica clássica a conservação dos resultados exige uma acção constantemente renovada.

Ora, o cansaço das populações, os próprios êxitos obtidos que podem conduzir a um amolecimento nos trabalhos e, principalmente, a possibilidade dos anófeles poderem tornar-se resistentes aos insecticidas — mostram a necessidade de limitar o tempo das campanhas e, por conseguinte, aconselham a escolha do critério que conduz à erradicação.

Um programa de erradicação do paludismo compreende quatro fases distintas: preparação, ataque, consolidação e manutenção. As designações adoptadas parecem definir perfeitamente cada uma destas fases; haverá, porém, todo o interesse em observar o que se passa na fase de consolidação. Esta começa no fim das pulverizações pelos insecticidas, quer dizer, quando acabou a fase de ataque contra o anófeles vector. Mas no decorrer desta fase de ataque, que deve durar pelo menos três anos, não se consegue necessariamente a eliminação de todas as possibilidades de infecção, se bem que já seja normal não haver doentes. E no fim dela subsistem sempre alguns pequenos focos onde a transmissão continua, focos residuais; entre a população encontram-se indivíduos portadores de parasitas e a partir dos quais a infecção pode recomençar; os imigrantes ou os mosquitos infectados provenientes dos focos residuais interiores cu do exterior podem reintroduzir a doença.

É na fase de consolidação que se denunciam e extirpam todos estes meios de possível infecção, o que exige um serviço especializado de «surveillance», que deve ser activa, intensa e interessar toda a população da zona em causa. Esta fase termina quando ao fim de três anos consecutivos a «surveillance» não consegue identificar qualquer caso indígena de paludismo, entendendo-se que, pelo menos no decorrer dos últimos dois anos, não se tomaram quaisquer medidas generalizadas de combate ao vector.

Está então atingida a erradicação e a fase de manutenção começa.

Em Portugal a luta anti-sezonática tem sido conduzida por Serviços Especializados e os resultados obtidos dificilmente se poderão negar. De facto as pulverizações efectuadas com insecticidas de acção remanescente tiveram pleno êxito, sendo de admitir que se possa estar próximo da erradicação da doença.

A transmissão foi detida em todo o território, mesmo na região do Vale do Sado, onde nos últimos dois anos se não verificou um único caso de paludismo com confirmação hematológica.

Pudéssemos nós afirmar — como poderá fazer-se finalmente depois de metódicos e prolongados trabalhos de «surveillance» activa — não haver escapado à nossa observação

ou ao nosso conhecimento qualquer portador assintomático de parasitas e a erradicação do sezonismo deveria ser proclamada. Mas porque assim não é e também porque, dentro do verdadeiro conceito epidemiológico, em matéria de «surveillance» mal começámos a balbuciar, a campanha de erradicação do paludismo em Portugal encontra-se em plena fase de consolidação.

Há, sem dúvida, regiões onde a erradicação já terá sido alcançada e nas quais bastará manter vigilância constante. Mas na maior parte do território existem todas as condições que indicam a intervenção de uma «surveillance» activa, intensa e interessando toda a população.

Com efeito, o anofelismo persiste em grau suficientemente elevado

NECROLOGIA

FUNERAIS

Joaquim Marques da Cruz

LEIRIA, 7 — Realizou-se, em Cortes, sua terra natal, onde faleceu, o funeral do sr. Joaquim Marques da Cruz, de 61 anos, negociante de vinhos, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Vasconcelos Doutel Figueiredo Sarmento Marques da Cruz. Era pai da sr.ª D. Maria Germano Sarmento Marques da Cruz e do sr. Francisco Manuel Sarmento Marques da Cruz e irmão do poeta José Marques da Cruz, falecido no Brasil.

SUFRÁGIOS

General Lopes da Silva

Mandada dizer pela viúva e pelos filhos do general Frederico da Costa Lopes da Silva, celebra-se amanhã, às 19 horas, na igreja de Arroios, missa do 7.º dia por alma daquele oficial superior.

D. Filomena Guerra Junqueiro

Passa hoje o primeiro aniversário do falecimento de D. Filomena Guerra Junqueiro que foi esposa dedicada do grande poeta.

Lembrando a data, mandou sua filha, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro Mesquita de Carvalho, celebrar uma missa na igreja do Santo Condestável.

O busto de D. Filomena Guerra Junqueiro — obra do escultor António Duarte — será oportunamente inaugurado na Casa-Museu que, no Porto, lembra a vida e a obra do autor dos «Simples» e da «Pátria».

para garantir a expansão da doença; existem focos residuais de transmissão, revelados pelos casos autóctones (o mesmo que indígenas) que têm aparecido — 4 em 1958 e 9 em 1959; desconhece-se o que se passa com os portadores de parasitas assintomáticos que vivem ignorados no meio das populações. E, mesmo que se não fale nos casos importados — 8 em 1958 e 12 em 1959 —, é evidente que o aumento do numero de infecções autóctones, de 4 para 9 nos últimos dois anos, deverá constituir aviso que a prudência manda aceitar com as devidas cautelas.

Quem poderá garantir que a partir desses focos residuais e dos possíveis portadores de parasitas ignorados que vivem no meio das nossas populações — naturalmente as rurais — não vai surgir a possibilidade de um foco epidémico de sezonismo, logo que se suspendam definitivamente as pulverizações?

Valerá a pena correr o risco — sabendo-se antecipadamente que o estado de prumunicação dessas mesmas populações pode estar diminuído e que a maioria das crianças não tem defesas porque nunca foram infectadas, sendo assim elemento preponderante para o desenvolvimento epidémico do paludismo?

Certamente os Serviços de Higiene Rural e Defesa Anti-Sezonática realizarão trabalhos de «surveillance» activa até à eliminação das mais remotas possibilidades de transmissão do paludismo no solo português, trazendo assim as populações dos nossos campos, que tanto sofreram e temem a doença, a certeza de que se alcançou a erradicação do paludismo em todo o Portugal Continental.

Dr. Alvaro Ramos

(Médico-chefe de Brigada Móvel dos Serviços de Higiene Rural e Defesa Anti-Sezonática e director da Estação de Alcaer do Sal).

Na Shell Portuguesa

Incluída no programa das comemorações do Dia Mundial da Saúde, há, hoje, às 18 horas, na sede da Shell Portuguesa, uma sessão com a passagem dos filmes «Inimigos invisíveis» e «Makária», realizados pela «Shell Film Unit», seguindo-se um «cocktail».

Foram convidados o sr. ministro da Saúde e outras entidades.

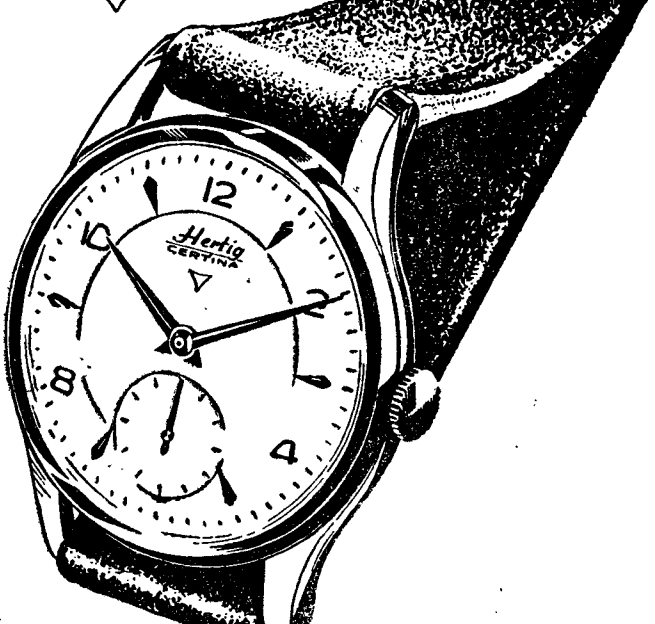
O novo Hertig

CERTINA

"O AMIGO CERTO"

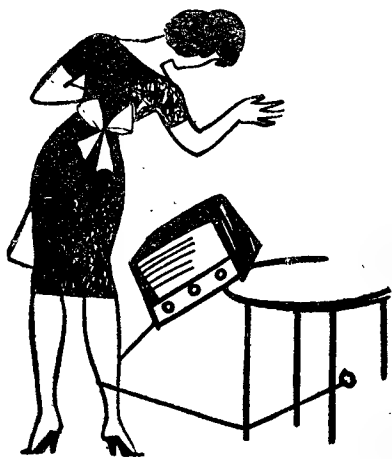
DE SEMPRE,

valorizado com os últimos melhoramentos da moderna técnica suíça de relojoaria de precisão,



é ainda mais perfeito

SOCIEDADE ANÓNIMA KURTH FRÈRES FABRICA CERTINA GRENCHEN / SUÍÇA



**seguro e
garantido!**

Seja qual for
o acidente
esteja descansado.
A DARDO
garante o que vende,
mesmo contra acidentes.
Informe-se
da nova
CAMPANHA DE VENDAS
garantida com
uma apólice da
Companhia de Seguros
MUTUALIDADE.

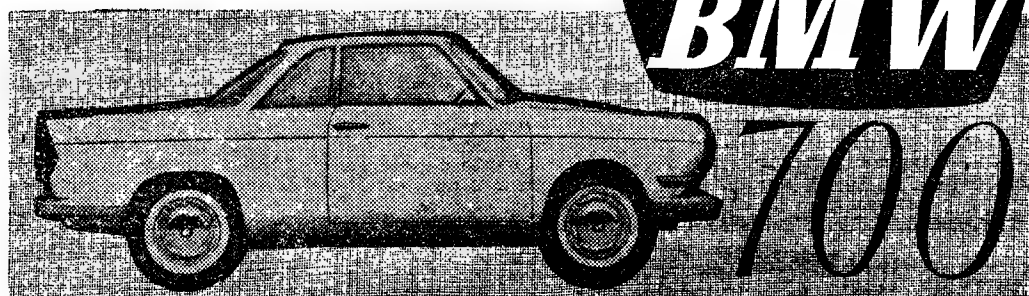


ETP

Dardo
AV. DA LIBERDADE 131 - LISBOA

uma nova estrela...

NA CONSTELAÇÃO DOS AUTOMÓVEIS
B. M. W. UTILITÁRIOS



COUPÉ ELEGANTÍSSIMO • LIMOUSINE ESPAÇOSA E ELEGANTE • 35 HP — 125 KM/HORA — 5,5 L. AOS 100

EM TUDO UM B.M.W. DIGNO DE
OSTENTAR ESTA FAMOSA MARCA

MAIS RÁPIDO • ESTÁVEL • ECONÓMICO

QUE MUITOS AUTOMÓVEIS DE ELEVADO PREÇO E MANUTENÇÃO DISPENDIOSA

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO
AV. ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3
TELEFONE 599 792 - LISBOA



BREVEMENTE A CHEGAR



Lencos de Senhora

DELICADO PRESENTE
DE PÁSCOA

UM PRODUTO DA
EMPRESA FABRIL DO NORTE
SENHORA DA HORA

VIDROS E ESPELHOS
DE TODAS AS QUALIDADES E PARA TODOS OS FINS

A UNIÃO

Rua Luz Soriano, n.º 23-A - LISBOA
Telefones 24485 - 33084

FORNECEDORA DAS MAIS IMPORTANTES OBRAS DO PAÍS
ESPECIALIZADA EM FORNECIMENTOS
PARA ESTABELECIMENTOS

Pérola de S. Domingos

Rua Dom Antão Almada, 5-D
Vende-se os melhores cafés e
chá, também o maior sortido em
plantas da Flora Nacional e tro-
pical que são a nossa saúde. E a
natureza ao nosso serviço. Procure
ser saudável, sentir mais energias e
melhor disposição.
(DEFRENTE DA IGREJA)

Mandamos a cobrança as nossas
especialidades.



**PEDRO DA SILVA
TELHADO**

MISSA 1.º ANIVERSÁRIO

Sarah Llorente Telhado, filhos, gen-
ros e netos, mandam rezar missa aman-
hã 6.ª-feira dia 8, às 12.30 na Igreja
de S. José (Largo da Anunciada), pelo
seu eterno descanso e desde já agrade-
cem a todos que se dignarem assistir a
este piedoso acto.



Soc. Lusolanda, L.ª



representantes exclusivos

para Portugal, dos

AUTOMÓVEIS NSU-PRINZ

scooters **NSU-PRIMA** — motos **NSU**
ciclomotores **NSU**

tem o prazer de anunciar a mudança do
seu stand de vendas da Rua do Conde
Redondo 2-G, para o novo

STAND NSU

Av. A. Augusto Aguiar, 25 B-C

onde se encontra em exposição, até às
24 horas dos dias 7, 8 e 9 do corrente,
toda a linha de fabrico **NSU**



**Sono tranquillo só com
Dunlopillo**

Não sabe o que é conforto
enquanto não tiver dormido
num Dunlopillo. Mantém-se
sempre macio, suave, é bom
para dormir, como no pri-
meiro dia em que o comprou.
Nunca se deforma.

Almofadas em espuma de
Latex. A última palavra em
conforto. Mantém a sua forma
original mais tempo do que
qualquer outra espécie de
almofadas.

Arejam-se a si próprios.

Dunlopillo

Representante em Portugal: G.^{ME} GRAHAM JR. & C.^ª

Rua da Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

Em Alparça-Almeirim, o «Diário de
Lisboa» é vendido por intermédio do
sr. Francisco Abrantes Pereira.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou auto-
móveis. Em todo o País. Ra-
pidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24448



A morte dum fantasma

por August Derleth

IV
CAPÍTULO

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — O detective particular Solar Pons chegou a uma propriedade no norte de Inglaterra, a fim de passar umas férias. Mas, logo no segundo dia, saiu manhã cedo e só regressou já de noite. Andara a espiar uma propriedade vizinha, Melham Old Place. A propriedade pertence a sir Andrew Melham, um paralisado, cujo irmão, sir Peter, desapareceu há três anos. Maurício, a filha de sir Peter, procura Pons, a quem relata a oposição de seu tio ao seu casamento e o frequente aparecimento, durante a noite, nas escadarias de Melham Old Place, do fantasma de seu pai.

A PROCURA DO FANTASMA

— O tio Andrew ficaria furioso se descobrisse que eu pedi a alguém de fora para dar cacha ao fantasma, disse-nos Miss Melham num tom nervoso.

— Se for a Melham Old Place, como sem dúvida o virá a fazer, venha em segredo e de preferência á noite. O tio Andrew desconfia dos estranhos e tem um grande complexo devido á sua paralisia.

— Sim, percebo.

— Se possível, gostaria que fosse a nossa casa amanhã, á noite, por volta das 10 horas. Se se dirigir ao lado sul da casa, encontrará as janelas da varanda do rés-do-chão parcialmente abertas. Estarei lá á sua espera.

Levantou-se para se ir embora, e eu acompanhei-a até á porta.

— Lá estarei, Miss Melham, disse Pons, enquanto a nossa gentil visitante se dirigia para a porta.

— Confio em si, sr. Pons, hoje noite!

Voltei ao escritório e encontrei



Pons debruçado sobre a varanda.

— Não lhe parece que o piar das corujas se tornou de repente extraordinariamente frequente? — perguntou ele, com um sorriso nos seus lábios finos.

De fora, veio o piar selvagem de uma coruja, logo a seguir outro, e outro e ainda outro. Depois, três curtos gritos agudos.

— Esta região está infestada de pássaros, disse eu.

— Ah, mas com esta regularidade! Suponho que os gritos são um sinal para os encontros dos amantes. Bem, agora dá-me atenção, Parker.

Colocou um papel á minha frente, e enquanto eu me debruçava

— Graças a Deus, está salvo! — disse eu. Quem era?

— Jasper Bayne. Seguiu Melham até aqui, e voltou a segui-la até sua casa. Fui atrás dele. Acho que ele não lhe quer mal, pois a sua maneira de proceder era a de quem a quisesse proteger. Ela encontrou-se com o jovem Betterton, mas Bayne não interferiu, mantendo-se á distancia. Esperou que ela entrasse em casa, e só depois de ver luz no seu quarto é que também entrou em casa. Eu fiquei por ali, e vi, pouco depois da entrada de Bayne, surgir uma débil luz no segundo andar, á distancia de três janelas — ou três quartos — da luz do quarto de «Miss» Melham.

— Mas, concerteza que Bayne não dorme no segundo andar, exclamei eu, algo espantado de que um homem como «sir» Andrew, cuja consciência de classe era tão viva, pudesse tolerar que um criado dormisse no mesmo andar em que dormiam membros da sua própria família.

— Por amor de Deus! Claro que não! Suponho que ele foi contar á «sra» Andrew o que viu.

— Há, então, um acordo entre ambos?

— Sim, de certa maneira... Mas qual é a tua hipótese sobre este caso, Parker?

— Não sei que dizer — comecei em tom hesitante. — Parece muito simples, mas tens-me prevenido tantas vezes quanto ao perigo de conclusões apressadas que não sei se deva dizer o que penso.

Pons riu.

— Se tens tão pouca confiança na tua hipótese, deve ser, concerteza, errada.

— Eu digo: Parece-me que Bayne tem um certo ascendente sobre «sir» Andrew e que, como preço pelo seu silêncio, quer que Maurício case com «sir» Robert, o que traria para a sua família, Melham Old Place.

— E o espectro coxo? — perguntou Pons.

— Concerteza que é Bayne disfarçado — atrevi-me a dizer. O espectro poderá assustar «Miss» Melham e levá-la a aceitar o seu plano.

— Engenhosa, mas demasiado simples. Felicite-o Parker! Mas parece que se esqueceu que o principal mistério não é a ligação entre Bayne e «sir» Andrew; temos de aceitar que existe essa ligação, por quaisquer razões. Mas, resta o facto de que o homem coxo apareceu antes de haver qualquer suspeita de um entendimento entre «Miss» Melham e Hugh Betterton. É possível que Bayne seja o espectro, mas, dada esta circunstância, a causa tem de ser procurada.

— Então, o que é que tu achas, Pons? — disse eu, um pouco aborrecido por ele me pedir para expor uma hipótese, que logo destruíu.

— Creio que ainda é muito cedo para ter uma opinião. Mas receio muito que as coisas sejam bem mais complicadas do que parecem. «Miss» Melham correr um perigo maior do que supõe.

— Então, já chegou a uma conclusão acerca de tudo isto? — perguntei eu.

— Obviamente, Parker, tem todos os dados; conhece os meus métodos. Aplique-os.

Por agora, tinha de me contentar com isto, pois sabia, por experiência, que Pons nada acrescentaria.

Na noite do dia seguinte já passaria das duas horas quando Pons regressou do seu encontro com «Miss» Melham. A expressão de aborrecimento na sua face anunciou-me que a sua exposição a Melham Old Place não tinha dado resultados satisfatórios.

— Um caso que desilude, disse amargamente, empurrando para o lado os seus apontamentos. Acendeu um fósforo e aproximou-o do cachimbo. Encostou-se para trás, e olhou-me por um momento, num silêncio pensativo.

— O fantasma não apareceu?

— Ao contrário, foi pontual. Mas os meus planos é que foram anulados por acontecimentos sobre os quais não pude ter domínio. «Miss» Melham faz-me a honra, inesperada, de ter presente o seu jovem — para uma ajuda, se necessário, tal

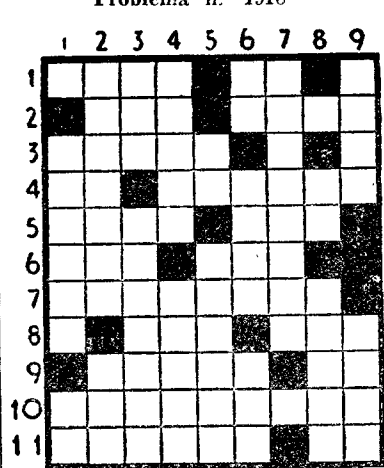
como ela explicou. Apesar de lhe ter dado a entender várias vezes que ele estava a mais, o rapaz ficou. Dado que não o consegui afastar, tive de me resignar com resultados bastante desastrosos. O quarto em que me encontrei com «Miss» Melham e o sr. Betterton é uma espécie de escritório, ao lado da sala de estar e dando para um dos extremos do grande vestíbulo do rés-do-chão de Melham Old Place. No outro extremo do vestíbulo, uma escadaria dupla leva ao segundo piso, ou melhor ao patamar, pois daí em diante há apenas uma escadaria. Próximo do princípio da escadaria, na extremidade da casa, ficam os quartos dos criados e junto a eles, precisamente em frente da sala de estar, estão os quartos de Jasper Bayne. Todos os outros quartos do rés-do-chão estão desocupados. Nós instalámo-nos na sala de estar, preparados para observar a aparição no vestíbulo do homem-fantasma de «Miss» Melham. Estivemos aí sentados, sossegadamente, até á meia-noite.

AMANHÃ: «A ressurreição de um cadáver».

pequeno MAGAZINE

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1916



HORIZONTAIS: 1 — Empregam. Cú. 2 — Gêro de Maomé. Estampilha. 3 — Afeição. 4 — Simbolo químico do cobalto. Tostado. 5 — Reformador checo que foi um dos precursores da Reforma e morreu queimado vivo. Mesmo. 6 — Abreviatura da acética (quím.). Ponta acerada. 7 — Detriorar. 8 — Posição. Cavaleiro misterioso francês que frequentou a corte da rainha Isabel vestido de mulher. Graça. 9 — Gênero de aves da Ásia, de bico duro e recurvo. Vi. 10 — Pequenas coisas. 11 — Tostara. Batráquio.

VERTICAIS: 1 — Adoce. Cabelo branco. 2 — Frequência do conhecido de Alcochete. Parte da saia. 3 — Naquele lugar. Espalhais. 4 — Sopas de pão partido em bocadinhos. Saquinho de trazer dinheiro. 5 — Artigo definido. Nome de uma companhia de aviação que faz carreiras para o Brasil. 6 — Artigo definido. Homem bíblico. Ligue. 7 — Completas. 8 — Preposição. Amofindr. 9 — Tecido. Macia.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1915

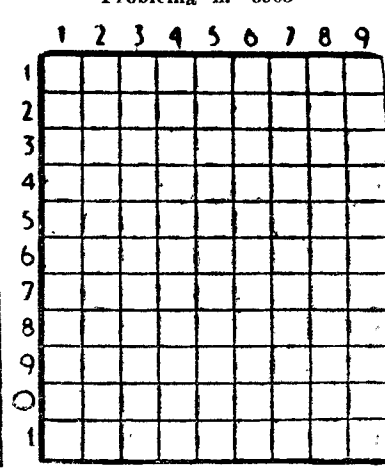
HORIZONTAIS: 1 — Saqueias. 2 — Ulul. QUEM. 3 — Rei. Ru. 4 — Di. Poetas. 5 — Soldara. 6 — Gês. Ara. 7 — Sugando. E. 8 — Marvão. Os. 9 — Ré. Sus! 10 — Eddi. Vise. 11 — Aórticos.

VERTICAIS: 1 — SURDO. Sm. 2 — Alei. GUARDA. 3 — Qui. SEGREDO. 4 — Ul. Posar. Ir. 5 — Rol. Nas. 6 — Aquejado. Vi. 7 — Lu. Taro. Sic. 8 — Secura. Onso. 9 — Sá. Esses.

(Proverbio: QUEM É SURDO GUARDA SEGREDO).

Em Alenquer, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência da Rua Odete Granada.

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 3963



HORIZONTAIS: 1 — Nome de um jogo de rapazes. Apelido do ilustre médico e naturalista, lente da Universidade de Coimbra, célebre pelos seus estudos de Botânica. 2 — Rio de Espanha. Raera. 3 — Redime. 4 — Consentimento. Viscera. 5 — O mesmo que arão. Invulgar. 6 — Em o. Nesse lugar. 7 — Grande quantidade. Salário de soldado. 8 — Nociva. Agora. Simbolo químico do bromo. 9 — Camareiras. De alto preço. 10 — Estado unitário constituído pelas antigas possessões holandesas das Índias Orientais. 11 — Numero dígito. Sádios.

VERTICAIS: 1 — Nota musical. Graça. Além disso. 2 — Descerrar. Um dos Estados da América do

Norte. 3 — Acautele. Acrescente. 4 — Preposição e artigo (pl.). Demorados 5 — Simbolo químico do gálio. 6 — Prega. Rapinantes. 7 — Deixar para trás. Pega. 8 — Atraiçar. Embriagado. 9 — Em partes iguais. Reduzo a farinha. Rilhaes.

Solução do problema n.º 3962

HORIZONTAIS: 1 — Açor. Anão. 2 — Soco. Ledo. 3 — Rés. Agi. 4 — Ara. Rás. 5 — Singapura. 6 — Ja. Ar. 7 — Mar. Jam. 8 — Te. Ror. Os. 9 — Irra. Atra. 10 — Roer. Roto. 11 — Ásia. Asas.

VERTICAIS: 1 — As. Asa. Tira. 2 — Corri. Meros. 3 — Oceania. Rei. 4 — Rós. Garrara. 5 — Má. 6 — Ala. Pairara. 7 — Negrura. Tós. 8 — Adiar. Morta. 9 — Oó. Saí. Sãos.

QUEM CANTA seu mal espanta...

Águas claras do rio! Águas do rio, fugindo sob o meu olhar cansado, para onde me levais, meu vão cuidado? Aonde vais, meu coração vazio?

CAMILG PESSANHA

DIZ QUEM SABE

TODOS nós somos ignorantes: a diferença está no facto de ignorarmos coisas diferentes.

WILL ROGERS
* A vida ensina-nos que só se pode ser feliz á custa de alguma ignorância.

ANATOLE FRANCE

* Ser justo é melhor do que ser sábio. A sabedoria é a divindade da Terra e a Justiça, a sabedoria dos Céus.

WALDEMIRO CAVALCANTI

NOMES

O actor YUL BRYNNER, que está a filmar «Os sete homens poderosos», no México, casará em meados de Abril com Doris Kleiner, de origem jugoslava. * NANOUSHKA MEEUX, de 16 anos, é a nova eleita de Karim Khan que passou recentemente por Lisboa. A mãe do novo Aga Khan, que vigia todos os seus casos sentimentais, afirma energeticamente que o filho não casará com Nonouchka. * ELVIS PRESLEY, que terminou há pouco o seu serviço militar, gravou um novo disco, de regresso á América. Imediatamente, houve cerca de um milhão e trezentos mil pedidos do disco...



— Afinal ela esteve todo este tempo escondida atrás da árvore.

VIDROS

PYREX

Uma oferta util para a Páscoa



SAUDOSO DE TODDY!

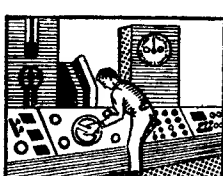
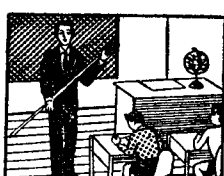
Ele está ansioso por tomar o seu TODDY
para estudar melhor as lições. Ele sabe que...
TODDY triplica o valor alimentício de um copo de leite
e tem um sabor tão bom...
que deixa saudades no paladar!

TODDY é um extracto dos alimentos mais nutritivos da
Natureza. TODDY contém em exacta proporção: hidratos de
carbono, proteínas, sais minerais, muitas vitaminas, ferro, potássio,
cálcio e fósforo.

Sim, ele sabe porque exige o seu TODDY
todos os dias. Mas foram precisos anos de estudo antes
que os mais eminentes especialistas de dietética dos Estados
Unidos conseguissem descobrir uma fórmula que reunisse
equilibradamente todos os elementos necessários ao perfeito
desenvolvimento e funcionamento do organismo.

TODDY

nutre e fortalece



só TODDY tem
uma lata assim

Para desportistas e intelectuais, estudantes e professores, crianças e senhoras que vão ser mães ou amamentam,
trabalhadores do campo e operários: TODDY É O ALIMENTO IDEAL PARA TODOS!

Fácilimo de preparar
toma-se quente ou frio



Milhões de pessoas em todo o Mundo tomam o seu TODDY todos os dias

TODDY está à venda em todos os bons estabelecimentos a

LATA MEDIA (½ Libra = 18 doses) Esc. 16\$00 - LATA GRANDE (1 Libra = 36 doses) Esc. 26\$00 - LATA GIGANTE (5 Libras = 180 doses) Esc. 112\$50

ANDARES VENDEM-SE

Prontos a habitar, em prédios modernos, na Av. Estados
Unidos da America, Lotes 332 e 333 (ao Campo Grande).

Vão ficar rodeados de jardins, parques de estacionamento,
ótimo local, desafogado, agradável e tranquilo, próximo do
«Metro», «Eléctrico» e «Autocarro».

Construção de 1.ª ordem, com bons acabamentos e todos
os requisitos modernos.

Aquecimento, antenas para rádio e televisão, elevador,
monta-cargas, etc.

10 div — 4 c. assoalhadas	400.000\$00
12 div — 7 c. assoalhadas	550.000\$00

Com escritura na mão

Trata o próprio, telef. 765092 - 765093

MOTORES

Petter

DIESEL - 1,5 A 100 C.V. • PETRÓLEO - 1,5 A 9 C.V.

GRUPOS MOTO-BOMBAS



ALFREDO ALVES & C. (FILHOS)

BOQUEIRÃO DO DURO, 38 - LISBOA - TELEF. 66 47 88



BEBE
CERVEJA

Sagres

1.º Prémio da Classe Dortmund

e Prémio de Excelência

no

Concurso Mundial de Gand (Bélgica)

BOLSA DE LISBOA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» entrava no décimo ano e recordava no dia 7 de Abril de 1930 o seu lema desde a primeira hora:

— Trabalha e deixa tocar os re-
lejos.

«Nunca nos afastámos do nosso caminho para colher o aplauso dos triunfadores ou dos apedrejados, embora algumas vezes, por dolorosa experiência, tenhamos conhecido que o jornalismo é pedregoso e duro. Mas a fé no éxito possui uma força singular: anima e aquece o coração. Quando um leve cansaço nos quebra a vontade, lançando em roda de nós o brando esvoaçar das falhas delinquentes, logo um jacto de sangue ardente nos chama à vida, reacendendo o bom humor e a coragem».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Notícias e danças; 18 e 45: Canções anglo-americanas; 19: Desdobramento; 21: Notícias; 21 e 20: Desdobramento; 23 e 45: Notícias, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Palestra da série Defesa Nacional: «A Defesa Aérea»; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30: Alvorada, programa juvenil; 19 e 50: Intervalo musical; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Palco e «crans»; 20 e 30: Festa tropical; 20 e 45: Varanda da Europa; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Solos de instrumentos; 21 e 30: As nossas melodias; 21 e 50: Canções; 22: Teatro das Comédias: «A Fada», original de Didier Daix; 22 e 40: Valsas; 22 e 55: Vozes do Mundo; 23 e 15: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Viagens ao mundo da arte; 19 e 30: O baritone Fischer-Dieskau, em canções de um viandante, de Mahler; 19 e 50: Notícias regional; 20: «Matias o Pintor», sinfonia de Hindemith, pela Orquestra Filarmonica de Berlim, dirigida pelo autor; 20 e 25: Musica coral de camara: «Missa breve, em sol menor», de Bach, pelo baixo Kelch, e coro de Stuttgart, e a Orquestra do Estudio de Stuttgart, sob a direcção do maestro Grischkat; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Concerto, pela violinista Lidia de Carvalho e pela pianista Maria Helena Matos Silva; 21 e 40: «Islamey», de Balakirew, pelo pianista Yuri Bukow; 21 e 50: Estética contemporânea; 22: Arias de óperas, de Leoncavallo, Mascagni, Mayerbeer e Ponicchielli, pelo tenor Bjorling; 22 e 25: Duas sonatas, de Purcell, pelos violinistas Neville Narriner e Peter Gibbs, violinista Desmond Dupré, e organista Thruston Dart; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 46: Canções; 19: Variedades; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Conjuntos; 21 e 45: Orquestras; 22: Hot Club; 22 e 30: Curso de lingua inglesa; 22 e 40: Imagens por musica; 23: Solistas; 23 e 15: Baile; 23 e 30: Musica do Brasil; 23 e 45: Notícias; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18 e 15: Musica regional portuguesa; 18 e 30: Baile; 19 e 15: Intermédio musical; 19 e 45: Canções; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Orquestras e vocalistas; 20 e 30: Curso de lingua inglesa; 20 e 45: Lendas da nossa terra; 21: Notícias; 21 e 15: Melodias; 21 e 30: Palestra de lingua portuguesa; 21 e 45: Programa «jazz»; 22 e 15: Programa leitura; 22 e 45: Cozinha alentejana; 23: Rua Larga; 23 e 30: Orquestras ligeiras; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Musica ligeira; 18 e 20: Migalhas doutrinais; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: «Music-hall», a revista da alta fidelidade; 20: Encontro com o «jazz»; 20 e 30: Notícias; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22 e 30: Composições escolhidas; 22 e 50: Notícias; 23: A 23.ª Hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21 e 30 — «A visita da velha senhora».

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Margarida da rua».

MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Taco a taco».

TIVOLI — «Sete ladrões».

S. LUIZ — «O marido desconhecido».

S. JORGE — «A mulher e o fantoche».

IMPERIO — «Os cinco reis».

EDEN — «Não ames um desconhecido».

MONUMENTAL — «Um palco para Marika!».

POLITEAMA — «Tonka (O herói da batalha)».

ODEON — «O pequeno saltimbanco».

CONDES — «Casino de Paris».

ALVALADE — «O marido desconhecido».

AVIS — «Mulheres perigosas».

ROMA — «O mundo nos seus braços».

CAPITOLIO — «Uma força no seu caminho».

COLISEU — «O pistoleiro negro» e «Lola Montes».

OLIMPIA — «A ultima carga dos Sioux».

IDEAL — «A história do meu crime».

RESTELO — «Totó em Paris».

PROMOTORA — «Trapézio».

JARDIM — «Irmãos e assassinos».

CAMPOLIDE — «A Rosa tatuada».

ALENQUER-CINE — «Cárcere sem grades».

CINE NAZARÉ (Póvoa de Santa Iria) — «Cavaleiros malditos».

CINE MOSCAVIDE — «As gradês do inferno».

CONFERENCIAS

No S. N. I., pelo sr. dr. Rodrigues Cavalheiro, às 19 horas; na Faculdade de Letras, pelo sr. prof. Lopes Graça; na Associação dos Pupilos do Exército, pelo sr. Anibal de Sousa Marques; no Instituto

to Alemão, pelo sr. prof. Friedrich Tamms; na Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, pelo sr. dr. Martins Mendes e no Mosteiro dos Jerónimos, do Centro de Cultura Cristã, da freguesia de Santa Maria de Belém, pelo rev. José da Felicidade Neves, às 21 e 30.

TELEVISAO

Hoje, às 20, abertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, «Culinária», programa de Maria de Lourdes Modesto, realização de Rui Ferrão; 21 e 10, «Revista de Espectáculos», programa de Fialho de Oliveira; apresentação de Maria Eugénia, Gomes Ferreira, Fialho Gouveia e Paulo Cardoso; 21 e 35, «Uma Família Inglesa», de Julio Dinis, numa adaptação de Eduardo Damas, com Ana Paula, António Sacramento, Bettencourt de Afaide, Carlos José Teixeira, Isabel de Castro, Jaime Santos, José Margarido, Manuel Lereño e Rui Furtado; cenários de Hernani Lopes. Realização de Rui Ferrão; 22, «Os quatro homens justos», «Justiça para Gino», com Richard Conte. Oferta da Mabor; 22 e 25, programa comemorativo do Dia Mundial de Saúde; 22 e 45, Central Pasteurizadora de Leite; 22 e 55, telejornal.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 8 — 1 (3.55); 13 e 25 (3.57).

Dia 9 — 1 e 42 (3.77); 14 e 7 (3.79).

BAIXA-MAR

Dia 7 — 18 e 24 (1.50).

Dia 8 — 6 e 50 (1.25); 19 e 9 (1.25).

Dia 9 — 7 e 31 (1.01); 19 e 48 (1.01).

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO: União — Estrada de Benfca. 592-594, Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfca, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos — Ruas Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480; Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B — Tel. 791131; Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A — Tel. 722368; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja D. — à Avenida D. Rodrigo da Cunha — Tel. 722384; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A/B, Tel. 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D-E — Tel. 771661; Avenidas (Das) — Avenida da Republica, 27-A — Tel. 733688; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Universal — Rua Actor Tabor, 5-7 — Tel. 44158 — A — Império, Lda. — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 49002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239. Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olival (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Perelra, Suc. — Rua do Paraiso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 18, Tel. 862074; Brinquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (à Pl-

cheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Iberia — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — à Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Lda., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribello & Castro, Lda. — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B, B. da Liberdade, T. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 686640; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9 — Tel. 662838; Iagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669435; Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Gomes, Suc. (Gonçalves), — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Dilema — Rua Alameda Operária, 49-A-B, Tel. 636620; Costa — Rua dos Lusitadas, 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de São Nicolau, 93, Tel. 25378.

CONCERTOS

No Tivoli, pelos pianistas Varela Cid e Campos Coelho, às 18 e 30.

REUNIÕES CIENTIFICAS

Na Sociedade de Radiologia e Medicina Nuclear, às 21 e 30.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda	C. Ultramarinas	Efect	Compra	Venda
Cons. 2 1/4 T. 10	924\$00	923\$00	925\$00	Ilha do Príncipe	—	1.210\$00	1.300\$00
Cons. 3 % T. 10	972\$00	972\$00	973\$00	Incomati	—	—	2.800\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.018\$00	1.017\$00	1.018\$00	Mocimboa	106\$50	106\$00	107\$00
Centenários 4 % 1940	2.250\$00	2.245\$00	2.253\$00	Zambézia	—	115\$00	—
Obs. Tes. 2 1/2 % 1942	—	—	1.020\$00	Diamant	685\$00	682\$00	685\$00
Obs. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—	Lobito	915\$00	911\$00	930\$00
Obs. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.395\$00	1.410\$00	C. Diversas	—	—	—
Externo 1.ª série	1.400\$00	1.395\$00	1.410\$00	Cimentos Fejo	—	—	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.395\$00	1.410\$00	Cimentos Leiria	—	555\$00	565\$00
Externo 2.ª série	—	1.395\$00	1.410\$00	Crédito Predial s/d	63\$50	63\$40	63\$60
Ext. 2.ª série car.	—	1.450\$00	—	Industrial Aliança	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.450\$00	—	Portugal e Colónias	—	455\$00	460\$00
Ext. 3.ª série car.	—	1.450\$00	—	Nacional Navegação	—	1.300\$00	1.320\$00
Caut. 3.ª série s/juro...	211\$00	211\$00	213\$00	Colonial Navegação	—	900\$00	940\$00
Obrigações	—	—	—	Port. de Celulose	—	—	2.860\$00
Águas Lisboa 5 %	—	—	107\$50	Portuguesa de Pesca	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	970\$00	Port. de Tabacos	297\$00	297\$00	298\$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	989\$00	—	Tabacos de Portugal	—	730\$00	—
Gás Elect. 4 %	998\$00	995\$00	1.000\$00	Águas, Electricidade e Gás	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	—	1.029\$00	Águas Lisboa 1934	—	—	—
Gás Elect. 5 %	—	86\$00	88\$00	Águas Lisboa 1936	—	—	—
U. E. P. 3 3/4 %	95\$00	—	95\$00	Elct. das Beiras	—	1.515\$00	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	95\$00	Gás e Electricidade	339\$50	339\$00	340\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	H. Alto Alentejo	148\$50	148\$00	148\$50
U. E. P. 4 1/2 %	—	101\$00	—	H. E. Cávado	—	1.345\$00	—
U. E. P. 5 % 1951	101\$00	101\$00	—	H. E. Zêzere	1.330\$00	1.325\$00	1.335\$00
U. E. P. 5 % 1952	1.009\$00	1.008\$00	1.010\$00	Nac. de Electricidade	—	1.380\$00	1.400\$00
Metropolitano	1.017\$00	1.017\$00	—	União Elct. Port.	—	170\$00	171\$00
H. E. do Douro	1.038\$00	—	—	H. E. do Douro	—	—	—
C P 4 1/2	—	—	—				

Accões	Efect	Compra	Venda
Bancos	—	—	—
Alentejo	—	700\$00	720\$00
Angola	—	—	—
Espírito Santo	2.500\$00	2.480\$00	2.550\$00
Lisboa & Açores	3.200\$00	3.190\$00	3.210\$00
Portugal	1.935\$00	1.930\$00	1.940\$00
Ultramarino	84\$00	83\$50	84\$00
Agricultura	—	—	—
Seguros	—	—	—
Mundial	—	465\$00	470\$00
Soberana	—	1.400\$00	—
Sagres	—	—	—
Tagos	—	—	—
C. Ultramarinas	—	—	—
Ag. Casseque	1.400\$00	1.400\$00	1.405\$00
Ag. das Neves	—	—	500\$00
Ag. Colonial	—	480\$00	500\$00
Agucar de Angola	1.580\$00	1.575\$00	1.580\$00
Boror	—	315\$00	319\$00
Cabinda	—	120\$00	—
Cadã	2.900\$00	2.850\$00	2.950\$00
Colonial do Buzi	210\$00	209\$00	211\$00

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reservas: 66.000 contos
Depósitos a ordem e a prazo, Descontos de letras s/ o País e estrangeiro, Aberturas de créditos, Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos, títulos e cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — Tel. PPC 366056 (5 linhas)
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20133 — PPC —

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	77\$50	79\$50
Alemanha	6\$83	6\$98
América:	—	—
Dólares de 1 a 2 ...	28\$30	28\$60
Dólares de 50 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	\$32,5	\$35,5
Austria	1\$10	1\$15
Belgica	\$56,5	\$58
Brasil	\$14,3	\$15,8
Canadá	29\$50	30\$00
Dinamarca	4\$00	4\$30
Espanha	\$47,2	\$48,2
França (N. Franco) ...	5\$73	5\$88
Holanda	7\$45	7\$75
Inglaterra	80\$00	81\$00
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	\$05	\$05,5
Noruega	\$385	\$415
Suécia	\$540	\$570
Suíça	6\$58	6\$68
Ouro:	—	—
Inglaterra (libra)	270\$00	280\$00
Portugal — Barra	32\$50	32\$90
Portugal — Barra Fino	2\$80	33\$30

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
TELEF. 21273
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito

GASOTERÁPIA

CANALIZAÇÕES PARA DISTRIBUIÇÃO DE GASES

GRUPOS DEBITÓMETROS — HUMIDIFICADORES

NEBULIZADORES — ETC. — OXIGÉNIO, CARBOGÉNIO

ANIDRIDO CARBÓNICO — PROTÓXIDO DE AZOTO — CICLOPROPANO

SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LIQUIDO

LISBOA PORTO

DEPOSITOS: COIMBRA-FUNCHAL-PONTA-DELGADA

O PRIMEIRO ESPECTADOR dos Jogos Olímpicos partiu de Viena...

VIENA, 7. — Um inválido da última guerra, Ferdinand Krelanko, paralisado das duas pernas, partiu, ontem, desta cidade para Roma, no seu carro de enfermo, que ele próprio faz acionar, à mão, para assistir à abertura dos Jogos Olímpicos. Até fins de Agosto, conta cobrir a distância de 2.816 kms. que separam Viena da «cidade eterna», a razão de 60 kms. por dia, passando por Salzburgo, Munique, Innsbruck, Lindau, Zurich, Lugano, Milão, Génova e Livorno. — (F. P.).

“Tony” procura auxiliado pela família da noiva novo padrinho de casamento

LONDRES, 7. — Os convites para o casamento da princesa Margarida estão prontos. Os cartões, com filete dourado, serão expedidos durante esta semana. Há, por isso, grande expectativa nos círculos aristocráticos como nos de Chelsea. Com efeito, todas as eventualidades continuam a ser possíveis. Ninguém parece estar informado ainda do carácter exacto que a cerimónia terá.

A escolha da abadia de Westminster, a presença dos chefes dos países da Comunidade Britânica e de altas personalidades políticas, bem como o aspecto protocolar e nacional de algumas das disposições já tomadas, parecem indicar que se tratará de um acontecimento oficial.

Sendo assim, não só uma parte dos amigos do noivo, mas todas as pessoas divorciadas serão excluídas. Ora bem, estão neste caso os pais do noivo.

Na realidade, o problema não tem precedente na história da corte de Saint-James e consta que se adoptará, finalmente, uma plataforma: uma cerimónia que se declara privada, revestir-se-á de todo o fasto real.

QUEM SERÁ O PADRINHO DE “TONY”?

Por outro lado, pergunta-se em Londres se o estado de saúde será apenas o pretexto alegado por Jeremy Fry para deixar de ser o padrinho do noivo. E quem o substituirá?

Os jornais estão interessadíssimos neste assunto e os pormenores fornecidos por alguns dos seus amigos parecem confirmar a tese da doença. Fry teve um ataque de icterícia muito forte na altura do Natal e nunca se restabeleceu por completo. Esperava o médico assistente que os três dias de férias que passou na Suíça lhe permitiriam recuperar a saúde definitivamente, mas depois de voltar ao trabalho, de regresso de Davos, sentiu-se indisposto, ontem à tarde, e teve de recolher ao leito. O médico não pode garantir que esteja em condições, dentro de um mês, para assistir à boda. Tanto o próprio enfermo como a esposa se de-

O general de Gaulle presidiu à parada da Guarda Real

(Continuação da 1.ª página)

três armas. Nas bandeiras, viam-se as boinas, com borla vermelha, dos 300 tripulantes das duas fragatas francesas fundeadas no Tamisa, os gorros pretos dos 170 homens do regimento da Marcha do Tchad e os bonés azuis dos 57 pilotos e mecânicos da formação de 16 Super-Mytère, que são hóspedes da Real Força Aérea.

De Gaulle e o duque de Edimburgo subiram a um estrado, ao mesmo tempo que se ouvia a ordem de «Apresentar armas», berrada por um sargento-ajudante e repetida de unidade em unidade. Bandeiras e estandartes apontam para o solo, em saudação, e a fanfarra começa por executar a Marselhesa, seguida pelo «God save the Queen».

O general de Gaulle e o príncipe Filipe instalam-se, agora, num «jeep» militar onde, de pé, inspecionam, uma por uma, as unidades em posição de sentido: três batalhões de guardas a pé, imoveis como soldados de chumbo bem ajustados nos seus dolmanes vermelhos — o primeiro batalhão dos guardas Coldstream que, formado em 1860, pertence a uma das mais antigas unidades do exército britânico e se distinguiu tanto na batalha de Waterloo como na de Dunquerque.

A inspecção prossegue, no meio de grande silêncio. As fileiras parecem alinhadas a fio de prumo, em formações geométricas perfeitas.

DESFILE AO SOM DE MARCHAS MILITARES

O presidente de Gaulle e o duque de Edimburgo regressam ao estrado para se imobilizarem por sua vez, enquanto as unidades desfilam, uma após outra, na sua frente: primeiro, a artilharia montada, por secções, entre as quais se intercalam as baterias de canhões, ao mesmo tempo que a fanfarra dos guardas a pé executa uma marcha. Aos artilheiros seguem-se os couraçados, acompanhados pelos «Blues», a sua célebre fanfarra, igualmente montada.

Uma por uma, as unidades vão saindo do terreiro, com excepção das fanfarras. Cabe, agora, a vez destas efectuarem uma série de exercícios, que elevam a notável grau de perfeição a chamada «Escola do Soldado».

Morreu esta tarde o almirante Botelho de Sousa

A hora a que fechamos o nosso jornal, chega-nos a notícia de ter falecido, no Hospital de Marinha, onde se encontrava internado há meses, o almirante Alfredo Botelho de Sousa, um dos mais distintos oficiais de Marinha, que exerceu importantes cargos, entre os quais o de chefe do Estado-Maior da Armada e desempenhou missões de responsabilidade, algumas das quais envolviam o próprio prestígio da Nação além-fronteiras. O almirante Botelho de Sousa, que tinha 80 anos de idade, foi deputado às Constituintes de 1911. Passara à situação de reserva em 1945 e á de reforma em 1950.

Era natural dos Açores e casado com a sr.ª D. Josefa Gago da Camara Sileij Botelho de Sousa. No Verão passado, sentindo-se doente, o almirante Botelho de Sousa esteve em observação numa clínica dos Estados Unidos. Regressou mais tarde com sensíveis melhoras e encontrava-se na ilha da Madeira a repousar, quando uma crise mais grave da sua enfermidade obrigou a sua transferência rápida para Lisboa.

A sua morte representa uma perda grave para a Marinha, onde o seu nome era unanimemente respeitado. O seu funeral realiza-se amanhã, às 15 horas, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.



Em Inglaterra, o general de Gaulle não deixou de prestar homenagem aos soldados desconhecidos cujo túmulo se encontra na histórica Abadia de Westminster. No túmulo depôs o presidente da República da França uma coroa de flores

O DISCURSO EM WESTMINSTER

O presidente da República francesa dirigiu-se, depois, a Westminster, onde proferiu um discurso perante uma reunião conjunta das Camaras dos Comuns e dos «Lords».

«A França acredita que a paz só pode ser atingida se for extirpado o terror geral de uma subita aniquilação. E a remoção desse receio implica a limitação e o «controle» dos armamentos por ambos os campos».

«A França deseja, prosseguiu, acima de tudo, que as reservas de armas nucleares sejam destruídas, que as instalações em que são fabricadas sirvam para outros fins, que os foguetões e aeronaves capazes de transportá-las — bem como as bases fixas ou móveis das quais podem ser lançados esses veículos da morte — sejam colocados sob vigilância».

E acrescentou: «Por seu turno, ela sentir-se-á feliz por renunciar às experiências e aos gastos de capital que empreendeu a fim de prevenir-se, também, com os meios que

os outros possuíam, desde que estes deixem de dispor deles».

Falando em francês, disse que os dirigentes das quatro grandes potências mundiais irão para a conferência ao mais alto nível, em Maio, «no mesmo estado de espírito de viajantes que empreendem uma longa e difícil viagem».

O presidente da França entrou no velho Palácio de Westminster, ao som de uma fanfarra. Substituiu o uniforme de brigadeiro-general, que tem usado em quase todas as ocasiões, desde o início da visita, por um fato escuro. Escutou, em sentido, a «Marselhesa», depois transpôs os degraus atapetados de vermelho da tribuna, alta e larga, frente às duas Camaras.

O discurso durou dezoito minutos, durante os quais de Gaulle raramente relanceou a vista sobre as notas que tinha ao lado. Movimentava a todo o momento a mão direita, para acentuar certos passos da mensagem e, por vezes, erguia ambos os braços, a vincar ainda mais o que dizia.

Ladeavam-no dois funcionários, sentados. Ao longo dos degraus, com os uniformes de gala, enfileiravam-se os «Beefeaters» da Torre de Londres, empunhando archas. Detrás do presidente, estavam três soldados dos Life Guards, com as suas armaduras de prata e capacetes empenachados. Mais atrás ainda, outra fila de Life Guards, fechando o fundo da tribuna.

No fim, os membros das duas Camaras aplaudiram as palavras do presidente com uma ovação que durou dois minutos.

Depois do discurso, de Gaulle e a esposa visitaram o Royal Hospital, em Chelsea, onde o presidente e madame de Gaulle foram homenageados com um almoço oferecido pelo Governo inglês.

De tarde, o casal de Gaulle é recebido no Instituto e no Liceu Francês, em South Kensington. — (F. P. — A. N. I. — Reuter).



Almirante Botelho de Sousa

CINCO MORTOS

num choque

OPELIKA (Alabama), 7 — Choaram dez automóveis e camiões numa estrada perto de Opelika. Morreram cinco pessoas ficando feridas nove, e os acidentes deram-se, durante violento temporal, devido á visibilidade quase nula. — (A. N. I.).

BENFICA-SPORTING BANCADA CENTRAL

Trocamos por automóvel novo, de luxo e em estado novo.

Além da Bancada Central, damos ainda o autêntico disco do Lápís do Lopes e um Lápis do Lopes.

Papelarias Emilio Braga

Rua da Madalena, 42 ou nas suas filiais

Restaurante francês GALEOTA

28 — Av. Sidónio Pais — LISBOA
Telefone 51281

Por motivo de um banquete de homenagem, avisamos os nossos estimados clientes e amigos que não servimos os jantares habituais.

AÇORDA DE SÁVEL FAMOSO PRATO do Ribatejano de Salvaterra

Eis os novos Concessionários FRIGIDAIRE para venda e assistência técnica de produtos domésticos e comerciais no distrito de Lisboa

FRIGIDAIRE

Rua Gonçalves Crespo, 26 A e B (ao Conde Redondo)

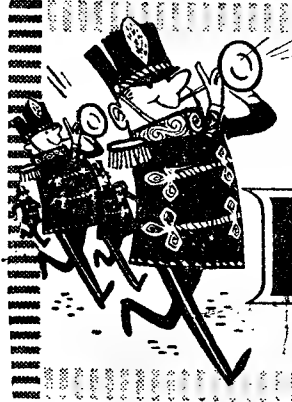
Tel. PPC 73 44 48

AVISO

Paquete «VERA CRUZ»

Conforme temos anunciado, informam-se os Srs. Passageiros de que este navio largará do Cais da Rocha do Conde de Óbidos, no próximo dia 9, pelas 11 horas.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO



39 anos de Diário de Lisboa

FORMULAMOS UM VOTO

(Continuação da 1.ª página)

falasse uma linguagem nova e viesse animado de um entusiasmo e de uma fé que não conheciam limites, não tardou a alcançar larga audiência na opinião pública. Os leitores reconheceram logo a sinceridade das nossas intenções e compreenderam que não nos movia outro interesse que não fosse o interesse nacional. Com efeito, nunca este jornal se serviu do seu crédito na opinião pública para a iludir ou a desencaminhar. Procurou sempre orientá-la no bom sentido, de modo a estimular-lhe as virtudes, em vez de lhe lisonjear os defeitos.

Republicano cem por cento, manteve sempre o culto da liberdade e o respeito pelas opiniões alheias. Entende que todas têm lugar no espaço limitado em que vivemos, desde que se respeitem mutuamente, sem pugnâncias estérteis

e sem facciosismos inúteis, e não atentem contra os interesses sagrados da Nação. Nenhum Português, nenhum grupo de Portugueses se pode arrojar o monopólio do patriotismo e da honra nacional que a todos compete defender. Temos lutado, por isso, pela coesão moral da Nação e pela união de todos os Portugueses sem distinção de credos políticos ou religiosos, porque só ela faz a força e nos pode defender eficazmente contra os perigos que nos ameaçam. Mais do que nunca, essa união precisa de ser uma realidade e não apenas um desejo ou uma vaga aspiração de idealistas. Para isso, é necessário que se entendam, com um sentimento fraternal e sem reservas, mãos que até aqui recusavam apertar-se. É indispensável que o amor ceda o passo ao ódio, a confiança se estabeleça em todos os corações e a tolerância faça valer os seus di-

reitos e dê a conhecer as suas virtudes.

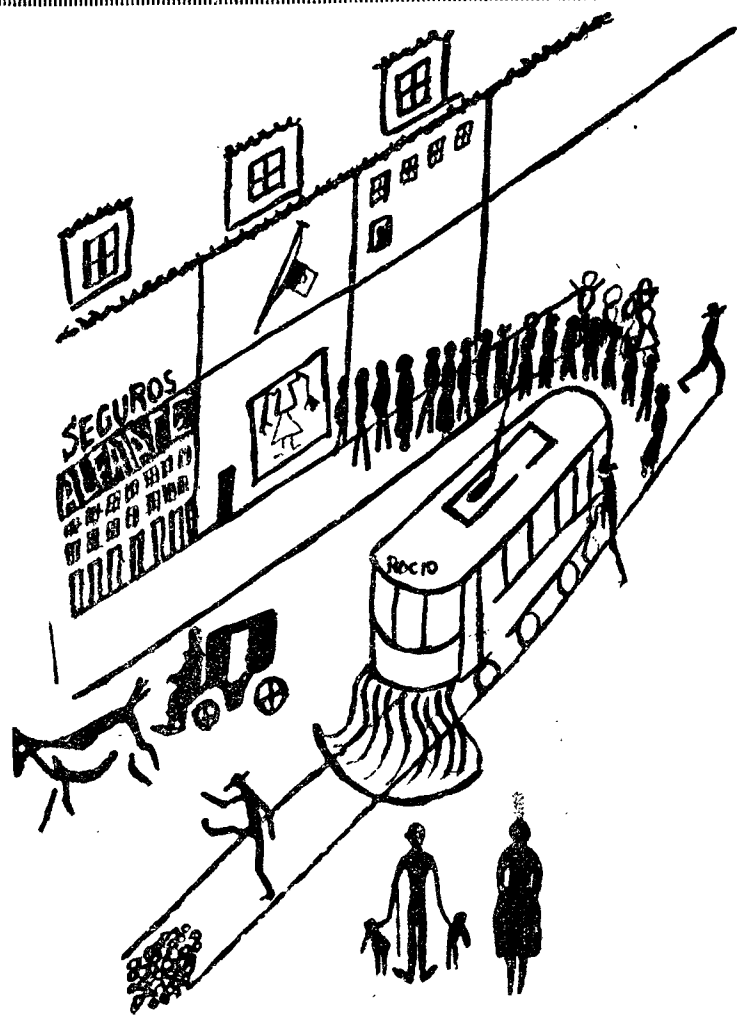
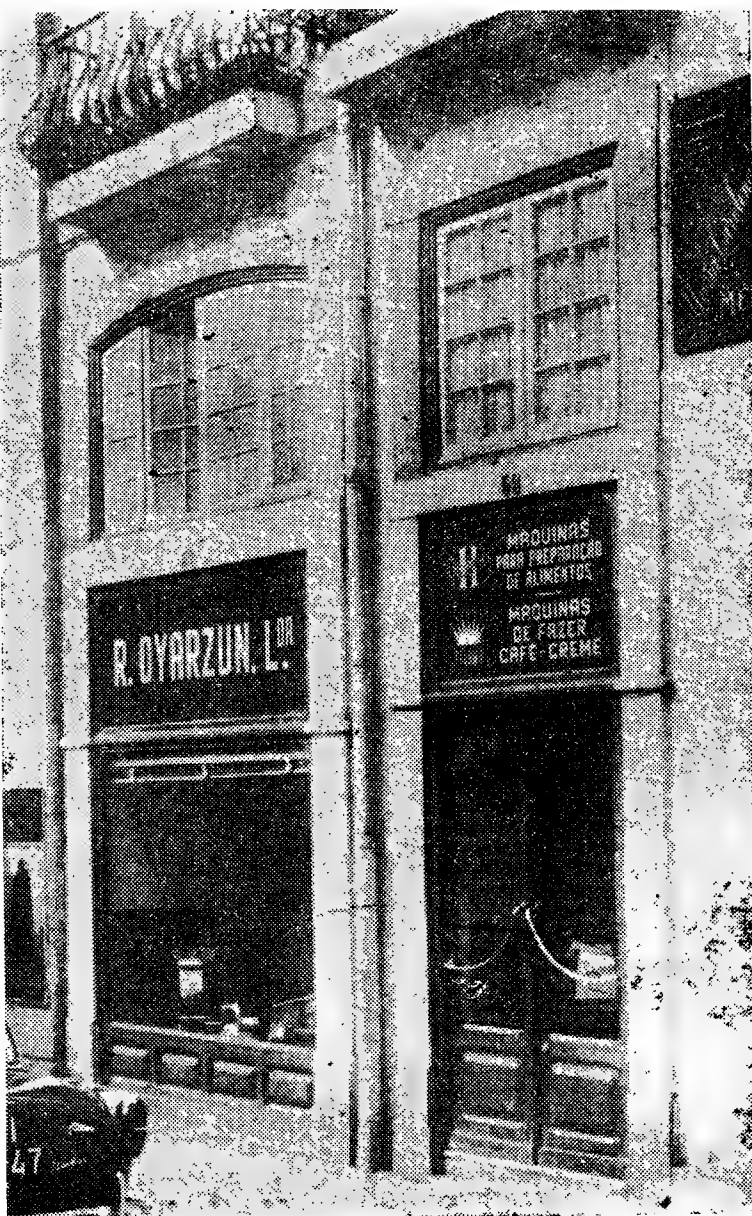
São esses os desejos que formulamos ao entrar num novo ano de vida, com o mesmo entusiasmo, as mesmas ilusões e o mesmo desejo de nos tornarmos úteis ao País.

Trinta e nove anos na vida de um jornal, que manteve sempre a espinha direita, sem se desviar uma polegada do caminho que traçou, representam alguma coisa de estável e de permanente que nos confere autoridade para formular um voto: o de que todos os Portugueses possam encontrar-se um dia, que não venha longe, unidos pelos mesmos sentimentos e participando das mesmas responsabilidades e dos mesmos deveres que a Pátria exige de cada um dos seus filhos.

Foi neste rés-do-chão da Rua da Misericórdia, então Rua do Mundo, que se compôs o primeiro número do «Diário de Lisboa». Ainda hoje conserva os mesmos números de polícia que tinha então: 57 e 59. Era uma casa térrea, que servia de redacção e de tipografia. As ratananas passeavam livremente por entre os caixotins. As mesas dos redactores alternavam com os mármores da paginação. Neste rés-do-chão, instalou-se depois uma casa de material eléctrico e hoje existe nas mesmas dependências, amplamente remodeladas, a casa de máquinas para a indústria hoteleira R. Oyarzun, Ld., que se estabeleceu no local há trinta e um anos. Perto dali, na Rua da Atalaia, existia uma velha rotativa, a máquina do Zé Maria, onde se imprimiu o

primeiro número do nosso jornal. Foi numa tarde dourada de Abril, como a de hoje. Um pregão novo acordou os ecos do Bairro Alto e

repercutiu pelas ruas da cidade: — «Cá 'stá o «Diário de Lisboa»! E nunca mais deixou de se ouvir este pregão



Desenho de Almada Negreiros no primeiro número do «Diário de Lisboa» a ilustrar um poema de António Ferro intitulado «Rua do Ouro».

Um jornal moderno

aberto a todas as manifestações da cultura e da arte

Em 1921, quando surge no panorama da Imprensa portuguesa o «Diário de Lisboa», com o seu impeto juvenil de novidade e estilo moderno de visão jornalística dos acontecimentos, a vida literária nacional está ainda na obscura génese da transição para uma nova época. O século XIX, na sua expressão decadentista «fin-de-siècle», tardava em morrer. A primeira guerra mundial separou, em cofre sangrento dois mundos, representados por muito diversas mentalidades. Mas já antes dela o «modernismo» despontava, anunciando no domínio das artes as transforma-

ções profundas que viriam a abranger todas as formas da vida; e ainda depois dela subsistiam os ecos prolongados do século que se extinguiu cronologicamente havia duas décadas, em figuras e obras que mantinham com relevo a sua presença no ambiente literário. Nessa convergência do antigo e do novo, do declinante e do ascendente, se caracterizou a época — e o mundo de contrastes multifórmes que a representa.

Já antes de 1914 alguns escritores jovens — Fernando Pessoa

(Continua na página seguinte)

A intervenção de Portugal na guerra

criou uma atmosfera propícia a uma medida de clemência na época em que apareceu o novo jornal da tarde

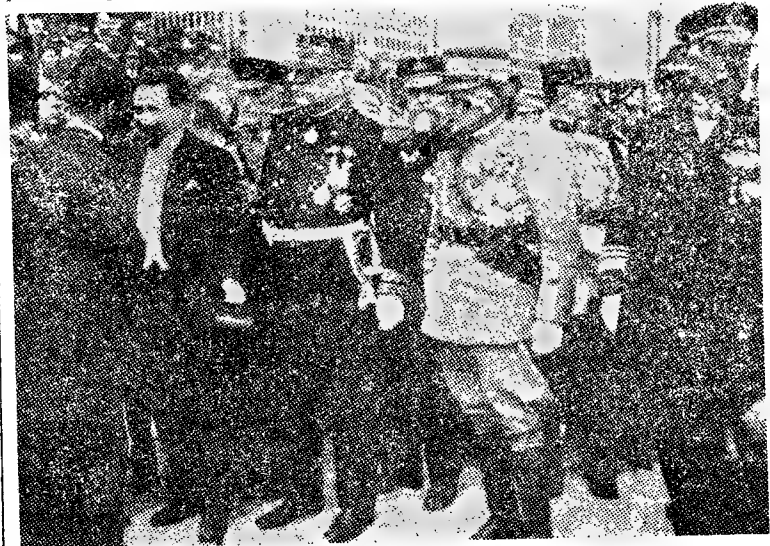
Estava no Poder um Governo presidido pelo dr. Bernardino Machado quando o «Diário de Lisboa» apareceu em 7 de Abril de 1921. A simples invocação do nome do patriota eminente e do republicano intemerato que ele foi torna presente e actual a sua acção política e o seu apostolado cívico, prosseguidos ao longo de uma carreira que lhe emprestou estatua nacional. O propagandista, o mestre universitário, o parlamentar, o tribuno, o doutrinador, o homem de Estado deram do seu mérito provas que o tempo exaltou e a História fi-

xou. A nossa intervenção na primeira conflagração mundial — o acontecimento mais relevante da vida nacional do último século — foi em grande parte obra sua. A sua viagem aos campos de batalha e às capitais dos países aliados nessa conflagração consagrou a sua personalidade, a magistratura em que estava investido e a significação histórica do acto que, melhor do que ninguém, interpretou aos olhos dos estrangeiros.

O País atravessava uma hora de exaltação espiritual e fervor patriótico sem paralelo no passado re-

cente. O Governo tinha o apoio dos agrupamentos políticos do centro e da esquerda e a oposição da minoria que, no Parlamento, representava a tendência conservadora dentro do regime republicano. A autoridade incomparável do seu chefe, somando-se à missão altamente patriótica que ele e o Chefe do Estado, dr. António José de Almeida se haviam imposto, foram os alicerces da política de generosidade e esquecimento com que a República correspondeu à aventura dos monárquicos que, dois anos antes, no rescaldo do conflito militar em que intervenientes perturbaram a tranquilidade e a concórdia públicas. Esse gesto suscitara a reacção heroica do povo de Lisboa e das forças armadas estranhas ao episódio e fora liquidado, após algumas semanas de sucessos deplaváveis nas quais se verificou a perfeita comunhão de ideias e sentimentos que identificava com a Nação o regime que esta escolhera em Outubro de 1910 no meio de um entusiasmo consagrador.

Na lamentável tentativa restauracionista do Norte e no episódio sangrento de Monsanto se liquidaram inglórioamente os esforços para o restabelecimento do regime deposto pelo povo e o mito da sua viabilidade num País cuja população era há muito arreigada em república. Desde as incursões, que se seguiram à proclamação do regime, até 1919, durante oito anos os monárquicos não conseguiram organizar qualquer movimento susceptível de conseguir a adesão de elementos civis ou militares em quantidade e de qualidade suficientes para garantir o seu êxito ou



A saída do Parlamento, no funeral dos soldados desconhecidos, o dr. Afonso Costa á direita ao marechal Joffre e ao generalissimo italiano Diaz. Em segundo plano vêm-se o general «Sir» Smith Dorriens e o almirante Leote do Rego

(Continua na 25.ª página)

A vida literária há 39 anos

(Continuação da página anterior)

nascera em 1888, Mário de Sá Carneiro em 1890, Almada Negreiros em 1893 — acolhiam entre nós as primeiras aragens da renovação literária que despontava na Europa. «Dispersão», o único livro de versos que Sá Carneiro deu a público, surge, precisamente, em 1914. E sucedem-se logo depois, em cadência de fugazes mas contínuas jornadas, as revistas que reflectem em Portugal o modernismo nascente: «Orfeu», «Portugal Futurista», «Contemporânea», «Athena». A sua mensagem, a princípio partilhada em círculos quase herméticos, mal pressentida pela generalidade do publico literário, confinava-se ainda, em 1921, num reduzido grupo. Mário de Sá Carneiro morrerá em 1916, inadaptado a um mundo que só conseguiu encarar sob as formas evasivas da blague ou da alucinação. Fernando Pessoa deambulava, silencioso e fechado, entre as suas visões heterónimas, compondo ignoradamente a sua obra poética que só mais tarde as gerações novas viriam a descobrir. E é Almada Negreiros quem alimenta publicamente o facho da literatura nova, proferindo na Liga Naval — poucos dias antes do aparecimento do primeiro numero do «Diário de Lisboa» — a conferência «A invenção do dia claro».

António Ferro é, também, uma voz do modernismo nascente nessa Primavera de 1921. O seu nefelibatismo retórico, o futurismo que havia de descobrir em Marinetti, a audácia de afirmar, davam-lhe posição de relevo na geração nova da época. A novela «A Leviana» e o volume de crónicas «Colette, Colette Willy, Colette», publicadas por essa altura, têm muito mais largo eco do que as criações verdadeiramente renovadoras do modernismo, rabiscadas por Pessoa á

mesa dos «cafés». E ainda Almada Negreiros, com as suas crónicas esmaltadas de fantasia ficcionista e as suas críticas de teatro, no «Diário de Lisboa», quem afirma mais expressivamente a personalidade intelectual da geração que despontara com a revista «Orfeu». A geração seguinte, que viria a consagrar a corajosa revelação dos precursores, saía então da adolescência. José Régio tinha apenas vinte anos — e só a partir de 1927 a revista «Presença» inicia a jornada decisiva de instauração da nova poesia. De Maio de 1922 a Maio de 1926 é a revista «Contemporânea», de José Pacheco, o elo de continuidade nos rumos que haviam sido abertos pela «Orfeu».

As correntes literárias que prosseguiram na linha tradicional e as figuras que as representavam não tinham perdido ainda, entretanto, a aura que lhes era devida. Guerra Junqueiro, muito idoso, absorvido nas lucubrações de um filosofismo fantasioso, assistia ainda á publicação das «Poesias Dispersas» e ao êxito expressivo que as acolhia no grande publico. Eugénio de Castro já tinha criado, por essa época, o melhor da sua obra e vivia discretamente em Coimbra; mas António Ferro, nas páginas do «Diário de Lisboa», qualifica o prestigioso mestre simbolista de «ditador do ritmo» e apela para que abandone o seu isolamento, participando mais vivamente na actividade literária do tempo. Afonso Lopes Vieira profere em 22 de Abril, na Liga Naval, uma conferência sobre João de Deus, que um publico numeroso e entusiasta aplaude; e vê entre a assistência, como representantes eminentes de uma época que vai extinguir-se, figuras de relevo no mundo literário: o conde de Sabugosa, Trindade Coelho, Augusto Gil...

Pouco antes, com vivo compun-

gimento dos que então conheciam o triste abandono dos seus ultimos anos de vida, tinha ido a enterrar o poeta Gomes Leal, cuja voz de antigas imprecações esmorecera melancolicamente. O poeta morreu na casa do seu velho amigo Ladislau Batalha, á Rua do Telhal; e o enterro foi custeado pelo «O Jornal» (órgão provisório das empresas jornalísticas de Lisboa, que uma greve atingira em Fevereiro de 1921) com acompanhamento religioso.

As grandes figuras literárias da época, superando pela força criadora da personalidade original os contrastes da transição em curso, também afirmam na Primavera de 1921 a sua presença. Aquilino Ribeiro, regressado da Alemanha em pleno vigor do talento e já com um lugar de glorioso relevo na nossa literatura, inicia a construção definitiva da sua obra admirável de prosador. O «Diário de Lisboa» publica em folhetim, por essa altura, as novelas «O esconjuro» e «Português dos velhos tempos», em que a arte esplêndida do escritor se revela em toda a sua força ascendente. Numa entrevista que foi muito discutida, tanto nos meios intelectuais como nos meios políticos, Aquilino fala da Alemanha agitada e inquieta desse tempo e dos perigos que a ameaçam.

Também Julio Dantas publica neste período o volume de crónicas «Abelhas Doiradas», acolhido com caloroso agrado no largo círculo do publico que o admira. A obra é divulgada largamente em três edições sucessivas que rapidamente se esgotam. Jaime Cortesão, com prestigiosa influência no ambiente literário da época, leva á cena, no Teatro do Ginásio, a peça «Adão e Eva». Manuel Ribeiro, ainda apelidado na imprensa de «fugoso revolucionário-artista», publica em segunda edição «A Catedral». Américo Durão consagra o seu claro ver-

bo de poeta no livro «Tantalos». E alguns jovens de veemente inspiração lírica e de expressão neo-romântica, vêm tomar lugar no panorama poético do momento com obras reveladoras: Tomás Ribeiro Colaço, que publica o livro «Água da Fonte»; Francisco Costa, quase desconhecido, que apresenta o volume «Pó»; Artur Inês, em fase de juvenil sentimentalismo, que publica os versos de «Sol de Outono».

Outros poetas, de obra já consagrada e nome prestigioso, estão presentes no pequeno mas animado mundo da literatura portuguesa durante esses meses iniciais de 1921. João de Barros, na vibração calorosa da sua musa eloquente, publica no «Diário de Lisboa» de 9 de Abril o esplêndido poemeto «Ao Soldado Desconhecido». Augusto Casimiro apresenta com assiduidade os seus poemas, esmaltados de timbres heróicos. E Alfredo Pimenta ainda cultiva a poesia, de ressonancias simbolistas, ao mesmo tempo que inicia na imprensa o seu labor de crítico e erudito. Pina de Moraes, no ambiente ainda impregnado de recordações dolorosas ou épicas da guerra, publicou também por essa época o seu belo livro «O Soldado Saudade».

O grande êxito literário do momento, porém, a tudo superando na imediata projecção publica, é o primeiro livro de Virgínia Vitorino, «Namorados». Saudado calorosamente pela critica, como criação expressivamente portuguesa pelo sentimento e pela melancolia, esse volume de versos é disputado nas livrarias. Em 1921 ainda havia «best-sellers» em poesia... «Venceu numa hora!» — dizia-se de Virgínia Vitorino nas revistas literárias.

Entretanto, esboçava-se já a organização do grupo «Seara Nova», que a partir de Outubro de 1921 ia exercer influência profunda, não só no panorama político e no de-

bate de ideias, como na vida literária do País. Em torno da mensagem cívica e cultural da revista iam reunir-se, dando-lhe colaboração assíduo desde início, prosadores de primeira plana como Aquilino Ribeiro e Raul Brandão; poetas como Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, Américo Durão; pensadores e críticos como Raul Proença, Vieira de Almeida, Camara Reis, Ezequiel de Campos, Emilio Costa, Ferreira de Macedo e tantos mais. Camara Reis era o incansável animador do grupo. E António Sérgio ia iniciar com os seus «Ensaio» o admirável magistério de ideias que ficaria a assinalar, só por si, toda uma época extensa da cultura portuguesa.

A vida literária, por esses tempos, encontrava á sua volta um ambiente social de interesse, de entusiasmo e de simpatia que tornava possível a germinação fecunda de todas as correntes e personalidades. Na Biblioteca Nacional ia criar-se um verdadeiro cenáculo onde se encontravam e compreendiam homens de todas as correntes do pensamento e da literatura. Nos «salões» literários de Carlota Serpa Pinto (Clarinha) e Veva de Lima cultivava-se a convivência intelectual e artística. E era com larga projecção que se celebravam em Portugal, nesse ano de 1921, os centenários do nascimento de Beaudelaire ou da morte de Dante.

O «Diário de Lisboa», com a sua modernidade de jornal vivo e dinâmico, surgiu nesse ambiente literário como órgão largamente aberto a todas as manifestações da cultura e da arte. Nas suas páginas se reflectem, com plena e assídua presença, as correntes da literatura tradicional como da literatura nova que representavam por essa época a perenidade da vida do espírito num país livre.

ATRAVÉS DAS ESTRADAS DO PAÍS A

SACOR

está presente ao serviço do automobilismo



Posto de abastecimento e estação de serviço Sacor, recentemente inaugurado na Estrada Nacional Aveiro — Porto (Esgueira-Cacia)

O ambiente da capital

no tempo em que os aruínas corriam pelas ruas a apregoar os primeiros numeros do «Diário de Lisboa»

Foi no dia da trasladação dos restos mortais dos soldados desconhecidos para o Congresso da República que apareceu o primeiro numero do «Diário de Lisboa». A noite reunia-se o Partido Republicano Liberal. Fora um dia de sol. Um verdadeiro dia de Primavera.

Cada época tem o seu estilo, cada luto, cada ano, a sua cor própria, consoante os factos, os dramas, os eventos espectaculares que os assinalaram. Nada para jamais e até muitas vezes, paradoxalmente, o melhor engendra o pior e o pior o melhor, porque nada se perde ou se ganha completamente: o que num lado se obtém noutro se desfaz, e algures frutifica ainda aquilo que de todo em todo parecia consumido em puro prejuízo... Os anos correm, como areia nas ampulhetas da vida, mas logo que estas se despejam acode o destino a abastecê-las com novas esperanças, promessas, ilusões, revoltas e ideais, em que subsiste muito do que é eterno e acrescenta novos valores, sempre, mesmo quando o risco das existências se encurva provisoriamente ou se desvia para o passado, a andarem em frente. Quando hoje olhamos para esse já tão distante ano de 1921, as impressões que recebemos são diversas: saudade ou estranheza, conforme a distancia que desse momento nos separa.

Era um ano dos anos 20, logo ao principio. Ainda não se haviam extinto os ecos da grande guerra: os heróis estremeciam a lembrança das procelas de metralha, os lutos profundos mal se tinham suavizado, o País venerava os seus mortos no Soldado Desconhecido. Pensava-se muito em prolongar a vida humana, o que não é, de resto, apanágio de uma década, porque sempre a Humanidade teve essa descaroável ambição.

Os primeiros sinais de um grande progresso técnico

Os progressos da técnica acentuaram-se num ritmo cada vez mais veloz: resfolegavam locomotivas, planavam no ar frágeis aviões, os automóveis conservavam ainda para o parolito dos campos certo ar de máquinas infernais e quem neles partia, de grandes óculos misteriosos, levava ainda um pouco o ar de quem se atreve a uma aventura. Mas foi nesse ano que Gago Coutinho e Sacadura Cabral levaram a cabo, em setenhora, o «raide» aéreo Lisboa-Madeira.

E na Granja do Marquês, a poucos quilómetros de Sintra, alinhavam os frágeis aparelhos que constituíam a nossa força aérea.

O espírito cívico, a paixão da liberdade, eram de rigor, e não faltava, a condimentar os discursos, que nem sempre serviam, de facto, os interesses do povo, alguma greve, como a dos eléctricos ou a do pão, muitas vezes com exageros brutais, mesmo quando nascidas de justas reivindicações. Mas, a par da sociedade republicana, das tertúlias jacobinas da botica e do «café» e do povo generoso, ingénio e violento ou o alheado de tudo o que não fossem as suas canseiras diárias, mantinha-se no galarrim, e até em posições de grande destaque e influência, a velha aristocracia frívola e dandinesca ou marialva, raramente muito ilustrada, apesar do verniz importado de França. E, juntamente com essa fidalguia de raça, a nobreza da finança. Fazia-se a venda da flor

nas verbenas em jardins publicos. Multiplicavam-se as festas e recitais de caridade (nunca faltaram nem faltam, pobres em Portugal), celebravam-se com pompa os aniversários illustres; e a vida dos salões tinha repercussão nos jornais e nas gazetilhas mundanas. A senhora condessa de X ou de Y dava «finissimos chás» às pessoas das suas relações num desses velhos palácios alfacinhas com decadentes e formosos azulejos, com tocheiros e brandões alumiados e criados de libré, onde se riscavam «garnets» de baile e se dançava



Uma elegante de 1921 descendo o Chiado

sem interrupção ao som de algum «exímio terceto».

Comemorou-se nesse ano o centenário de Baudelaire. Pululavam em Lisboa, além de alguns poetas autênticos, os vates de attitude, páldios e subitís, declamando os seus versos dramaticamente ou suavissimamente. A eterna diferença entre ser poeta e ser poético. Ao canto da «Garrett» refugiava-se da turba a «babillage» requintada... O chá-das-cinco fazia irrupção nos nossos costumes, de braço dado com o «fox-trot». Desciam o Chiado os elegantes, de pelica, debruçando-se sobre algum rostozinho miúdo que os cruzava, escondido na pesada «cloque» então da praxe.

Madame Moda ditava os vestidos compridos

Madame Moda ditava os vestidos compridos, após o período delirante

do «charlston», que pusera a mostra as mais lindas e as mais feias pernas da Europa. Voltavam a ver-se as longas túnicas bordadas, com «draperies» majestosas, as capas de cetim de largos «revers» e com amplas dobras. Ainda, no entanto, não tinham, por completo, batido em retirada as «toilettes» «Directório», essas soltas, por vezes vaporosas, vestes descintadas que lembram hoje roupas de parturientes, ainda que revivam nas adoradoras da linha «saco» e «trapézio».

Cruzavam os passeios da Baixa — os «trottoirs», como diziam os janotas, possessos de galicismo —, senhoras de olhos pisados (cada época tem não só um tipo de beleza, que é fruto da maquilhagem, mas até um tipo físico próprio, que é consequência do mimetismo). Essas vénus, domésticas ou publicas, apareciam ornadas com toques de palha lustrosa, enterrados até aos olhos ou com enormes capelines, à Mata-Hari, onde sabressalam as «aigrettes», as plumas de avestruz, os «cocardes» e as fitas caídas até aos ombros. Na mão, as malas recobertas de missangas. Ao pescoço, os colares de pérolas, que desciam até à cintura das «vamps». Nas bocas avivadas a vermelho-sangue atreviam-se os primeiros cigarros, «poseurs». E havia boquihas inconcebíveis, deliciosas...

Eles, heróis dos concursos hipicos, políticos, ricos dibaritas, diplomatas, fidalgos, toureiros ou literatos desses que paravam na Portugal Brasil, ainda atardados nas rimas peregrinas do Simbolismo, nefelibáticos, estetizantes, todos ou quase todos se nivelavam nos carregados bigodes donjuanescos, que hoje nem nos permitem determinar-lhes a idade exacta, no olharmos os retratos em que eles pousavam para a eternidade. Passavam pelo Rossio dignos e agressivos «cavaignacs», monóculos empertigados, colarinhos altos, fletros de abas largas e chapéus de palha casquilhos...

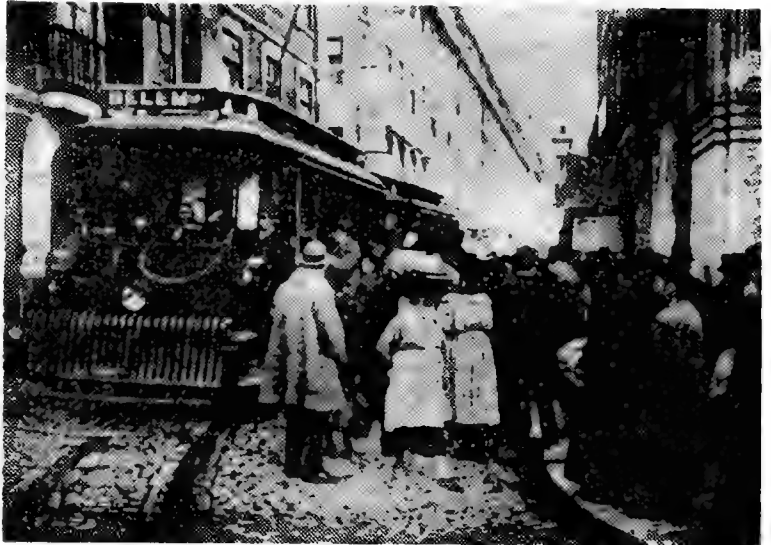
Lisboa trabalhava e divertia-se

Lisboa trabalhava, suava, mas também se divertia. Touradas em Algés, jantaradas valentes no «Leão de Ouro», jantares «raffinés» no Tavares rico, ceias no Maxim's, boémia intelectual do «Royal», do Café Londres, passeatas a Cascais nos carros de aluguer, que já faziam praça no Rossio, antes de aparecerem os primeiros «Palhinhas», quem podia fazer o gosto ao dedo... No Verão, gravolosos e achacosos e ainda alguns uniformes condecorados e respeitatos, e damas de opulentas carnes e jóias e quantas e quantas mimosas donzelas romanescas iam pachorrentamente lazerar e retemperar-se, para a dourada Curia frondosa, dos ares empestados da capital já invadida pelos fumos das fábricas. O operariado limitava-se, aos domingos, a deitar o lúzio por Algés, ao pé da porta, guloso dessas felicidades sensoriais que o dinheiro compra, porque só ele facultava acesso ao sol e à liberdade que se chama tempo de ócio. Quando muito, espreitava às vezes, nas ruas, a passagem de alguma corrida redestre, que então se fazia assim até pelo meio das artérias mais populosas. Os assaltos de boxe, novidade para a época, e os campeonatos de ténis, vestidos de branco,

(Continua na 21.ª página)



As peles brancas estavam na moda, como se vê por este passeio em plena Baixa



Os carros eléctricos eram então, ainda, o unico meio de transporte colectivo ao dispor da população lisboeta



Uma tipica à espera de fr-gueses, no Rossio



Um simples passeio de automóvel e Sintra tinha ainda o sabor de uma aventura



No campo de aviação da Granja do Marquês, perto de Sintra, alinhavam estes «poderosos» aparelhos que compunham uma esquadilha da época

RECOMENDACÃO

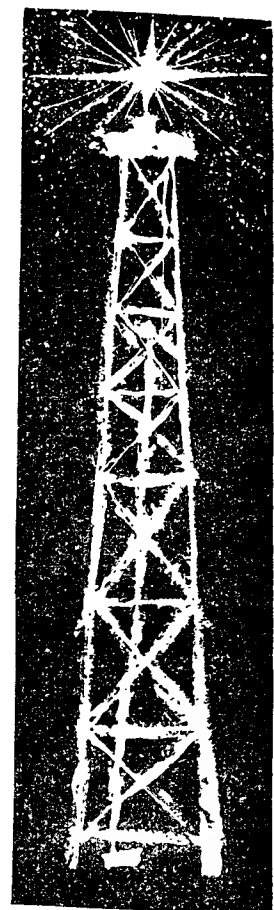


UNÂNIME !

NA VERDADE,
TODOS OS
CONHECEDORES
USAM E
RECOMENDAM



MOTOR OIL



Empresa Industrial de Tintas, Lda.

FABRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO

Rua da Cascalheira, 33 — Alcântara — Lisboa

Tel. 638008

VISTA ALEGRE

AS MAIS BONITAS PORCELANAS
EM TODOS OS ESTILOS E PARA
— TODOS OS PREÇOS —

Vidros da IVIMA

R. Ivens, 19

LISBOA

R. Candido dos Reis, 18

PORTO

FASSIO, LIMITADA

20, RUA DO JARDIM DO REGEDOR, 32
TELEFONES: 31902/3/4 — LISBOA

TRACTORES E MÁQUINAS
AGRICOLAS E INDUSTRIAIS

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

— SEDE EM LONDRES —

Plantações e Fábricas de Açúcar
em Luabo e Marromeu
Província de Moçambique

Direcção Local: Avenida da Índia, 8 — Lisboa

NA JOALHARIA MERGULHAO

PODERÁ ADQUIRIR PRATAS ANTIGAS, SER-
VIÇOS DE CHÁ, ANTIGOS E MODERNOS,
BAIXELAS DE PRATA, CANDELABROS, TA-
BULEIROS E SALVAS DE GRADINHA, FA-
QUEIROS, ETC.

A preços reduzidos

RUA DE S. PAULO, 162

Tel. 3 0013

CAMINHOS DE FERRO SEMANA SANTA E PASCOA

ZONA SUL

Do dia 10 a 18 de Abril de 1960

Comboio n.º 8011 (rápido do Algar-
ve) — Efectua-se diariamente entre Bar-
reiro e Vila Real de St.º António —
Guadiana, com ligação de e para Al-
justrel e para Lagos.

No período acima em referência dá
diariamente ligação para Sevilha.

Automotora n.º 9728 — Efectua-se
diariamente entre Faro e Lagos.

Automotora n.º 9739 — Suspensa a
sua circulação entre Faro e Lagos.

Do dia 10 a 19 de Abril de 1960

Comboio n.º 8012 (rápido do Algar-
ve) — Efectua-se diariamente entre Vila
Real de St.º António—Guadiana e Bar-
reiro, com ligação de Lagos e de e
para Aljustrel. No período acima em
referência recebe diariamente ligação
de Sevilha.

Ch. Lorilleux S. A.

FABRICANTES ESPECIALIZADOS DE
TINTAS — VERNIZES — SECANTES

para todos os processos gráficos
Novas instalações em

CABO RUIVO — OLIVAIS — Telefone 389061 - 389082
LISBOA — 6

141 anos ao serviço das Artes Gráficas

O ambiente da cidade em que viviam os primeiros leitores do nosso jornal

(Continuação da 19.ª página)

Muito mais pudicamente do que ora em dia, eram reservados a gente chique. Até o futebol tinha ainda foros de desporto aristocrático. No Monte Estoril, entre «pelouses» sedantes, a vida coava-se muito delicada e amena.

Lisboa tinha as suas coqueluches — grandes atrizes, a Lucinda, a Lucília, a Adelina, a Angela, nomes familiares, os seus cavaleiros tauromáquicos, os seus oradores, até os seus polemistas e os seus duelistas, as suas redacções espirituosas e bravias, nos momentos mais assanhados e de maior pundonor. E foi o ano em que se representou Molière na nossa capital, em que passaram por cá a deslumbrante bailarina russa Vera Fokina e a célebre «tournée» Moïgan, evocando numa cidade meio parrana, meio lírica, a graça ondulosa e pura dos frescos helénicos. Lisboa dos desenhos do Almada e do António Soares, dos romances da época, dos versos, das peças do Ramada, a Lisboa em que arde o Teatro do Ginásio e onde os enamorados das divas esgrimiam a bengalada, a horas mortas, sobre as calçadas molhadas de uma saudade fadista e fantasmal. Um Portugal fulvo de ceifadores chegara a França, através do pincel expressionista de Othon Friez. Que é mais verdadeiro — a arte ou a vida?

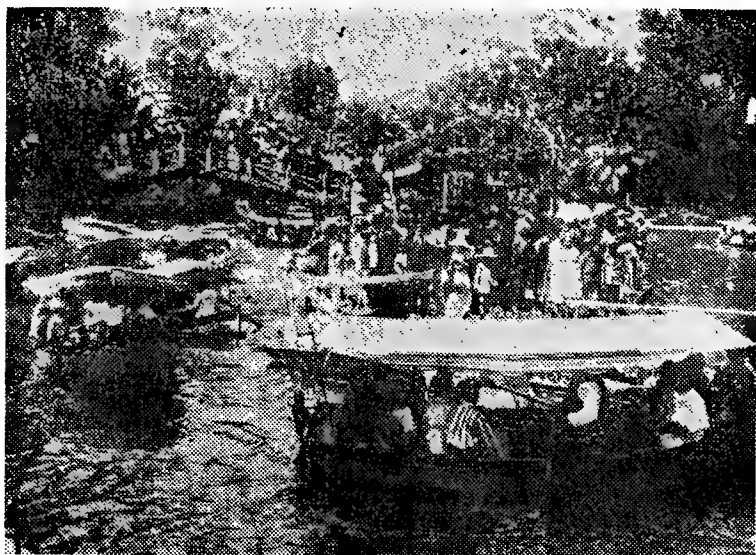
Eram as mesmas de hoje fundamentalmente nas ossadas, as silhuetas emblemáticas da capital do Tejo: Torre de Belém, estátua equestre de D. José, basílica da Estrela, Marquês Sá da Bandeira, Aqueduto das Águas Livres, ruínas do Convento do Carmo, Duque da Terceira, o elevador de Santa Justa, o Eça com a Verdade nos braços, numa lasciva entrega, o nobre perfil do Castelo. Simplesmente, a cidade alargou-se e cresceu em altura, mas sobretudo espraiou-se por novas zonas, até que cresceu tanto e tanto que reúne já cidades múltiplas, cada qual com seu coração, sua fisionomia, seu brasão de trabalho. Que é hoje das hortas, das moradias à antiga portuguesa, dos quintais com remansosas latadas do tempo dessa Lisboa lenta, aos domingos foliada, que acorria, plebeia e colorida, às charlotadas da Tapada das Necessidades, o paraíso das crianças de então, ou se metia, em grande e alegre algazarra, nos barcos onde se passeava e se namorava no lago do Campo Grande?

Lisboa doutros tempos!

Lisboa de há quase quarenta anos! Havia bichas de carroças nas ruas. Machos e sendeiros desdentavam-se nos bebedouros públicos. As carripanas do lixo puxadas por magras pilecas deixavam no Bairro Alto um rasto de papéis velhos. Mas os «breaks» e os «phaetons» estilizados, tirados



Ao fundo do Chiado, o sinalero regulava o trânsito sem grandes preocupações



O Campo Grande constituía um agradável refúgio para a população da capital, que animava, aos domingos, o lago recortado entre a verdura do arvoredo frondoso



A velha Praça da Figueira



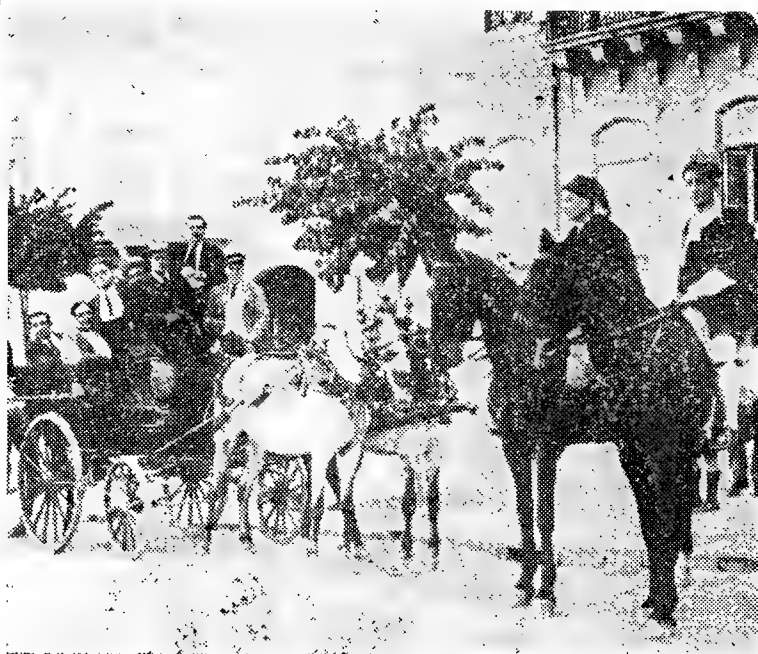
No interior do mercado, o ambiente não era muito diferente, a não ser na indumentária de quem por ali aparecia

por dois ou por quatro cavalos, atravessavam a Avenida da Liberdade, sobre o claro sol lusitano, com seus cocheiros e trintanários, quando não era o próprio dono, que sustinha as rédeas e o chicote com galhardia. E os automóveis, entre estampidos e algumas explosões lançavam-se à conquista da velocidade.

O custo da vida nesse tempo impressiona-nos, quando olhamos apenas a diferença dos preços. Custava, por exemplo, dez tostões uma dúzia de ovos; dez tostões uma porção de dobrada para uma casa de família; dez tostões ainda um garrafão de vinho, três mil réis uma galinha; trinta e seis centavos um quarteirão de sardinhas; dois mil e quinhentos uma bela pescada da palha; cinco mil réis um chibo. Seis tostões era o preço, acessível até de mais, de um litro de aguardente, dezoito tostões o de uma arroba de batatas. O quilo da manteiga não excedia seis tostões, três tostões o sabonete perfumado e de boa marca, quatro tostões a caixa de pó de arroz. Tais eram os índices da vida doméstica no alvorecer dos anos 20.

Mercados, havia-os, com passáros e flores, com gritos e pregões, álares, sujos por vezes e por vezes pobres, mas de uma crua e impressiva força pitoresca. Anafadas vendedeiras exuberantes, sob a cúpula da Praça da Figueira ou sob os toldos exteriores gritavam os seus produtos e chamavam sem cerimónia a freguesia entendida. O Mercado da Ribeira Nova, todo em barracões, estendia-se ao longo da artéria que é hoje a Avenida 21 de Julho.

E seria um nunca acabar de manchas, de evocações, de pormenores esquecidos e surpreendentes, 1921: 39 anos volvidos... e os mesmos sonhos irrealizados ainda vivos, acrisolados pelo tempo e pela distância...



Para a propaganda da tourada dos artistas, em 1921, percorreram as ruas de Lisboa algumas figuras do Teatro, entre as quais Estevão Amarante, segurando as rédeas dos cavalos, Otelo de Carvalho e Armando Machado

Os espectáculos da capital na época em que apareceu o «Diário de Lisboa»

Oito teatros funcionavam na capital quando o «Diário de Lisboa» apareceu, e ainda havia espectadores para todos. Sabia-se o elenco e o género fixos de cada qual, apesar de se ter já iniciado a confusão que acabaria por desmontar o público. Tinha passado o tempo dos Rosas e Brazão, mas começava-se a revelar outro grande actor, José Alves da Cunha. Em Abril de 1921 já mestre Araújo Pereira o apresentava no protagonista da peça «Negócios são Negócios», no Teatro do Ginásio, onde se estreara na peça «A Volta», do nosso camarada Nobre Martins. Vivia-se ainda o tempo das festas artísticas, e Berta de Bivar, que também ali se estreara, anunciava a sua com a peça «Adão e Eva», do dr. Jaime Cortesão. No Nacional estava recente o êxito de «Zilda», do dr. Alfredo Cortês, e circulava esta quadra:

*«Agora é que a peça «Zilda»
Vai levar um trambolhão
Pois se o Alfredo é Cortês
É o Jaime Cortesão».*

Amélia Rey Colaço, criadora de «Zilda», anunciava já a sua festa com a estreia de «Emigrantes», do dr. Tito Arantes e, no mesmo teatro, Palmira Torres faria festa com «A Dama das Camélias». No Trindade, em que era ensaiador o actor Carlos Santos, e de cuja companhia fazia parte José Ricardo, representava Chaby Pinheiro «Emigrado», que Lucien Guity, o pai de Sacha, dera a conhecer no São Luís, por onde haviam desfilado Zaconi e os maiores do Mundo.

No belo teatro do Tesouro Velho anunciava-se a reaparição de Lucília Simões, mas estava ainda a companhia de Armando de Vasconcelos, com Ausenda, Aldina, Vasco Santana e Henrique Alves, fazendo este a sua festa com «Os Sinos de Corneville».

No Avenida, anunciava-se a reaparição de Palmira Bastos, com Rafael Marques, Samuel Dinis e Clemente Pinto, mas Maria Matos, com Hortense Luz, que já se revelara, representava ainda «O Senhor Roubado», de Chagas Roquete. No Politeama campavam Satanela e Amarante, com «João Ratão», da parceria Ernesto Rodrigues, João Bastos e Félix Bermudes. No Apolo reinava Nascimento Fernandes, com a revista «Burro em Pé», de Pereira Coelho e de Matos Sequeira, e no Eden estreara-se uma revista que António Ferro criticava assim, no «Diário de Lisboa»: «E, sem dúvida, a pior revista que tem subido à cena nestes últimos anos. Teve acompanhamento de bombo». (Então ainda se usavam salutaras pateadas).

As «tournée» pela província e pelo Brasil

Silvestre Alegrim ia para a província com o seu reportório do Ginásio, que havia de arder em 1921, e onde se revelara na companhia do actor Vale, com Jesuina e Bárbara, Cardoso, Telmo e depois, Henrique de Albuquerque.

De Adelina e Aura Abranches não encontramos notícia no «Diário de Lisboa» de então, o que nos permite supor que andavam por fora, talvez pelo Brasil, aonde o empresário José Loureiro as levava frequentemente, com Alexandre de Azevedo e António Sacramento. Ao Brasil ainda iam companhias teatrais portuguesas e, entre lá e cá, andava o empresário Celestino da Silva, e de lá viera para construir o Politeama o também empresário Luís Pereira. De Erico Braga, sempre irrequitado, também não encontramos notícia no «Diário de Lisboa» de Abril de 1921, nem de muitos outros actores e atrizes que, só por tal motivo, estão ausentes destas recordações daquele tempo em que o teatro ainda imperava sobre todos os espectáculos.

Começava a moda do cinema

No Salão Foz, onde Artur Emanuiz antes apresentara famosas cancionistas e bailarinas espanholas, representava-se, então, a revista «Trólaro», com Alvaro Pereira, Laura Costa e Deolinda de Macedo, e ali se revelaria Teresa Gomes. Também ali se exibiram filmes, porque o cinema começava a estar na moda, e tinham público selecto os quatro salões que então existiam em Lisboa: O Olimpia, de Leopoldo O'Donnell, com a orquestra de José Bonnet e exibindo na tela as três tragédias do silêncio, a Bertini, a Manichelli e a Borelli, e ali havia de levar Max Linder o dinamico Lino Ferreira que, então, o apresentou no São Luís num «sketch» com a bailarina Napierkoska; o Central, de Raul Lopes Freire, com o sexteto de Luís Barbosa e os filmes da Ufa; o Condes, de Castelo Lopes; e o Chiado Terrasse, de Sabino Correia.

Os cinemas, com lugares mais baratos, começavam assim a preocupar os teatros, mas estes defendiam-se ainda pelo bom senso dos empresários, pela sobrevivência dos bons actores da anterior geração, pela aparição de artistas como Almada e Assis, e pela presença de Ilda Stichini e de Ester Leão, que haviam de emigrar ante a confusão que se avizinhava.

No Coliseu, Ricardo Covões sucedera ao comendador Santos, e mantinha a tradição das grandes companhias de circo, e da ópera, com celebridades nacionais e estrangeiras, com muita satisfação dos que não podiam frequentar São Carlos, onde Ercole Casali, sem subsídio, apresentava ainda Maria Barrientos.

As grandes tardes no Campo Pequeno

Também para as touradas havia público que não faltava à tradicional inauguração do Domingo de Páscoa no Campo Pequeno, onde o empresário Segurado, que antes ali apresentara Joselito e Belmonte, começava já a explorar espectáculos mais populares. Os próprios actores, então quase livres de «matinées», frequentavam o Campo Pequeno, especialmente Chaby, que era bom aficionado e ocupava dois lugares, e ali fizeram uma tourada em que foi «inteligente» Nascimento Fernandes e «espada» Estevão Amarante, que, com Costinha e outros, percorreu, nas vésperas, as ruas da capital numa «charette», revivendo o «bando» que antes, com campinos a cavalo, atraía espectadores. José Casimiro, o ídolo, tinha já a seu lado Simão da Veiga, João Nuncio e António Luís Lopes e, a pé, Alfredo dos Santos, Daniel do Nascimento e Custódio Domingos apontavam novas possibilidades, e, com Rodrigo Largo, ensaiavam em Espanha, os primeiros passos para a aparição de «espadas» portugueses.

DINHEIRO

Empréstimo ao juro da lei sobre todos os artigos que oferecem garantia

Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.

JOSÉ MAYER

Telefone 22881

RUA DO LORETO, 15

LARANGEIRA, LIMITADA

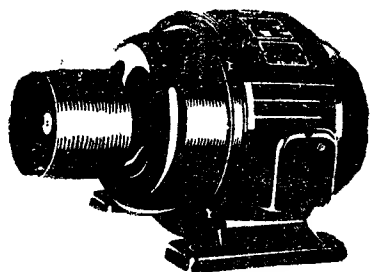
FERROS E AÇOS

AMAZÉNS:

10, TRAV. DO CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 16
3-C, RUA DOS ANJOS, 3-D
RUA MARIA, 11 e 15
7, LARGO DO INTENDENTE PINA MANIQUE, 10

ESCRITÓRIO:

RUA DOS ANJOS, 1-1.º
Telefone 58131 — (3 linhas) — Telegramas «Ferroaços»
Apartado 2413
LISBOA-1



MOTORES ELÉCTRICOS

ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —



SOC. LUSO ELÉCTRICA, LDA.

11 — CALÇADA MARQUES DE ABRANTES — 13
Telefone 66806* (5 linhas) LISBOA



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Capital e Reservas: 332 mil contos

SEDE	FILIAL
LARGO DO CHIADO, 8	Pr. G. ^o Gomes Fernandes, 10
Telef. P. P. C. 30194	Telef. P. P. C. 25977
LISBOA	PORTO

Agências por todo o Continente, Ilhas e Ultramar

Credit Franco-Portugais

Fundado em 1895 pelo
CREDIT LYONNAIS
AGÊNCIA DE LISBOA

2 a 14, Rua dos Sapateiros 84 a 98, Rua da Conceição
61 a 69, Rua Augusta
Telefs.: 32512/3/4/5 — 35761 — 20163

DEPENDÊNCIA URBANA
247-B — 247-C, Avenida Almirante Reis
Telef.: 710047

PORTO

Avenida dos Aliados, 66/80
Telef.: 25705/6/7 — 30060

Ao serviço da economia portuguesa
Ao serviço das relações bancárias e comerciais entre Portugal
e o Mundo

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

PASTAS, PAPÉIS KRAFT, DE JORNAL E IMPRESSÃO
REVISTA, CAIXAS DE CARTÃO CANELADO E FITA
COMADA, SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

SEDE: Lisboa, R. Castilho, 90-5.º
Telegramas: Celulose-Lisboa
Telefones: 731174-75-76-733161

INSTALAÇÕES FABRIS: Cacia
Telegramas: Celulose-Cacia
Telefones: Aveiro 91287-88-89

Caminho de Ferro de Benguela 1348 KM. através de Angola

LIGAÇÕES RÁPIDAS E CÓMODAS
PARA PASSAGEIROS E CARGA
SERVINDO AS REGIÕES DE
BENGUELA, HUAMBO, BIÉ, MOXICO
E LUNDA
CONGO BELGA E RODÉSIAS
MOÇAMBIQUE
UNIÃO SUL-AFRICANA

No Lobito: HOTEL TERMINUS

Banco Fonsecas, Santos & Vianna

Capital e Fundo de Reserva 518.791.268.40

LISBOA — Rua do Comércio, 132

Banco Português do Atlântico

PORTO — LISBOA

Banco Comercial de Angola

LISBOA — LUANDA

António Moreira Rato & Filhos, L.^{da}

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
CRÉS — LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 660879-663708 — Telegramas: «Ratofilhos»
AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

Banco Borges & Irmão

PORTO

S. A. R. L.

LISBOA

Instituição fundada em 1884

Capital e Reservas — Esc. 141.500.000\$00

Dependências no Porto — Bonjardim (Casa Antiga) — Sá da Bandeira —
Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido — Foz
do Douro — Boavista — Carlos Alberto e Costa Cabral (Areosa)
Dependências em Lisboa — Praça dos Estados Unidos da América, Avenida
Fontes Pereira de Melo e Rua Pascoal de Melo

AGÊNCIAS — Braga, Setúbal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa
e Gondomar — POSTO em Vilar Formoso

Correspondente no Rio de Janeiro — Banco Borges

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Hotel Embaixador

Um hotel português com uma verdadeira categoria
internacional em pleno coração de Lisboa

Todos os quartos possuem casa de banho privativo,
chuveiro, rádio e telefone

No 10.º andar a boíte «terraço das estrelas» — Cocktail-bar
Snack-bar — Cabeleireiro — Bar — Solário — Miradouro

Avenida Duque de Loulé — Telefone 730171
LISBOA — Portugal

Casino do Estoril

PONTO DE ENCONTRO DAS CELEBRIDADES
DE TODO O MUNDO

O Carnaval do Estoril é o maior
cartaz do turismo português
Clima privilegiado — Jogo — Música — Ambiente de elite

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

S. A. R. L.

CAPITAL E RESERVAS — ESC. 110.000.000\$00

SEDE — RUA DO OURO, 18-30 — LISBOA

FILIAL — PRAÇA DA LIBERDADE, 26-31 — PORTO

SUCURSAIS — COIMBRA — VISEU — BRAGA — VIANA DO
CASTELO — CHAVES — RÉGUA — POMBAL — BARCELOS —
PÓVOA DE VARZIM — SANTO TIRSO — ÁGUEDA — FUNDÃO
— OLIVEIRA DE AZEMEIS

DEPENDÊNCIAS SUBURBANAS — LISBOA: ALMADA —
ALGÉS — CAMPO DE OURIQUE — PRAÇA DE LONDRES —
SANTA APOLÓNIA — SANTA MARTA — SÃO MAMEDE — MI-
GUEL BOMBARDA — BENFICA — MORAIS SOARES —
ESTEFÂNIA

DEPENDÊNCIAS SUBURBANAS — PORTO: ANTERO DE
QUENTAL — INFANTE D. HENRIQUE — PALÁCIO DO COMÉR-
CIO — CAMPANHã — VILA NOVA DE GAIA

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País

oficialmente reconhecida pelo Governo da Nação e em edificios próprios

SEDE NA:

194-RUA SARAIVA DE CARVALHO-202

Telefone P. B. X. 661113-665027

OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» FUNEBRES
CARAGENS

—E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS—

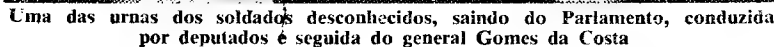
PORTUGAL

LISBOA

A black and white photograph showing a group of men in military uniforms standing in front of a large, ornate building with arched windows. They are holding flags, suggesting a formal ceremony or parade.

A intervenção militar de Portugal na guerra de 1914-1918 teve a sua definitiva exaltação com as cerimónias consagradoras do sacrifício simbólico dos Soldados Desconhecidos, realizadas em Lisboa e na Batalha, na altura do aparecimento do nosso jornal, as quais se revestiram de uma significação excepcional, de uma solenidade impressionante e de uma grandeza sem par na vida nacional. A vitória alcançada em comum com as grandes nações aliadas nesse conflito — a Grã-Bretanha e a França — deu-nos uma situação relevante na vida internacional para a qual não há paralelo no último século. Com ela se esclareceu o ambiente de suspeições e ameaças que de longa data pairava à volta do nosso império, ultramarino, espreitado por ambições alheias e mais de uma vez atacado impunemente pelos nossos inimigos em África.

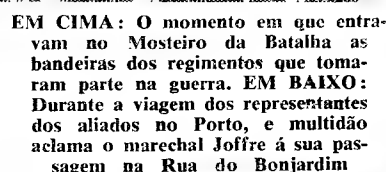
O reinado de D. Carlos, geralmente apontado como um período de êxitos diplomáticos assinalados, coincidiu, pelo contrário, com a concretização de algumas dessas ameaças e com deploráveis incidentes como o ultimato inglês, a perda de Quionga, o desembarque alemão no Lobito, que culminou, como seu sinistro significado, o acordo anglo-alemão de 1898 para a partilha das nossas colônias africanas. A República em 1910 recebeu essa herança e viu-se, desde a sua proclamação, em sérias embaraços para remover as consequências dela. Esse resultado só foi conseguido com o sacrifício dos soldados portugueses nos campos de batalha da França e da África, a



nosso jornal, o Palácio das Cortes para onde haviam sido transportados os dois ferretos, foi cenário de impressionantes manifestações de reconhecimento e solidariedade nacional das quais ficou recordação imperecível, figurando o seu relato nas nossas colunas, que delas deram conhecimento emocionado ao povo da capital. De manhã, no átrio daquele edifício, o presidente da Republica, dr. Antônio José de Almeida, impôs com a maior solenidade as insígnias das condecorações com que o Governo galardoou os feitos dos heróis obscuros, mortos ao serviço da Pátria, proferindo uma breve mas eloquente alocução, digna da sua função e do feito que se comemorava. O colar da Torre e Espada, medalha do Valor Militar e a Cruz de Guerra foram o tributo de agradecimento da Nação ao seu sacrifício.

A tarde, na sala das sessões, reuniram-se os representantes da Nação para se associarem ás comemorações, ouvindo um discurso do presidente da Republica, repassado de emoção e calor patriótico. No dia seguinte, 8 de Abril, realizaram-se as exéquias na igreja da Estrela e em 9, num cortejo imponente, os ataudes que encerravam os restos dos dois heróis foram transportados para a estação do Rossio, de onde, em 10, seguiram para Leiria. Esse comboio foi seguido de três outros comboios especiais em que viajaram além dos nossos illustres visitantes, as entidades officiaes — chefe do Estado, Governo, delegações parlamentares, corpo diplomatico, etc.

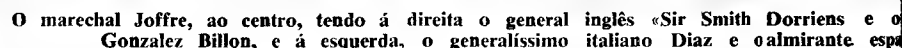
Teve grande imponência o cortejo que conduziu os ataúdes de Leiria à Batalha, onde na tarde de 10 de Abril se procedeu à final tumulação dos Soldados Desconhecidos de França e Africa, numa impressionante cerimónia em que estiveram presentes os mais



altos representantes da Igreja, o patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo; os arcebispos de Miltilene e Évora; os bispos do Porto, Faro, Portalegre, Viseu, Coimbra e Beja, este ultimo chefe dos capelães militares do C. E. P. que ostentava sobre a batina as condecorações ganhas em campanha.

Representantes de todas as classes sociais se associaram ás cerimónias e foram proferidos calorosos discursos de agradecimento e homenagem, com destaque para aqueles que proferiu o presidente da Republica, em Lisboa e na Batalha. Também foram relevantes os do arcebispo de Évora, nas exéquias da Estrela, e do dr. António Granjo, chefe do partido da opposição ao Governo, que se encontrava no Poder, e glorioso combatente, que proferiu então uma das mais belas orações da sua carreira.

A mocidade emprestou as cerimônias uma colaboração entusiástica, nelas tomando parte delegações de todas as escolas superiores do País que assim manifestaram o seu respeito e reconhecimento pelo sacrifício dos mortos da guerra. Esse sacrifício não foi feito em vão e os resultados da política de intervenção podem hoje avaliar-se na sua perspectiva histórica e nacional.



A guerra terminara há apenas dois anos e meio quando appareceu o nosso jornal. Quantos se apercibiam, então, da gravidade das perspectivas que encerrava um futuro que todos consideravam isento de duvidas e incertezas? A ultima das ultimas, «la der des der», ceifara dezenas de milhões de vidas mas tivera um epilogo glorioso. As almas abriam-se numa larga floracão isenta de inquietações e ansiedades. Apenas os profetas de mau augurio erguiam a voz para denunciar os perigos de uma situação que estava longe de acautelar os frutos da victoria duramente conquistada. Jac-

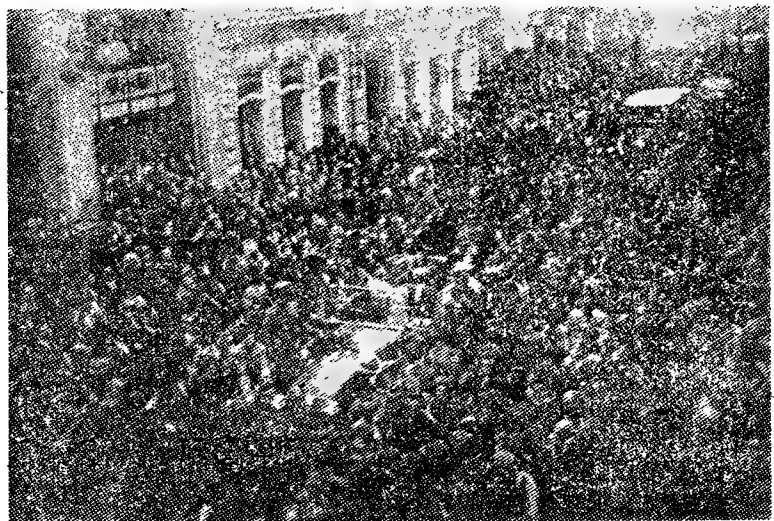
vitoria duramente conquistada. Jacques Bainville, em França, figurava na primeira linha desses isolados que não hesitavam em denunciar os riscos de um tratado de paz «duro demais para o que tinha de brando, brando demais para o que tinha de duro», segundo a sua expressão lapidar.

Começavam, apenas, a mostrar fendas os trajamentos da precária construção que os negociadores

dessa tratado haviam architectado numa euforia invencível. E' certo que os Estados Unidos haviam rejeitado, por uma decisão inspirada por dois senadores ignorantes das realidades — Borah e Lodge — qualquer colaboração para a construção da paz enquanto Lloyd George invocava o egoismo britânico para agravar as consequências dessa decisão. Também a Russia, a braços com as consequências de uma revolução sem precedentes, pela significação e objectivos, ficara à margem do convívio internacional, como este era entendido pelos vencedores.

Convençeram-se estes, divididos pelas suas divergências e testilhas, de que sem a colaboração das duas maiores potências mundiais, pois já o eram pela sua extensão territorial, a sua importância demográfica e o valor dos seus recursos, era viável a organização do Mundo em que se empenharam. Ao contrário do que proclamam os adversários da paz de Versalhes, esta não se malogrou porque o tratamento infligido aos vencidos fosse excessivo. nem no tratamento se filiam as causas da segunda conflagração, que estalou um quarto de século depois da primeira. O malogro foi consequência inevitável da ausência dos Estados Unidos e da União Soviética da organização internacional cuja missão era salvaguardar a paz, e pelas diferenças de critério entre Ingleses e Franceses quanto ao tratamento a dar aos vencidos de 1919.

Os vencedores deixaram que a vitória se extraviasse por atalhos inviáveis, em vez de a compreenderem como ela devia ser entendida, como uma tarefa indivisível. A sua defesa foi exclusivamente confiada ao Exército francês, incapaz de o fazer, por isso ser superior às forças da Nação que representava, sangrada pela perda de dois milhões dos seus melhores filhos. As perdas sofridas pela Grã-Bretanha, avaliadas em cerca de um milhão e meio de vidas, eram também irrecuperáveis, como os factos demonstraram.





Sir Smith Dorriens e o coronel espanhol José Díaz e o almirante espanhol Mercades

justificado ente internacional

ficado aos mitos da superioridade racial, do imperialismo político e do expansionismo absorvente. A marcha da inflação alastrou, mostrando que a sociedade em que viviam era incapaz de enfrentar as consequências do catolicismo que destruíra bens e riquezas incontestáveis. A sua falta de preparação para fazer face a esse risco demonstrou-se de maneira deplorável. Nem planos, nem ideias, nem sugestões para o conseguir. A economia do Mundo andava, em Abril de 1921, á deriva, e a fortuna particular era objecto do assalto implacável dos aventureiros. Estes tinham carta de alforria nas doutrinas do inglês Keynes, que fizeram tantos estragos como o Exército alemão na sua marcha para Occidente, invadindo e destruindo tudo nasua passagem sem respeito pelas vidas e haveres de povos civilizados e depositários de uma cultura que desafiava as comparações mais exigentes e os paralelos mais rigorosos.

Logo no ano seguinte, os episódios do Ruhr e da Renânia, abriram os olhos aos mais incrédulos em França, mostrando-lhes como era precária a vitória das suas armas e como esta seria posta em causa pelos inimigos, que acabavam de vencer nos campos de batalha, e pelos seus aliados ingleses, decididos a praticar, como se entretanto nada se tivesse passado, a regra do equilíbrio continental que lhes dera excelentes resultados antes da unificação da Alemanha sob a égide de Bismarck e da Prússia. As nações ocidentais vencedoras, inquietas com a amplitude da revolução soviética, tentaram, sem o conseguir, destruir o Estado que dele resultara, e nisso desperdiçaram energias e cuidados. Os Estados Unidos regressaram ao isolamento, manifestando pela confusão europeia, que era, sobretudo, consequência da ignorância e da falta de visão dos seus dirigentes, um desdém que pagaram por preço excessivo.

No Extremo Oriente, o Japão enfileirou com os vencedores, embora tivesse contribuído em parte mínima para o resultado final da luta. Invocando essa qualidade, conquistou títulos para construir uma poderosa esquadra e preparar os seus planos de dominação no continente asiático, onde, na imensidão chinesa, levedavam sintomas de uma profunda transformação social, acobertada pelo mito de um nacionalismo incapaz de corresponder às exigências do povo. No resto do Mundo os vencedores partilharam o Médio Oriente e o continente africano, deixando no primeiro uma bomba de retardamento na Palestina — o futuro Estado de Israel — e no continente africano consentindo que ficassem intactas as estruturas que o tempo, o exemplo deplorável de uma guerra fratricida na Europa e os excessos de uma competição minaram lenta mas pertinazmente. Tal era o ambiente internacional na altura em que o «Diário de Lisboa» apareceu, mal pensando os que então o redigiam quantos cuidados traria a transformação desse ambiente, nos trinta e nove anos decorridos desde o dia distante de 7 de Abril de 1921.

A vida pública há trinta e nove anos

(Continuação da 17.ª pagina)

para justificar sequer a sua eclosão. Os seus ataques à Republica foram sufocados á nascença sem que se notasse a sombra da adesão, calorosa ou resignada, da Nação. Serviram esses ataques para consolidar o regime que esta recolheu e consagrou e para o identificar definitivamente com o povo.

Em Abril de 1921 a Republica mostrou a sua magnanimidade ao decretar a amnistia para os revoltosos monárquicos que haviam procurado destruí-la sem terem em conta (estavam nas vésperas da conferência da Paz na qual as nossas reivindicações e direitos foram reconhecidos pelos vencedores) as consequências do seu desvair o que tornava ainda mais censurável a rebelião armada contra as instituições na qual muitos monárquicos, dos mais categorizados, se recusaram a colaborar por isso ser contrário á sua noção de patriotismo e ao seu respeito pelos interesses da Nação que os soldados portugueses, com sacrifício épico, defenderam nos campos de batalha de Africa e da Europa.

O projecto de amnistia fora já antes apresentado ao Parlamento pelo venerando republicano dr. Jacinto Nunes, que então tinha assento no Senado, onde a sua voz prestigiosa se ergueu a pedir clemência para os vencidos. Essa linha inalterável de generosidade obedeceu a um alto e nobilíssimo conceito de unidade nacional, nem sempre compreendido e correspondido, o qual teve o seu mais eloquente intérprete no comandante Afonso de Cerqueira no momento da revolta em que ganhou o respeito incondicional dos adversários que a sua espada gloriosa acabara de vencer salvando-lhes as vidas. Aprovado no Senado, o projecto de amnistia aos revoltosos monárquicos do Norte e Monsanto transitou

para a Camara dos Deputados onde teve a mesma sorte sendo finalmente promulgado no dia 9.

O esforço para restabelecer a unidade nacional, abalada pelos adversários do regime, não se limitou ao campo político. Na altura em que o «Diário de Lisboa» apareceu deu-se um passo decisivo no caminho da reconciliação da Igreja e do Estado. Na Batalha, durante as cerimónias dos Soldados Desconhecidos, o dr. Afonso Costa, figura eminente da Republica, avistou-se com o bispo de Beja, D. José do Patrocinio Dias, que nas comemorações teve papel destacado dada a sua qualidade de antigo chefe dos capelães militares do C. E. P. O arcebispo de Evora proferiu, nas exéquias solenes, celebradas na igreja da Estrela, uma oração que foi um caloroso apelo á concórdia religiosa dizendo: «É preciso que se não torne estéril o sacrifício grandioso dos nossos soldados. Possa o seu sangue benedito derramar a paz na consciência nacional a fim de que a integridade da Pátria seja mantida. Sobre as suas campas, apertemos as mãos e esqueçamos as nossas discórdias. A Pátria e a Fé são uma e a mesma coisa».

A Republica não ficou indiferente ao apelo e não tardou que uma série de actos publicos, culminando na imposição do barrete cardinalício ao nuncio em Lisboa pelo presidente da Republica portuguesa, dr. António José de Almeida, mostrasse como os dirigentes do regime generosamente iam ao encontro das reivindicações da Igreja animados pelo exclusivo propósito de restabelecer a paz religiosa no País pon-do termo ás especulações que procuravam identificar a causa do catolicismo em Portugal com a do regime deposto. A generosidade e compreensão de que nesse capítulo deram provas atestam a elevação do seu espirito e a generosidade da sua consciência, empenhados como estavam em servir o País e respeitar a sua vontade.



O ministério que estava no poder em Abril de 1921: da esquerda para a direita, no primeiro plano, dr. Alvaro de Castro (Guerra); dr. Lopes Cardoso (Justiça); dr. Bernardino Machado (Presidência e Interior); e eng. António Maria da Silva (Finanças); e no segundo plano, dr. Paiva Gomes (Colónias); dr. Domingos Pereira (Estrangeiros); Fernando Brederode (Marinha); Julio Martins (Instrução); dr. José Domingues dos Santos (Trabalho) e dr. António da Fonseca (Comércio)

Linhas regulares para:

AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESAS

escalando FUNCHAL - LAS PALMAS - S. TOMÉ - LUANDA
LORITO - MOÇAMÉDES - CAPE TOWN - LOURENÇO MAR-
QUES - BEIRA - MOÇAMBIQUE

AMÉRICA DO SUL

escalando FUNCHAL - S. VICENTE - RECIFE - SALVADOR
RIO DE JANEIRO - SANTOS

AMÉRICA CENTRAL

escalando VIGO - FUNCHAL - TENERIFE - LA GUAIRA
CURAÇAO - HAVANA - PORT EVERGLADES (MIAMI)

ANGOLA e NORTE DA EUROPA

escalando MOÇAMÉDES - LORITO - LUANDA - LISBOA
HAMBURGO - ROTTERDAM - ANTUÉRIA - HAVRE



SERVÍÇO DE PASSAGEIROS E CARGA

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA - RUA DE S. JULIÃO, 63 - PORTO - RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9

A primeira notícia necrológica do «Diário de Lisboa» foi a da morte de Alexandre Braga



DR. ALEXANDRE BRAGA

No dia do aparecimento do «Diário de Lisboa» morreu Alexandre Braga. Tinha apenas cinquenta anos e nunca, como no seu caso, a eloquência atingiu entre nós tão elevado grau de sugestão e majestade. No foro, na tribuna parlamentar, no tablado dos comícios, a sua voz privilegiada repercutiu, durante um quarto de século, os acentos imorredouros da mais impressionante beleza formal e da mais ex-celsa elevação do espírito. A Pátria e a Republica serviu-as exemplarmente, como propagandista, e político, na mais nobre e dignificante acepção do termo, e cidadão que ao culto das ideias devotou a melhor parte da sua vida. Foi um orador sem rival no seu tempo. Acorriam a escutá-lo, desvanecidos, os grandes nomes da oratória nacional que militavam no campo oposto a aquele em que sempre batalhou — António Candido, Arroio, Alpoim que, seduzidos pela sua palavra incomparável e pela sua fremente veemência cívica, o aplaudiram incondicionalmente como todos os que seguiam o seu rasto luminoso.

Herdeiro de um nome também celebrado por dotes de eloquência invulgar — o grande advogado português Alexandre Braga, pai — cursou Direito em Coimbra e ali se distinguiu pela inteligência e elevação do pensamento republicano desde os bancos das escolas que frequentou e onde marcou lugar relevante, o grande publico teve a revelação do seu talento privilegiado durante as festas em honra de João de Deus. Representan-

te da academia combrã, nessas festas, proferiu um discurso magistral no sarau dado em honra do incomparável lirico português no Teatro Nacional. Pouco depois o poeta morreu e foi ainda Alexandre Braga que, com a mesma delegação honrosa, falou na igreja dos Jerónimos para celebrar o seu génio.

Entretanto, afirmou qualidades de jornalista político, fundando e colaborando em publicações como o «Portugal» e a «Crónica», e de panfletário numa série de «Folhetos» aparecidos quando ainda estudante, em colaboração com Fausto Guedes Teixeira, seu amigo fraterno e companheiro de lutas e anseios. Concluída a formatura, advogado alguns meses no Porto, antes de se fixar em Lisboa. Entretanto, as suas orações nas festas comemorativas do centenário de Garfett e no funeral de Sousa Martins confirmaram esplendidamente os seus créditos de orador. A política e o foro em pouco tempo absorveram por completo a sua actividade exuberante e criadora. Em 1906, no tempo da monarquia, Alexandre Braga foi eleito, pela primeira vez, deputado republicano pelo Círculo Ocidental de Lisboa e tomou assento no Parlamento com Afonso Costa, António José de Almeida e João de Meneses. As suas intervenções no recinto da representação nacional granjearam-lhe títulos de admiração geral e ao respeito publico.

Desde essa data até ao seu falecimento foi reeleito pelo mesmo círculo, na vigência da monarquia em 1908 e 1910, e depois da proclamação da Republica a resposta que, em nome da Assembleia Nacional Constituinte, deu á mensagem do Governo promulgada pela sua marca inconfundível. No mesmo ano em que a produziu — 1911 — deslocou-se ao Brasil, onde proferiu notabilíssimas conferências nas quais expôs a significação nacional do advento do regime republicano. De regresso a Lisboa, foi oficialmente conta do resultado da sua viagem numa sessão notável feita no Teatro da Republica, sendo um dos mais entusiasmados precus-sores da obra fecunda de aproximação luso-brasileira celebrada pelo novo regime.

A sua voz privilegiada, a primeira a erguer-se para defender a intervenção de Portugal na primeira guerra mundial. A oração que proferiu no Teatro Politeama em Outubro de 1914 para despertar a consciência dos seus compatriotas para os perigos de uma neutralidade suicida, foi extraordinária de vigor e sinceridade. No Parlamento até ao final de 1917 foi o mais ardente defensor da participação militar do país no conflito e os esforços em que justificou a política intervencionista da Republica são outros tantos títulos de honra para a sua memória. Afastado da actividade politica durante o período perturbado que se seguiu, até 1919, voltou a reaparecer em 1920, já estava muito doente e veio a falecer pouco depois, desaparecendo com ele uma das figuras mais gentis e impressionantes da propaganda republicana e da politica do novo regime que dela resultou.

Na Amadora, o «Diário de Lisboa» vende-se na Tabacaria Dina, Avenida da Republica.

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

Relatório do Conselho de Administração BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL EXERCÍCIO DE 1959

Senhores Accionistas:

Cumpro nos submeter ao vosso exame e votação o balanço e contas relativos à execução de 1959 que, como habitualmente, são precedidos do relatório em que, embora sucintamente, se anotam os factos de maior interesse para a vida da Companhia verificadas durante o ano que findou.

1 — Reflexões sobre a produção: O ano de 1959 foi, sob o ponto de vista hidrológico, muito favorável, com o coeficiente de hidraulicidade de 1,37, definido em relação à média dos regimes até agora registados. Se considerarmos, não o ano civil, mas o hidrológico 1958/59, verificamos que este se situa ainda na categoria dos anos húmidos, com um coeficiente de 1,11. Já o ano anterior, húmido também, fizera com que transitassem para 1959 reservas importantes de energia armazenada nas albufeiras. Quanto à hidraulicidade mensal, o ano foi, em comparação com os anteriores, de precipitações mais regularmente distribuídas.

Este conjunto de circunstâncias favoráveis, aliado ao conhecido facto de que existe actualmente, em ano médio, certa margem na produção hidráulica em relação ao consumo, fez que não houvesse em 1959 qualquer preocupação quanto à satisfação integral dos consumos — quer dos permanentes, quer dos não permanentes — com energia hidráulica. Isto, convém recordar, não significa que se tenham exagerado os meios de produção, mas, tão-sómente, que o consumo de energia cresce em curva suave e a produção aumenta por degraus acentuados.

E, assim, não há a registar em 1959, a entrada em serviço de qualquer novo aproveitamento hidráulico na rede primária, o que igualmente acontecerá em 1960, e que se compreende, aliás, em face da importância dos últimos aproveitamentos ligados à rede, designadamente o escalão do Picote. Mas há a assinalar a ligação à rede do 1.º grupo da central térmica da Tapada do Outeiro — que realizou no decorrer de 1959 os demorados ensaios que a natureza da central exige — facto que representa a preocupação de segurança dos consumos que tem de estar sempre presente, pois há que contar com a possibilidade de ocorrência de regimes secos. O biénio 1958-1959 foi muito favorável, mas não pode fazer esquecer o fundo do problema: preparação, com segurança, para todas as eventualidades, embora sem exageros economicamente condenáveis. Assim o prevê, aliás, o 2.º Plano de Fomento cujas linhas de realização já são actualmente bem conhecidas neste domínio da produção da energia eléctrica.

Ao aproveitamento de Miranda, a entrar em serviço segundo se espera no princípio de 1961, seguir-se-ão, até ao fim do 2.º Plano, os aproveitamentos do Alto Rabagão — a primeira grande albufeira de regularização interanual da nossa rede — e do Távora e, um pouco além do 2.º Plano, o aproveitamento de Bemposta. Por outro lado, está prevista também a instalação do 2.º grupo térmico da Tapada do Outeiro, igual ao primeiro. Este conjunto de importantes realizações mostra quantitativamente a grandeza do acréscimo dos consumos que tem de ser satisfeito em curtos anos; a combinação e a diversidade das realizações programadas evidenciam, por seu lado, a preocupação e o cuidado com que estão a ser encarados os aspectos de segurança dos consumos e da melhor economia da produção.

2 — Elementos de estatística: Estatisticamente regista-se que em 1959 a produção total do país atingiu 2.988 GWh, cabendo à rede interligada, ou seja a do Repartidor Nacional de Cargas: 2.795 GWh, isto é, cerca de 94%. É a evolução deste valor que é significativo analisar.

Nota-se em primeiro lugar, como era de esperar pelo que antes se referiu, que a produção da rede do R. N. C. foi quase totalmente hidráulica. Há apenas a referir 19 GWh de produção térmica e sem qualquer significado de apoio energético que não foi necessário; esta produção resultou principalmente dos ensaios do novo grupo da Tapada do Outeiro e, em pequeno valor, de funcionamentos de curta duração das centrais das empresas distribuidoras por razões de ensaios de verificação do material ou de realização de trabalhos nas linhas de alimentação das respectivas redes.

A evolução dos consumos do País continua a verificar-se em ritmo muito satisfatório. É outra conclusão que pode apresentar-se. Efectivamente, a produção da rede do R. N. C. elevou-se de 2.472 GWh em 1958 para o valor indicado em 1959, o que representa um acréscimo de 323 GWh, ou seja 13,1%; este índice representa portanto a evolução global dos consumos (considerados com perdas).

Se decomposermos estes consumos, conforme é habitual, em «permanentes» e «não permanentes», obtemos duas parcelas, continuando a ser significativa a evolução verificada de 1958 para 1959 em cada uma delas. Os «consumos permanentes» aumentaram cerca de 11%, o que significa continuar a manter-se, em ordem de grandeza, a taxa relativamente elevada dos últimos anos e que traduz, como é sabido, certa recuperação quanto aos nossos reduzidos consumos por habitante, vindo a corresponder à duplicação em cerca de 6 anos. Os «consumos não permanentes» — das indústrias electroquímica e electrossiderúrgica — considerados também com perdas, aumentaram de 122 GWh relativamente a 1958, ou seja cerca de 21% acima de um valor que foi então considerado elevado e agora atingiu quase 700 GWh. Este último quantitativo significa que se dispôs de energia durante todo o ano e que as fábricas da indústria electroquímica puderam utilizá-la em grande escala.

3 — Movimento da rede: A energia entrada na rede da C. N. E. em 1959 acusa, em relação aos valores apurados em 1958, uma subida de 200 GWh correspondente a um aumento de 11,7%.

Manteve-se praticamente a posição atingida em 1958 em relação à produção total do País e à produção das centrais da rede interligada; a energia recebida pela C. N. E. em 1959 representou 63,7% da produção total do País e 68,2% da produção na rede interligada, contra 64% e 68,9%, respectivamente, verificados em 1958.

Seguem-se os números representativos das quantidades de energia movimentada na nossa rede, correspondentes ao movimento físico verificado, independentemente da respectiva contabilização:

Energia recebida:

Da Hidroeléctrica do Zêzere	800.315.500 kWh
Da Hidroeléctrica do Cávado	575.559.000 »
Da Hidroeléctrica do Douro	435.515.000 »
Da União Eléctrica Portuguesa (Norte)	70.877.873 »
Da Empresa Termoelectrica Portuguesa	14.991.500 »
Da Hidroeléctrica Alto Alentejo	6.518.600 »
Da Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal	743.000 »
Da Hidroeléctrica do Alto Alentejo	73.700 »
Total	1.904.597.173 »

Energia fornecida:

As Companhias Reunidas Gás e Electricidade	483.160.000 kWh
A Camara Municipal do Porto	270.015.000 »
Ao Amoniacos Portugueses	269.118.000 »
A União Fabril do Azoto	153.867.000 »
A União Eléctrica Portuguesa (Sul)	150.063.000 »
A União Eléctrica Portuguesa (Norte)	111.728.000 »
A Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal	103.010.000 »
As Minas de Vila Cova	70.228.000 »
A Companhia Carris de Ferro de Lisboa	44.896.000 »
A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses	37.733.500 »
A Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve	24.993.097 »
A Companhia Eléctrica das Beiras	20.634.500 »
A Hidroeléctrica do Zêzere	13.815.016 »
A União Industrial Têxtil e Química	6.785.834 »
A Empresa Termoelectrica Portuguesa	2.657.900 »
A Hidroeléctrica do Douro	1.570.000 »
A Hidroeléctrica do Alto Alentejo	594.473 »
Total	1.766.869.320 »

Consumo próprio:

Officinas	1.855.925 kWh
Casas de Pessoal	320.411 »
Subestações (Serviços Auxiliares)	1.095.720 »
Perdas (7,1%)	134.455.794 »
Total	1.904.597.173 »

Além das três principais fornecedoras da C. N. E., que continuam a ser H. E. Z., HICA e H. E. D., aparece um fornecimento importante da U. E. P-Norte, que diz respeito à energia que, nos termos contratuais, esta empresa fornece à Camara Mu-

nicipal do Porto, através da nossa Subestação de Ermesinde, e um primeiro fornecimento da E. T. P., correspondente à energia produzida em experiências e em ensaios do primeiro grupo da Central da Tapada do Outeiro.

É ainda de assinalar o início do fornecimento de energia através das redes das C. R. G. E., a dois novos clientes da C. N. E.: — Sociedade Nacional de Detergentes (SONADEL) e Metropolitano de Lisboa (M. L.), a primeira a partir do mês de Março e o segundo a partir de Novembro.

Por não figurarem nos quadros anteriores, a seguir se indicam, em milhões de quilowatt-horas, as quantidades de energia fornecida pela C. N. E. a clientes não ligados directamente à sua rede:

- 31,9 GWh, à Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos por intermédio de CHENOP, U. E. P-Norte e Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela, sendo 16,3 GWh via CHENOP e 15,6 GWh via U. E. P-Norte;
- 11,6 GWh, à Soda Póvoa, por intermédio das C. R. G. E.;
- 0,2 GWh, à Sociedade Nacional de Detergentes, por intermédio das C. R. G. E.;
- 0,7 GWh, ao Metropolitano de Lisboa, por intermédio das C. R. G. E.;
- 4,1 GWh, à Empresa Industrial do Freixo, por intermédio da U. E. P-Norte;
- 3,7 GWh, à Companhia União Fabril, por intermédio da U. E. P-Sul.

4 — Obras, outras realizações e estudos

a) — Obras:

SUBESTAÇÕES — Encontram-se neste momento em construção duas grandes subestações e um posto de seccionamento (Porto Alto), com a potência instalada total de 480 MVA. Estão mais duas em estudo e praticamente trabalhou-se em todas as que estão já em exploração. Estes factos, que se salientam, dão ideia do volume da actividade dos serviços durante o ano que acabou.

1 — Subestação de Vermoim. A subestação de Vermoim, cuja montagem se desenvolveu durante o ano de 1959, deve estar concluída no princípio do 2.º trimestre de 1960. Todavia, desde Agosto p. p., um dos seus transformadores de 220/60 kV está em condições de entrar em serviço, fazendo a reserva de potência da subestação de Ermesinde, por poder tomar a carga da CHENOP. Este facto permitiu vencer com segurança a ponta do Norte, da estiagem passada, com os 5 transformadores de Ermesinde em marcha.

2 — Posto de seccionamento de Porto Alto. Está encomendado o respectivo material e estão prontas as terraplenagens, trabalhando-se actualmente nos maciços de fundação. Conta-se que esta subestação entre em serviço nos primeiros meses de 1961.

3 — Subestação de Vila Chã. Está encomendado o material, está anunciada a entrega dos transformadores e estão concluídas as terraplenagens. Trabalha-se actualmente no edifício de comando e nas fundações da aparelhagem. Conta-se que esta subestação entre em serviço ao mesmo tempo que Porto Alto ou um ou dois meses depois.

4 — Subestação de Sacavém. Estão quase concluídos os maciços da instalação de 150/60 kV. A montagem da aparelhagem começará brevemente de modo a estar concluída simultaneamente com a da linha a 60 kV das C. R. G. E. que sobe o vale do Tejo. Montar-se-á este ano o quinto transformador desta subestação que deverá estar em serviço na ponta do próximo Inverno. O material do painel do 2.º cabo da C. C. F. L. poderá ser montado quando for necessário.

5 — Subestação de Setúbal. Está encomendado o material para os dois painéis de 150 kV destinados à passagem a 150 kV da linha do Alentejo e à 2.ª linha que alimentará esta subestação a partir de Porto Alto.

6 — Subestação do Zêzere. Estão montados os dois painéis de 150 kV destinados a ligar a linha dupla Zêzere-Porto Alto. Um destes já está em serviço desde 20 de Dezembro; a ele está ligada uma das linhas Zêzere-Porto Alto que, ligada à linha Sacavém-Setúbal, criou uma terceira via de alimentação de Lisboa quando as duas existentes começaram a ser insuficientes. A 2.ª linha Zêzere-Porto Alto será ligada dentro de pouco tempo, quando se deslocarem as actuais linhas de Lisboa, de modo a localizar devidamente a sua posição nas ligações ao barramento. Esta mudança das linhas resultou da necessidade de duplicar a linha Zêzere-Porto Alto, como consequência da localização da Siderurgia no Sul do País, contrariamente às previsões inicialmente feitas.

7 — Subestação de Pereiros. Pensa-se tratar este ano da encomenda do material para os painéis a 60 kV que alimentarão as linhas destinadas ao prosseguimento da electrificação dos caminhos de ferro para o norte do Entroncamento.

8 — Subestação de Ermesinde. Montou-se em 1959 o painel de 150 kV onde amarrará a linha Ermesinde-Vermoim.

9 — Subestação da Amadora e Ferreira do Alentejo. Estão em estudo estas duas subestações, pensando-se passar as encomendas do material nos primeiros meses deste ano. Já estão mesmo encomendados os autotransformadores de 220/150 kV, 120 MVA, da subestação da Amadora.

LINHAS — Prossegueu activamente o programa de construção de linhas, como se demonstra pela discriminação do que se segue:

1 — Linha Zêzere-Porto Alto. A montagem desta linha está concluída (linha dupla), tendo, como se disse, entrado em serviço em 20 de Dezembro um dos seus ternos.

2 — Linha Picote-Vermoim II. Está avançada a sua construção. Estão concluídos todos os maciços do troço Picote-Valeira e está praticamente pronta metade do comprimento do mesmo troço. Trabalha-se já no troço Valeira-Vermoim. Pensa-se que poderá entrar em serviço com a central de Miranda, pelo menos na fase de plena potência desta central.

3 — Linha Pocinho-Saucelle. Esta linha está praticamente concluída desde 16 de Dezembro passado. Falta apenas montar o último vão na travessia do Douro, junto da central de Saucelle.

4 — Linha Ermesinde-Vermoim. Está concluída esta linha, aguardando a entrada em serviço da subestação de Vermoim para se fazer através dela a interligação entre as duas subestações.

5 — Sacavém-Amadora. Está em curso a sua montagem que se espera concluir no fim do 1.º semestre deste ano se não faltar material. Será posta em serviço a título provisório, à tensão de 30 kV, para transportar energia da subestação das C. R. G. E. de Moscavide, para a zona de Benfica.

6 — Linha da Siderurgia e Linha Porto Alto-Setúbal II. Estão prontos os estudos destas linhas, fabricados alguns postes e encomendado quase todo o material. Espera-se que estejam prontas cerca do fim do ano corrente.

7 — Linha a 220 kV Pereiros-Lisboa. Estão numa fase avançada os trabalhos de campo referentes ao projecto da linha a 220 kV Pereiros-Lisboa, cuja construção se pensa começar no próximo ano.

b) — Outras realizações:

1 — Despacho da Rede Primária. Entrou em serviço em Janeiro de 1959 o Despacho da Rede Primária, órgão de coordenação permanente da rede com engenheiros em serviço de turnos, destinado a exercer funções da maior responsabilidade à medida que se vá verificando o desenvolvimento da rede, cada vez mais complexa. Enquanto não está instalado o equipamento de telemedida e telecomunicações na Sede da Companhia — o que deverá verificar-se no segundo semestre de 1960 — o Despacho funciona provisoriamente na Subestação de Pereiros. Apesar de se tratar, até agora, dum funcionamento experimental, sobretudo para formação do pessoal em condições reais, nota-se já o grande interesse desta realização da Companhia, que assumiu os encargos do seu funcionamento, participando as empresas produtoras da rede primária nas despesas de equipamento por pagamento do material montado, nas suas respectivas instalações.

2 — Desenvolvimento da actividade do Laboratório de Ensaios. Verificou-se em 1959 sensível desenvolvimento na actividade do Laboratório da Companhia, dependendo-se a verba de 1.802 contos no aumento do seu equipamento técnico, independentemente da construção dum edifício próprio, nas instalações de Sacavém, o qual está praticamente concluído. Dentre os trabalhos realizados pelo Laboratório no ano findo podem destacar-se os dos novos equipamentos automáticos para as instalações telefónicas das grandes subestações, assim como os relativos a novas instalações de altas frequências, radiocomunicações e protecções, e ainda os ensaios de recepção de transformadores e de diverso material de construção da rede.

c) — Estudos energéticos, documentação e intercâmbio:

Continuou a dedicar-se na Companhia o maior interesse ao acompanhamento dos estudos gerais dos problemas da energia, mantendo-se apreciável intercâmbio com as organizações internacionais da especialidade e fazendo-se representar em reuniões de estudo, sempre que em tal se reconheceu interesse, como aconteceu na Conferência de Stresa sobre energia nuclear promovida pela O. E. C. E.. Também no plano nacional

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da página anterior)

se prestou diversa colaboração solicitada, sendo de destacar a realização duma série de palestras por engenheiros da Companhia no Instituto Superior Técnico, o que tem interesse significativo de reconhecimento duma desejável colaboração entre o ensino e a indústria.

5 — Contratos: Foram fixadas por Despacho Ministerial de 19-11-1959 as tarifas de venda à C. N. E. da energia fornecida pelo grupo de produtores hidráulicos da rede primária, constituído pelas empresas Hidroeléctrica do Zêzere, Hidroeléctrica do Cávado e Hidroeléctrica do Douro. Esta determinação respeita ao quinquénio de 1959-63 e estabelece completa distinção entre:

a) — Energia destinada à satisfação de consumos permanentes em geral, em relação à qual foram previstos dois escalões, de Verão e de Inverno, dentro de cada semestre, mas com o primeiro escalão variável de ano para ano em função da evolução dos fornecimentos da C. N. E.

b) — Energia destinada a consumos especiais, quer de natureza temporária, como os reservados à indústria electroquímica e electrosiderúrgica, quer de carácter permanente, mas que o Grupo também vende à C. N. E. a preços reduzidos, como sucede com a energia destinada à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e, transitória-mente, ao Metropolitano de Lisboa.

Estão presentemente em estudo, e espera-se que sejam publicadas brevemente, as novas tarifas gerais a aplicar pela C. N. E. aos seus clientes permanentes. Estas tarifas terão já em conta a cobertura dos encargos fixos da Empresa Termoelectrica Portuguesa, segundo a doutrina fixada pela Portaria Ministerial n.º 16.409, de 21-10-1957, visto já ter sido ligado à rede o primeiro Grupo da Central da Tapada do Outeiro.

Durante o ano de 1959, estabeleceu-se finalmente contrato com a CHENOP, pondo assim termo a uma situação pouco agradável para ambas as empresas e que resultou fundamentalmente das condições de fornecimento, por parte da C. N. E., de contingentes de energia a preços reduzidos, destinados a Trás-os-Montes.

Tínhamos admitido no ano transacto que seria possível concluir em 1959 os contratos de fornecimento de energia da C. N. E. e H. E. A. A. ao Amoníaco Português e à União Fabril de Azoto, o que infelizmente não aconteceu. Porém, como urge sair da situação actual para poder arrumar contas consideradas provisórias desde 1957, será lícito esperar que em 1960 se assentem ideias definitivas sobre esta matéria, permitindo ao mesmo tempo estruturar convenientemente os contratos a estabelecer com a Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, Soda Póvoa, União Industrial Têxtil e Química, Companhia União Fabril, Sociedade Nacional de Detergentes, União Eléctrica Portuguesa (energia para a Empresa Industrial do Freixo), Minas de Vila Cova e Siderurgia Nacional.

6 — Empresa Termoelectrica Portuguesa: A central térmica da Tapada do Outeiro, propriedade da Empresa Termoelectrica Portuguesa, foi solenemente inaugurada em 23 de Junho do ano findo. A cerimónia que teve grande brilho foi presidida pelo Chefe do Estado, Excelentíssimo Senhor Almirante Américo Thomaz, tendo a ela assistido, além do Senhor Ministro da Economia, Engenheiro Ferreira Dias, que teve uma acção de relevo nesta realização, outras entidades oficiais e particulares do maior destaque no País. Como se assinalou, a central ligou-se à rede em Abril de 1959.

A nossa Companhia, na qualidade de presidente do Conselho de Administração daquela Sociedade, acompanhou a sua vida na gerência finda, tendo subscrito 8.308 acções, que inteiramente liberou.

7 — Companhia Portuguesa de Industrias Nucleares: Como membro do Conselho de Administração desta Companhia, temos acompanhado activamente o desenvolvimento do seu programa do qual transparece essencialmente, além da especialização de engenheiros em tirocinio no estrangeiro, a preocupação de reunir elementos de documentação de estudos energéticos e económicos de base e de inquérito industrial, nos quais possa vir a estruturar-se sólidamente a actividade futura. Dado o papel primordial que se espera estará reservado à via nuclear no futuro abastecimento em energia do País, não oferece dúvidas o interesse dos trabalhos que a Companhia Portuguesa de Industrias Nucleares está empreendendo com a colaboração de industriais e de utilizadores.

8 — Acção Social: No prosseguimento da acção social em benefício do pessoal, despendeu a Companhia, além de 4.041 contos de encargos obrigatórios de previdência e de seguros de acidentes, mais 4.372 contos em acção social voluntária, como se discrimina em Lucros e Perdas.

Nos refeitórios de Sacavém e da Sede forneceram-se 59.792 refeições, para cujo custo contribuiu o pessoal, em média, com 3\$59 por refeição, equivalente a 52,5 % do seu custo efectivo.

Neste ano prosseguiu-se a assistência médica ao pessoal, utilizando os serviços já existentes e alargando-os às dependências da Companhia situadas ao longo do País, em colaboração com a Federação dos Serviços Médico-Sociais. Desta forma constituíram-se Postos Médicos na Sede e nas Subestações de Setúbal, Pereiros, Ermesinde, Vermoim e Zêzere, os quais, com o Posto Médico das instalações de Sacavém já existente e o Posto em organização no estaleiro de construção de linhas, completarão a rede de assistência médica, de forma a contribuir para melhorar o grau sanitário do pessoal.

Por motivo de doença e de sinistro foram perdidos, em 1959, 3,8 % dos dias de trabalho a que correspondeu o pagamento de 990 contos de subsídios, de que couberam 49 % à Caixa de Previdência e Companhia de Seguros e 51 % à nossa Companhia.

9 — Investimento e meios financeiros: A Companhia efectuou no ano findo de 1959 um investimento bruto de 130.459 contos, numero ligeiramente superior ao atingido em 1958 (129.281 contos). Esta circunstância demonstra o ritmo normal de construção, que se desenvolveu em harmonia com os planos de trabalho estabelecidos.

O investimento líquido da Companhia, até final de 1959, atinge 877.295 contos, com um volume acumulado de reintegrações de 200.231 contos, em cumprimento das

regras do nosso Caderno de Encargos, que têm sido constantemente seguidas, na preocupação de manter valores líquidos no nosso balanço.

Os meios financeiros que nos foram atribuídos puderam ser mobilizados na sua totalidade e nas épocas convenientes — merço, também, do apoio dos estabelecimentos de crédito — para que não sofresse qualquer arguimento o plano de trabalhos. Assim, foram realizadas as duas séries da emissão de 160.000 contos de acções, ambas com diferimento de dividendo por um ano, dado que se destinaram ao financiamento de obras improdutivas de receita durante esse período. A primeira série, no total de 100.000 contos, exclusivamente destinada às Instituições de Previdência e respeitante ainda ao financiamento do 1.º Plano de Fomento, foi lançada no princípio do ano, e a segunda, no valor de 60.000 contos (já dizendo respeito ao 2.º Plano de Fomento), reservada aos Accionistas com exclusão do Estado e das Instituições de Previdência, foi posta à subscrição no final do ano.

Também, em Agosto, se lançou em subscrição pública, a 6.ª emissão de obrigações no valor de 20.000 contos.

Qualquer destas emissões teve a melhor aceitação nos meios a que se destinou, anotando-se que a emissão de obrigações foi coberta 8,3 vezes.

Igualmente efectuámos no ano findo construções de linhas e de subestações, em regime de comparticipação, no valor de 9.940 contos.

Relativamente ao balanço de 1958 os capitais mobilizados durante o ano, incluindo os que foi possível utilizar das nossas reservas, têm expressão, nas seguintes variações patrimoniais:

Investimento	+	130.459	contos
Activo Disponível	+	39.091	"
Activo Realizável	+	41.306	"
Passivo Exigível a Curto Prazo		536	"
Passivo Exigível a Longo Prazo		5.982	"
Acréscimo	+	207.012	"
		213.850	213.850

Proseguiu, também em inteira concórdia com os planos estabelecidos: a amortização dos nossos empréstimos obrigacionistas e titulados por escritura. Efectivamente, em 1959, atingiu 13.898 contos o total do reembolso, sendo 8.375 contos relativos a obrigações e 5.523 contos a empréstimos do Fundo do Fomento Nacional, hoje transferidos para o Banco de Fomento. Esta amortização financeira e alimentada pelos capitais das reintegrações, de que representa uma aplicação, e corresponde a um autofinanciamento da Companhia, na medida em que se desonera de passivos por força de fundos próprios.

No quadro adiante publicado, salienta-se que a Companhia amortizou relativamente aos empréstimos a longo prazo, desde o início da exploração em 1952 o total de 66.733 contos, encargo este que — aliás, conforme se previu — se apresenta crescente de ano para ano, ultrapassados como vão estando os períodos de deferimento de amortizações previstos nos respectivos planos. Esta circunstância limita as possibilidades de autofinanciamento da Empresa, dificultando o custeio de obras novas para além das que são consideradas no Plano de Fomento as quais, todavia, têm de se prever como igualmente indispensáveis à plena realização dos objectivos da Companhia. Está neste caso os investimentos nos «Valores não Afectos à Concessão» (Oficinas, Armazéns, Veículos, Máquinas e Ferramentas, Serviços Sociais, etc.), que não são financiados pelo Plano de Fomento.

No ano de 1959 terminou a actividade do Fundo de Fomento Nacional por motivo da sua incorporação no Banco de Fomento. É dever, que gostosamente cumprimos, deixar aqui expresso o nosso agradecimento pelo auxílio sempre pronto e perfeita compreensão que, durante vários anos, recebemos daquela Instituição.

O Banco de Fomento, recentemente criado e apetrechado para fornecer apoio financeiro à industrialização do País, dá-nos a segurança da continuidade da política governamental, relativamente às Obras que nos estão atribuídas no Plano de Fomento.

10 — Balanço: As contas são apresentadas sem qualquer alteração ao esquema seguido no exercício de 1958.

Na conta «Rede e Exploração», salienta-se que é de 4,7 % o acréscimo da receita líquida da Companhia e que as Despesas de Exploração e de Conservação se mostram aumentadas em cerca de 1.700 contos, e que é devido fundamentalmente à entrada em exploração da subestação de Pereiros e da linha a 220 kV que integra o sistema do Douro na rede primária.

Anota-se que o débito na conta «Lucros e Perdas» relativo ao exercício anterior apresenta um aumento um pouco inferior a 2.000 contos, para o qual concorreu, sobretudo, o acréscimo de 1.032 contos em encargos de emissão de acções e o de 709 contos em rendas. Este ultimo encargo resulta da nova instalação da Sede da Companhia, em consequência da insuficiência da anterior que já não comportava os Serviços que foi necessário criar e ampliar.

Fecha a conta de «Lucros e Perdas» com o saldo de 27.571.098\$88, que, adicionado do saldo do exercício de 1958, perfaz o total de 28.312.737\$88, para o qual se propõe a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Legal	(N.º 1 do Art.º 37.º dos Estatutos)	1.000.000\$00
Para Fundo de Reconstituição do Capital	(N.º 2 do Art.º 37.º dos Estatutos)	2.000.000\$00
Para dividendo ao capital, cativo de impostos:	8 % s/ 300.000.000\$00	24.000.000\$00
Para Conta Nova		312.737\$88
		28.312.737\$88

11 — Conselho de Administração: Mais uma vez temos a lamentar o afastamento do nosso convívio de um elemento do maior valor na vida da Companhia: referimo-nos

(Continua na página seguinte)

BANCO LISBOA & AÇORES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital e Fundos de Reserva: Esc. — 180.000.000\$00

SEDE: Rua Áurea, 88 — Lisboa

DEPENDENCIAS EM LISBOA: — Rua de S. Paulo, Avenida Almirante Reis, Avenida da República e Santo Amaro.

FILIAIS: — PORTO E PONTA DELGADA (AÇORES).

AGENCIAS: — AEROPORTO DE LISBOA, ALMEIRIM, BOMBARRAL, CALDAS DA RAINHA, COIMBRA, CORUCHE, ESTORIL E TORRES NOVAS.

CORRESPONDÊNCIAS PRIVATIVAS: — ALCANENA, REGUENGO GRANDE E VENDAS NOVAS.

CORRESPONDENTES NA MAIORIA DAS LOCALIDADES DO PAÍS E ILHAS ADJACENTES

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

COMPANHIA DE SEGUROS SAGRES

Sede em Lisboa (Edifício próprio)

RUA DO OURO, 175 a 191

Telefones: P. P. G. — 24171-24172-24762-30217

DELEGAÇÕES

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 142-1.º — Tel. 25913/4

COIMBRA: Praça 8 de Maio, 25-2.º — Tel. 24592

AGENTES EM TODO O PAÍS

Seguros dos seguintes Ramos:

ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES DE TRABALHO — AÉREOS — AGRÍCOLAS — AUTOMÓVEIS — CRISTAIS — FOGO — MARÍTIMOS — POSTAIS — RESPONSABILIDADE CIVIL — ROUBO — TRANSPORTES TERRESTRES E AÉREOS — VIAGENS E VIDA

RODRIGUES

ARMAZÉM DE LANÍFÍCIOS — SEDAS E VELUDOS

— DE —

João António Rodrigues & C.ª

Rua Augusta, 76, 78, 80 — LISBOA.

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da página anterior)

ao Senhor Dr. João António Simões de Almeida que fazia parte do Conselho de Administração desde a constituição da C. N. E. O Dr. Simões de Almeida, com a sua brilhante inteligência, o seu bom senso administrativo e constante dedicação, deixa nesta Companhia viva saudade e uma folha de serviços relevantes. A mágoa muito sincera que sentimos ao vê-lo partir tem a atenuação do facto do Dr. Simões de Almeida ir ocupar cargo de maior relevo na vida do País como preito justíssimo das suas altas qualidades. São muito sinceros os votos que daqui lhe formulamos de muitas felicidades e êxitos, aliás inteiramente assegurados pelos merecimentos que todos lhe reconhecemos. Ao Conselho Fiscal e ao Delegado do Governo, Ex.^{ma} Sr. Eng.^o Duarte Abecasis,

agradecemos muito vivamente a magnífica colaboração que mais uma vez nos dispensaram.

O pessoal, como sempre tem acontecido, contribuiu com a sua competência e muita dedicação para os resultados obtidos. A todos, mas muito principalmente aos Chefes de Serviço, desejamos manifestar a gratidão que lhes é inteiramente devida.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernão Manuel de Ornellas Gonçalves (Hidroeléctrica do Cávado)
José Ignacio Castello Branco (Hidroeléctrica do Zêzere)
William Menschaert (Companhias Reunidas Gás e Electricidade)
Paulo de Barros (União Eléctrica Portuguesa)

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1959

ACTIVO

Disponível:			
Caixa	323.338\$64		
Bancos e Banqueiros	18.741.181\$18	49.061.519\$82	
Rcalizável:			
Contas Correntes — Saldos Devedores	127.051.626\$58		
Papéis de Crédito	3.264.904\$00		
Participações Financeiras	35.606.850\$00		
Efeitos a Receber	5.525.924\$90	171.449.305\$48	
Fixo:			
<i>Valores Afectos à Concessão:</i>			
Linhas	536.583.102\$07		
Subestações	379.089.100\$63		
Telecomunicações	13.459.022\$09		
Laboratório	5.338.285\$07		
Material em Instalações Alheias	132.839\$50		
	934.602.349\$36		
Reintegração	167.495.652\$63	767.106.696\$73	
<i>Valores não Afectos à Concessão:</i>			
Máquinas e Ferramentas	3.922.808\$82		
Móveis e Utensílios	4.262.026\$49		
Veículos	8.618.715\$31		
Serviços Sociais	3.756.271\$63		
Armazéns	3.745.334\$65		
Oficinas (em parte afectas a reservas nos termos do § 2.º do art. 37.º dos Estatutos)	29.360.387\$56		
	53.665.544\$46		
Reintegrações	32.740.138\$00	20.925.406\$46	
<i>Valores de Transição:</i>			
Material em Armazém	56.342.219\$33		
Oficinas c/ Exploração — Obras em Curso	12.832.841\$50		
Construção Civil c/ Exploração — Obras em Curso	3.974.164\$46		
Laboratório de Ensaios c/ Exploração — Obras em Curso	398.456\$77		
Pagamentos Antecipados	15.714.795\$94	89.262.478\$00	877.294.581\$19
			1.097.808.406\$49
Contas de Ordem:			
Devedores por Cauções	3.200.000\$00		
Títulos em Caução	200.000\$00		
Material Instalado de c/ Alheia	62.106\$85	3.462.106\$85	

Lisboa, 15 de Fevereiro 1960.

Serviços Administrativos, Mário Gomes

PASSIVO

Exigível a Curto Prazo:			
Juros a Pagar	589.030\$62		
Obrigações Sorteadas	758.000\$00		
Contas Correntes — Saldos Credores	97.908.447\$65		
Efeitos a Pagar	42.287.241\$10		
Dividendos a Pagar	316.940\$63	141.859.660\$00	
Exigível a Longo Prazo:			
Capital — Obrigações	239.265.000\$00		
Fundo de Fomento Nacional — c/ Empréstimo	150.342.198\$60		
Participações a Liberar	360.000\$00	389.967.198\$60	531.826.858\$60
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
Inicial:			
Capital — Acções	460.000.000\$00		
Acumulada:			
<i>Fundos c/ representação específica no Activo:</i>			
Fundo de Reserva Legal	8.535.000\$00		
Fundo de Reconstituição do Capital	12.562.514\$00	21.117.514\$00	
<i>Fundos s/ representação específica no Activo:</i>			
Fundo de Estabilização de Dividendos	10.000.000\$00		
Fundo de Conservação	1.859.592\$99		
Provisões Diversas	6.752.875\$12	18.612.468\$11	
Rectificativa:			
Comparticipações (nos termos do art.º 12.º do Cader- no de Encargos)		37.933.827\$90	
Adquirida:			
Lucros e Perdas — Saldo de 1958	738.639\$20		
Lucros e Perdas — Saldo da Gerência	27.574.098\$68	28.312.737\$88	565.981.547\$89
			1.097.808.406\$49
Contas de Ordem:			
Cauções Prestadas	3.200.000\$00		
Credores por Cauções	200.000\$00		
Credores por Material Instalado de c/ Alheia	62.106\$85	3.462.106\$85	

Desenvolvimento da conta «LUCROS E PERDAS»

DÉBITO

CRÉDITO

Despesas Administrativas:			
<i>de Administração:</i>			
Ajudas de Custo e Deslocações	5.953\$70		
Beneficência	128.230\$00		
Contribuições e Impostos	3.711.712\$57		
Encargos Bancários	37.717\$70		
Encargos de Emissão de Acções	2.186.088\$90		
Expediente	461.088\$76		
Fardamentos	119.389\$60		
Publicidade	180.275\$50		
Remunerações ao Pessoal	3.523.026\$80		
Rendas	882.400\$00		
Seguros	22.618\$92		
Transportes e Comunicações	200.405\$30		
Diversas	89.429\$01	11.518.361\$76	
<i>de Acção Social</i>			
Assistência	161.511\$03		
Complemento de Abono de Família	1.195.126\$70		
Grupo Desportivo	20.000\$00		
Manutenção dos Serviços Sociais	625.483\$63		
Refeitório de Sacavém	341.156\$82		
Refeitório da Sede	18.481\$00		
Subsídios de Doença e Sinistro	506.100\$40		
Subsídios de Férias	1.277.573\$10		
Diversas	226.988\$32	4.372.421\$00	15.920.782\$76
			877.490\$34
Despesas de Estudo			
Encargos Financeiros:			
Amortização de Encargos de Emissão de Obrigações	451.245\$68		
Juros Bancários	437.480\$91		
Juros do Empréstimo do Fundo de Fomento Nacional	5.499.493\$20		
Juros de Obrigações	11.076.316\$70		
Juros de Utilização de Reservas	401.569\$60		
Diversos	7.907\$90	17.874.013\$99	
		1.315.529\$07	
Reintegração de valores não Afectos à Concessão		27.571.098\$68	
			63.561.914\$84

Lisboa, 15 de Fevereiro 1960.

Serviços Administrativos

Desenvolvimento da conta «REDE C/ EXPLORAÇÃO»

DÉBITO

CRÉDITO

Fornecedores			
Encargos de Exploração:			
Pessoal	5.339.637\$16		
Material e Expediente	492.238\$61		
Transportes e Comunicações	736.520\$10		
Seguros	231.378\$60		
Diversos	55.127\$50	6.851.902\$30	
Encargos de Conservação:			
Pessoal	1.385.477\$52		
Material	691.273\$32		
Transportes e Comunicações	148.446\$10		
Diversos	56.438\$13	2.787.635\$37	
Medidas e Ensaios			
Coordenação Energética da Rede Primária	131.267\$57		
Reintegração de Valores Afectos à Concessão	979.130\$44		
	27.517.192\$10		
	60.222.728\$72		
		427.694.478\$10	

Serviços Administrativos

(Continua na página seguinte)

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

A MELHOR MÁQUINA INGLESA DE LAVAR

AGORA...

Servis

MAIS AUTOMÁTICA



Com Características Sensacionais:

SUAVÍSSIMA ACCÃO DE LAVAGEM QUE NÃO ESTRAGA A ROUPA.

ESPRESSOR ELÉCTRICO COMANDADO PELO PÉ COM DISPARADOR DE SEGURANÇA.

CONTADOR AUTOMÁTICO DE TEMPO QUE POUPA A CORRENTE E A ROUPA

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 733111 (4 LINHAS) • LISBOA

DELEGACÃO EM COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 32-2.º • Tel. 25829

No Norte: M. Simões Jr. Lda - Rua de Santo António, 208 • Telef. 25681 • PORTO

NO SUL: AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LIMITADA

RUA DE SANTO ANTÓNIO, 47 — TELEFONE 76 — FARO

PORTO DE LISBOA

ADMINISTRAÇÃO-GERAL

TELEFONES: 32321, 34752, 21203 e 25109

AREAS — Molhada total 30 000 ha; terrestre utilizável 200 ha, sendo de 10 ha a área coberta.

CAIS ACOSTÁVEIS — Comprimento total de cerca de 14,5 km.

DOCAS DE COMÉRCIO — Com 45 ha de área molhada total e respectivos terraplenos.

ARRUAMENTOS — A rede de arruamentos do porto serve as necessidades deste e está ligada à rede de estradas do País.

ESTALEIRO NAVAL — Compreende: oficinas, convenientemente aparelhadas; carreiras de construção de 120 e 160 metros de comprimento; docas secas de comprimento entre 42 e 180 metros.

GUINDASTES — Terrestres e flutuantes de força elevatória entre 1 500 e 100 000 kg.

UNIDADES NAVAIS — Rebocadores, dragas, batelões, barcas de água, aspirador pneumático de cereais, embarcações de sondagens, cilindros impulsores, etc.

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da pagina anterior)

REINTEGRAÇÕES

1 — Posição em 31 de Dezembro de 1959:

De Valores Afectos à Concessão:

Primeiro Estabelecimento 167.195.652\$63

De Valores não Afectos à Concessão:

Amortização 1.413.595\$60
Obras 15.325.864\$66
Serviços 2.511.332\$63
Veículos 5.274.709\$80
Maquinaria e Ferramentas 3.922.708\$82
Vestidos e Utensílios 4.261.926\$49

52.740.138\$00
200.235.790\$63

2 — Aplicação dos Fundos de Reintegração:

Amortização de Obrigações 4% — 1949/1969 12.500.000\$80
Amortização de Obrigações 5% — 1954/1982 3.000.000\$00
Amortização de Obrigações 5% — 1955/1982 4.000.000\$00
Amortização de Obrigações 5% — 1956/1983 935.000\$00
Amortização de Empréstimo F. E. N. 30.997.801\$40
Investimento em Valores do Activo 132.502.989\$23

200.235.790\$63

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1960

Serviços Administrativos

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Acionistas:

Tam serão submetidos à vossa criteriosa apreciação, apresenta o Conselho de Administração da nossa Companhia o Relatório e o Balanço relativos ao ano de 1959, ou seja o nosso décimo segundo exercício, e sobre os mesmos documentos vem o Conselho Fiscal emitir o seu parecer, como lhe cumpre, em virtude do honroso mandato que lhe havelho confiado.

Claro e pormenorizado como sempre, dispensa o Relatório qualquer referência especial. Além de ligeira nota sobre o problema da produção da energia eléctrica no País e sua evolução nos anos mais próximos, nele se encontram resumidamente expostos todos os factos que melhor documentam a intensa actividade da nossa Companhia e o seu progressivo desenvolvimento. Ali se vê que, durante o exercício findo, a energia entrada na rede da CNE excedeu 1904 GWh, o que representa 63,7 % da produção total do País, e este facto constitui, por si só, prova suficiente desse desenvolvimento; bastará dizer que este movimento de energia excede já toda a produção de Portugal em 1955 e é mais do dobro da verificada em 1950.

Ampliar, sucessiva e oportunamente, as numerosas instalações por forma a satisfazer, sempre e por completo, as necessidades criadas por um tão rápido progresso, tem sido o constante objectivo da batalha que o Conselho de Administração brilhantemente ganhou, a custa do seu inteligente e porfiado esforço, que nós bem podemos testemunhar, por termos acompanhado a sua acção duma maneira quase permanente.

Os capítulos «Obras, outras realizações e estudos», e «Investimento e meios financeiros», dão uma ideia da importância da obra já realizada e das realizações em curso, mas muito haverá ainda para realizar, visto que continuará a haver necessidade inevitável de modificações e ampliações, como já tem acontecido até agora.

Quanto às contas e respectivos esclarecimentos, devido à sua clareza, seria pleonástico tudo quanto dissessemos; por isso nos limitaremos a repetir o que já temos dito assegurando-vos a exactidão do balanço e das contas, a sua perfeita concordância com a escrituração e os documentos e a modelar arrumação do conjunto.

Merece o nosso inteiro apoio a proposta relativa à aplicação a dar ao saldo total de Esc. 28.312.737\$88.

Por não lhe ser possível aceitar a recondução, teve este Conselho Fiscal o desgosto de ver afastar-se o seu prestigioso elemento, Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto.

Magoadamente sentimos a falta do seu sempre virgoso e activo elemento do seu mais quecível convívio.

Fazemos nossas as palavras com que o Conselho de Administração se refere ao afastamento do Sr. Dr. João António Simões de Almeida, garantimos ao mesmo Conselho a nossa leal e construtiva colaboração e associamos às justíssimas palavras com que agradece a colaboração do Ex.º Sr. Eng.º Duarte Abecasis e com que salienta e agradece a competência e a dedicação do pessoal.

Em conclusão, o vosso Conselho Fiscal e de

PARECER

1.º — Que aprovei o Relatório, o Balanço, as contas e os actos do Conselho de Administração relativos ao exercício de 1959;

2.º — Que aprovei também a sua proposta sobre a aplicação a dar ao saldo total de 28.312.737\$88;

3.º — Que aprovei, ainda, um voto de louvor ao mesmo Conselho pela sua inteligente actuação, voto este que deve ser extensivo ao pessoal.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1960.

O CONSELHO FISCAL

Presidente

Scraphim Leinho

(Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal)

Vogais

Runo José J. M. F. Xavier de Mendonça

Artónio Temudo de Castro
(Hidro-Eléctrica Alto Alentejo)

**Sociedade de Construções
Amadeu Gaudêncio
LIMITADA**

**Construções Cívicas
Carpintaria Mecânica
Beton Armado
Trabalhos de Pintura**

Escritórios e oficinas: Rua Dr. Alexandre Braga — Telefone P. B. X. 43191-43192 — LISBOA

Depósito de materiais
Estrada de Moscavide, 17 e 19
Telef. 399072

**VINHOS
DE
COLARES
V. S.**

VISCONDE DE SALREU

GRANDES CAVES EM COLARES
O MELHOR ENTRE OS MELHORES
AZEITES finíssimos para consumo e exportação
VINHOS VERDES DA MARCA
— «CASAL DA SEARA» —

— «CASAL MIRANDA» —
D. J. SILVA, LDA.
RUA BARATA SALGUEIRO, 15-1.º — LISBOA
Telefone 47154

PAPELARIA CARLOS

RUA ÁUREA, 34-38 — TELEF. 20244
LISBOA

VARIADO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

MATERIAL PARA DESENHO
FICHEIROS DE AÇO E DE MADEIRA
ACESSÓRIOS PARA MÁQUINAS DE ESCRIVER
E DUPLICADORES

**Grémio dos Armadores de Navios
da Pesca do Bacalhau**

ORGANISMO CORPORATIVO

*
Criado pelo decreto-lei número 26.106,
de 23 de Novembro de 1935, ao qual com-
pete fomentar a indústria da pesca do ba-
calhau.

Prefiram sempre Conservas **TENÓRIO**

ATUM TENÓRIO

à venda nos bons estabelecimentos

Algumas Edições da Câmara Municipal de Lisboa

PUBLICAÇÕES DO 8.º CENTENÁRIO DA CONQUISTA DA CIDADE

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA: — Livro I de Mistérios e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Mistérios de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor do ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras á Camara desta mui insigne cidade de Lisboa, 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Lousada... (IX e ultimo volume).

GRADES DE LISBOA — Pelo Dr. Jaime Lopes Dias.

LISBOA — OITO SÉCULOS DE HISTÓRIA — Em 21 Fascículos, sob a direcção de Gustavo de Matos Sequeira e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

SÃO JOÃO DE BRITO — pelo Dr. Marinho da Silva.

OUTRAS PUBLICAÇÕES CULTURAIS

Casas da Camara de Lisboa — por Luis Pastor de Macedo e Norberto de Araujo.
A Freguesia de São Tiago (2 volumes) — por Ferreira de Andrade.
A Freguesia de São Cristóvão (2 volumes) — por Ferreira de Andrade.
A Freguesia de Santa Cruz da Alcáçova de Lisboa — por Ferreira de Andrade.
As Freguesias de Lisboa — pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva.
Dispersos (1.º volume) — pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva.
Colectanea Olisiponense (1.º volume) — por J. M. Cordeiro de Sousa.
Ensaio de Kant a propósito do Terramoto de 1755 — tradução de Luis Silveira.
História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa — 1.º vol.
Inventário de Lisboa (fasc. 1 a 12) — por Norberto de Araujo.
Jardins e Palácio dos Marquesses de Fronteira — por Cassiano Neves.
Lisboa Seiscentista — por Fernando Castelo Branco.
O Poema de Lisboa — por Augusto de Santa Rita.
Lisboa Antiga — O Bairro Alto (volumes 1.º e 2.º) — por Julio de Castilho.
Revista Municipal — da direcção do dr. Jaime Lopes Dias.

**Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa**

S. A. R. L.

Capital realizado: Esc. 200.000.000\$00
Reservas: Esc. 210.000.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

FILIAIS: Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

AGÊNCIAS: Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

DEPENDÊNCIAS URBANAS

LISBOA

Alcantara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campo Grande, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO

Carvalhido, Costa Cabral, Matosinhos e Mousinho da Silveira.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Sempre novidades
aos melhores
preços do mercado

**TUDO PARA
DECORADORES
E ESTOFADORES**

SÓ PARA REVENDA

Jorge Ferreira & Carvalho, Lda.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 16-2.º
Telefone 23072 LISBOA



FÁBRICAS METALÚRGICAS

AUGUSTO MARTINS PEREIRA

Sede em:
ALBERGARIA-A-VELHA
Telefone 6 — P. P. C.
Telegramas: «ALBA»

Escritório em Lisboa:
R. DOS CORREIROS, 40-2.º-E.
Telefone 21319

**FUNDIÇÕES DE FERRO
E LIGAS NÃO FERROSAS**

Artigos sanitários e de cozinha; Aparelhagem vinícola; Acessórios para condutas adutoras e redes de distribuição de águas; Artigos para instalação de saneamento; Aparelhamento para a indústria vidreira; Artigos para instalações eléctricas; Receptáculos postais domiciliários, etc.

O futebol, a modalidade n.º 1

iniciou há 39 anos os primeiros passos para a sua projecção no País e no estrangeiro

«O futebol é o sport que tem em Portugal, como em todo o Mundo, maior numero de adeptos. A comprová-lo estão os milhares de pessoas que acorrem quando um desafio se anuncia interessante, como ontem sucedeu no campo «Stadium» incontestavelmente um dos melhores campos de futebol que possuímos».

Estas palavras, respigadas de «O Século», na sua edição de 17 de Janeiro de 1921, dão na verdade uma ideia do movimento desportivo da época — colocando o futebol em lugar de indiscutível primazia, portanto, ao abrigo de qualquer eventual concorrência que a não houve,

acentui-se, facto aliás mantido até aos nossos dias.

Quando a União Portuguesa de Futebol (em 28 de Março de 1926 adoptou a designação de Federação Portuguesa de Futebol Associação) organizou o 1.º Campeonato de Portugal, nos moldes da «Taça de Portugal», apenas existiam cinco Associações: Lisboa, Porto, Portalegre (reapareceu após um curto interregno em 1924), Funchal e Angra do Heroísmo, esta como Liga de Educação Física.

A Federação Portuguesa de Futebol, designação aprovada em 3 de Dezembro de 1938, engloba, neste momento, 32 Associações distritais,

incluindo as ultramarinas, o que revela claramente a enorme expansão que o futebol tem alcançado em todo o País.

Todavia, o foco principal situava-se na capital. A Associação de Lisboa, que pode considerar-se fundada em 23 de Setembro de 1910, tinha já anteriormente lançado as primeiras sementes, sustentando galhardamente um entusiasmo que alastrava por todas as classes sociais. Em 1913, por exemplo, um grupo da A. F. L. deslocou-se ao Brasil, onde registou valiosos resultados, e, a seguir, estimulou a visita de vários conjuntos estrangeiros.

O aparecimento da União consistiu como que uma foz onde desaguarão diversos riachos. Aos poucos, sentiu-se a necessidade de se estabelecerem normas, organizar torneios e conferir à modalidade as bases que lhe servissem de trampolim para a concretização de um anseio geral — a expansão por todo o território português, por forma a obter-se uma realidade condigna com o que existia desde há muito em Espanha.

Tavares da Silva, Ricardo Ornelas, Ribeiro dos Reis e Mário de Oliveira, na sua apreciada (que pena, não poder completar-se...) obra «História dos Desportos em Portugal», a propósito da projecção do futebol, em 1921, escreveram: «Só Lisboa, Portalegre e Porto, no continente, e o Funchal, nas ilhas adjacentes (Angra do Heroísmo «nasceu» oficialmente nesse ano), podiam orgulhar-se — que orgulho era — de haver olhado o jogo com a devida atenção, fundando tais organismos».

«...quando da estrela de Portugal em partidas internacionais, com o encontro Espanha-Portugal, em Madrid, a 18 de Dezembro de 1921, circunscrevia-se a muito pouco em



A 1.ª categoria do Casa Pia A. C. «a equipa do momento» em 1921

quantidade e, em qualidade, apenas a Lisboa e Porto».

«A disputa daquela partida internacional do futebol português, feita sem que houvesse ainda um torneio nacional para apuramento de um campeão, torneio que em Espanha tinha começado em 1902 (e só 18 anos depois o país entrara em competições internacionais) tinha colocado a nossa organização um tanto em situação de anomalia, pois, efectivamente, não fazia sentido que a escolha do grupo nacional antecederse o apuramento de grupos de clube campeões do País. Em Portugal continental, em suma, o futebol limitava-se aos campeonatos regionais de Lisboa e Porto, quanto a qualidade, e aos encontros entre as selecções das duas cidades, representando estas, á falta de melhor, as manifestações mais importantes do jogo, fora das competições regionais».

O tal torneio nacional começou, pois, em 1921 para terminar em 18 de Junho de 1922, no campo do Bessa, com a vitória final do F. C. Porto sobre o Sporting por 3-1, após jogo de desempate que teve prolongamento.

Vale a pena recordar as consti-

tuições das equipas deste Campeonato Portugal de 1921-22:

F. C. Porto — Lino; Julio Cardoso e Artur Augusto; Mota, Velez Carneiro e Floriano; João de Brito, Balbino, Alexandre Cal, Tavares Bastos e João Nunes.

Sporting — Amadeu Cruz; Joaquim Ferreira e Jorge Vieira; João Francisco, Filipe dos Santos e Henrique Portela; Torres Pereira, Jaime Gonçalves, Francisco Stromp, Emilio Ramos e José Leandro.

O Casa Pia A. C., a grande equipa!

Fundado por antigos alunos da Casa Pia, o Casa Pia Atlético Clube foi na época de 1920-21 a grande equipa.

Ganhou a taça «Associação», da A. F. L., o Campeonato de Lisboa, sem derrotas. Tudo a eito, como nos disse o prezado camarada Ricardo Ornelas. E no fim da época foi ao Porto ganhar por 2-0. Tecnicamente, campeão de Portugal.

Esclarece-se que o Casa Pia A. C., em Dezembro de 1920, foi o primeiro clube português a ir a Paris

(Continua na página seguinte)



A «equipa» do Sporting, fotografada no antigo Campo de Páhuva



LUSALITE

Corporação Mercantil Portuguesa, Lda.

RUA DE S. NICOLAU, 123 — LISBOA
Telefs: 22091, 22092, 22093, 30295 e 34925



ROBINSON

FUNDADA EM 1840

Uma das mais importantes e das mais antigas organizações corticeiras transformadoras e exportadoras portuguesas

TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA NATURAL OU AGLOMERADA

P O R T A L E G R E

Agentes Gerais: AZEVEDO & PESSI, LDA.

R. Nova do Almada, 46 — Lisboa

Tel. 24495 - 25979 - 20354 - 31050 - 23636 - 366625

O 1.º encontro Portugal-Espanha disputado em Dezembro de 1921 assinaiou a maioridade do futebol lusitano

(Continuação da página anterior)

para participar no torneio internacional disputado no Estádio Pershing.

Relembramos os nomes dessa «equipa maravilhosa»: José Maria Gralho, António Lopes (4.010), Silvestre Rosmaninho, Alberto Loureiro, Alvaro Gralha, H. Gouveia, Clemente Guerra, Candido de Oliveira, António Pinho, José Gomes dos Santos (Gato) e Alberto Nunes.

Estreia internacional e derrota com a Espanha

Como já se disse, foi em 18 de Dezembro de 1921, que Portugal se estreou em jogos internacionais, de frente com a Espanha, em Madrid. O encontro foi resolvido, praticamente, à última hora, e a despedida, na estação do Rossio, produziu-se num «ambiente de descrença», mas o regresso foi objecto de certo regozijo, pois a equipa portou-se com muita galhardia.

O desafio disputou-se no campo do Atlético Clube de Madrid, sob a arbitragem do belga Barette, alinhado as selecções:

Espanha — Zamora; Palolo e Arrate (cap.); Balbino, Meira e

Fajardo; Pagaza, Arbide, Sesunaga, Alcantara e Olaso.

Portugal — Carlos Guimarães (Internacional); António Pinho (Casa Pia) e Jorge Vieira (Sporting); João Francisco (Sporting); Vitor Gonçalves (Benfica) e Candido de Oliveira (Casa Pia) cap.; Gralha (Casa Pia), António Lopes (Casa Pia), Ribeiro dos Reis (Benfica), Artur Augusto (F. C. Porto) e Alberto Augusto (Benfica).

Alcantara (2), Meassa e Alberto Augusto marcaram os golos. Por conseguinte: Espanha, 3-Portugal, 1.

Naquela época já havia jogadores estrangeiros...

A importação de jogadores estrangeiros não é de fresca data. Desde os princípios do jogo em Portugal que figuraram em várias equipas elementos de outras nacionalidades.

Em 1921, a Associação de Futebol de Lisboa (ignora-se, de ciência certa, na altura, o numero exacto de jogadores estrangeiros ao serviço de clubes portugueses), determinou que a inscrição de elementos estrangeiros só podia ser aceite seis meses depois desse jogador ter assentado residência oficial em Lisboa.

O mesmo organismo resolveu que a transferência de um jogador de um clube para o outro (nesse tempo, dizia-se «mudança») só podia efectuar-se, estando esse jogador um ano sem jogar.

E já que estamos com a mão na massa, recordamos duas decisões importantes, emanadas do mesmo organismo:

— Aos clubes da 1.ª categoria, actualmente existentes, é concedida a vantagem de um campo servir a três clubes. Esta regalia, porém, termina passados cinco anos.

— São criados os bilhetes de identidade pelos quais o jogador passará a ser identificado em campo.

Conclusão: Lisboa dispunha de reduzido numero de campos. No entanto, em jogos importantes, as assistências andavam pela roda dos 8 a 10 mil pessoas.

Vem a talhe de foice, referir que há 39 anos o futebol escolar era objecto de cuidados especiais. Aliás, anos antes já era frequente realizarem-se torneios em que participavam os liceus da Lapa, S. Domingos e Carmo, Escola Politécnica, Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, Casa Pia de Lisboa, Colégio Militar, Escola Académica e Escola Estefania.



O grupo de futebol do Sport Lisboa e Benfica em 1921

Os rapazes, dos 15 aos 18 anos, praticavam futebol actuando em desafios que tinham como árbitros, entre outros, Ribeiro dos Reis, Cosme Damião, Jorge Vieira e John Armow — jogadores de nomeada.

Hoje, os jogadores de nomeada gostam mais de ir às «matinéas» o que, em boa verdade, não havia naquele tempo...

Breves referências a outras modalidades

Mas nem só de futebol vivia o desportista de então. Outras modalidades despertavam o interesse da crítica e dos... assistentes, que nessa época já suplantavam, infelizmente, os praticantes.

O Ginásio Clube e o Lisboa Ginásio pontificavam na ginástica e na educação física. Os sarauas anuais das duas prestigiosas colectividades constituíam acontecimentos de particular significado. Como agora. O hipismo, em «Alto Marim» e Sete Rios, atraía o escol da sociedade. Filipe Vilhena, Helder Martins, Mário Cunha, Almada Negreiros, Ivens Ferraz e José Mousinho, entre outros, salientavam-se, alcançando classificações que correspondiam a exhibições inolvidáveis.

No florete e na espada, os drs. Manuel Queirós e Mário Vieira (campeões) e o visconde de Reguengo e David Oliveira eram figuras de comprovada classe.

A natação com Rodrig Besson Bastos, pai do actual seleccionador nacional e avô da nadadora Maria Luísa Besson Bastos, à frente, contava com valores de excelente capacidade: António Afonso Pala, Mário Silva Marques, Alves Miguel, Anastácio Moral, Basílio Santos e Carlos Zimmermann, Margarida Pala e Maria Natália de Almeida.

O pugilismo, profissional e amador, gozava também de grande popularidade. Silva Ruivo e Faustino Pereira, os mais cotados profissionais, defrontavam, com regularidade, adversários estrangeiros.

No tiro e no atletismo, o dr. António Silva Martins era elemento de singular projecção, em especial na primeira modalidade.

Mas a juventude da nossa terra era solicitada ainda para outras manifestações como sejam a luta, a patinagem, o polo aquático, o hóquei em patins, a vela, o remo, o ténis e o ciclismo. O entusiasmo era a razão de ser da sobrevivência dessas modalidades, mas em vários aspectos já se divisava um surto de organização que animava a empreendimentos de sólida estrutura, com base na iniciativa particular e no autodirigismo.

A geração desportiva de 1921 soube, enfim, através do fogo sagrado mantido por Lisboa e Porto, forjar os alicerces que permitiram a tendência para a valorização técnica que é timbre do momento actual.

Feixe de curiosidades

● As corridas de cavalos, efectuadas em Cascais, assistiram 4.000 pessoas.

● A vitória de Dempsey sobre Carpentier, por K. O. no 4.º assalto, mereceu as honras de primeira página em «O Século».

● O Comité Olímpico Português, em 1921, era formado pelos sr.s. Charles Bleck, Bento Mantua, Mário Pistachini, Carlos Farinha, Manuel Latino, Correia Leal e Augusto Pinto Viegas.

● Em 3 de Abril, a direcção da A. F. Lisboa resolveu efectuar quatro jogos de beneficência, sendo dois no Sstoril, a favor da Casa dos Jornalistas, e dois em Lisboa, para o fundo dos jogadores inválidos. Programa: Benfica-Império e Casa Pia-Carcavelinhos; Belenenses-Vitória e Sporting-Cif.

● Normalmente, todo os domingos havia jogos de futebol em quatro categorias...

● Um jornal diário da época publicou: «O «capitão» do Sporting Clube Barroca pede a comparência, amanhã, na estação do Rossio, às 8 horas, dos seguintes jogadores, etc., etc., a fim de jogarem em Sinto contra o Grupo Sport União».

● Em Atletismo as marcas não eram famosas. Os 100 metros (para juniores) disputados na Palhavã, foram ganhos por Januário Mata, em 12,7 seg. Alberto Freitas, representando o Sporting, classificou-se em 3.º lugar.

● Os saltos, com corrida, em altura e comprimento tiveram como vencedores Nuno Fonseca e Hugo Leitão, com 1,51 e 1,90 metros, respectivamente. Candido Oliveira atirou o disco á distancia de 26,85 metros.

● A secção de futebol do Benfica deu um saldo de 8.625\$16. Segundo o relatório da gerência de 1920-21, o Benfica tinha 1.214 sócios, o que dava 6.000\$00 de quotização.

● O «Diário de Notícias» ao referir-se a um jogo escreveu: «O Sporting apresentou-se com 9 jogadores, entretanto, no final da primeira parte, o seu centro de meias-defesas, sr. Liebes».

● Num encontro entre selecções militares de futebol, Madrid venceu Lisboa, por 4-1.

● Resultados de jogos com equipas espanholas: Gijon, 6-Sporting, 1; Barcelona, 5-Benfica, 0; Comercial de Vigo, 3-Casa Pia, 1; Oviedo, 4-Sporting, 0; Sporting, 6-Comercial de Vigo, 2 e Carcavelinhos, 3-Comercial de Vigo, 0.

● Fundou-se o Hockey Clube de Portugal.

● Os jogadores de hóquei em patins, do Benfica, estrearam o equipamento de calção, novidade na modalidade.

● No Porto, o Académico e o Sport eram os baluartes do atletismo, enquanto no futebol o F. C. Porto e o Salgueiros alimentavam uma curiosa rivalidade.

● O campeonato de Lisboa foi dividido em duas divisões. Na primeira figuravam: Benfica, Sporting, Clube Internacional de Futebol e Império. Na segunda: Vitória, Carcavelinhos, Belenenses e Casa Pia.

● O Comércio Sport Clube, de Braga, adoptou a designação de Braga Sport Clube. Utilizava o Parque da Ponte.



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIAO FABRIL

RUA DO COMERCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA



SERÁS BOM GUARDA-LIVROS se confiáres

no prof. *Laurenço de Carvalho*.

Condições especiais para quem sabe Contabilidade

Ensino individual e por correspondência.

Av. Praia da Vitória, 13 - Lisboa - T. 732880

Deseja receber, grátis e sem nenhum compromisso, o folheto elucidativo

NOME

MORADA

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 89

O centenário do nascimento

do grande escritor e diplomata

Manuel Teixeira Gomes

por CÉSAR DOS SANTOS

talvez não seja o monumento estatutuário, mais ou menos decorativo, de maiores ou menores proporções — raras vezes atingindo uma poderosa e sugestiva expressão, envolvente e comunicativa, condizente com o seu significado humano e transcendente —, plantado na praça pública, á beira do rumorejante caudal da multidão distraída e indiferente, talvez não seja essa a melhor maneira de honrar, perpetuando-a e engrandecendo-a na compreensão das massas, a memória do varão ilustre que ultrapassou o comum dos homens invulgares pelos seus méritos excepcionais, por acções heróicas ou abnegadas, pelos sublimes sacrifícios, por tudo aquilo que praticou, dignificando a pá-

tria, revertendo, de qualquer modo, em altos serviços para a comunidade, principalmente quando perdura a radiação de um espírito superior, de um formoso e robusto talento.

Não basta que o exemplo desses homens superiores, paradigmas de virtudes, que, no elevado plano intelectual, contribuem para enriquecer o património espiritual e eterno das nações, não basta que eles nos sejam apontados nas páginas reverentes da História, avultando-lhes a personalidade extraordinária. Esses homens devem ser trazidos, com a sua poderosa influência, gloriosamente reditáveis, ao nosso permanente convívio, pelo contacto directo com a sua obra. O conhecimento dessa obra, quando se trata de um escritor, de um poeta, de um artista de eleição, é que proporciona o conhecimento integral do homem, com tudo aquilo que, humanamente idealizado ou imperfeito, contribui para elevá-lo na nossa admiração, com o regalo do espírito e na meditação serena, desapassionada, sobre factos e acontecimentos predominantes na sua existência, os quais não se podem dissociar da personalidade que a faulha do talento ilumina. Assim, para um escritor de nobre estirpe, um artista requintado, desses que não falam directamente á emotividade sentimental e á imaginativa das multidões, embora não deixem de ser amplamente compreendidos, não é talvez o momento simbólico na cidade tumultuária e volúvel, na perspectiva imponente das grandes praças, no quadrado geométrico da praça moderna, nalgum enovelado do jardim de qualquer recanto onde se refugiam as tradições, entre silêncios e melancólicas verduras; reduzido ás proporções do meio, no largo galhofeiro onde se arma o mercado ou noutro espaço acanhado e solitário da terra natal, ou, então, o funebre amontoado de tristezas cantarias pomposamente lavradas, esmagando-lhe, com todo o peso da ostentosa vulgaridade, os ossos que repousam no singelo e tranqüilo cemitério. Sem que a obra do escritor — o seu mais belo e impercível monumento — seja largamente difundida, para que

todos a conheçam e saibam amá-lo, que significará a mole de pedra ou bronze — quando valha para isso?

Cidadão eminente e exemplar

Aproxima-se a data do centenário do nascimento (em 27 de Maio de 1860) de Manuel Teixeira Gomes, numa encantadora terra algarvia, ao tempo Vila Nova de Portimão, por sua influência e em sua homenagem, justamente elevada a cidade, quando o eminente cidadão exercia as funções de Presidente da República.

Foi Teixeira Gomes, nobilíssimo

(Continua na página seguinte)



Desenho de Júlio

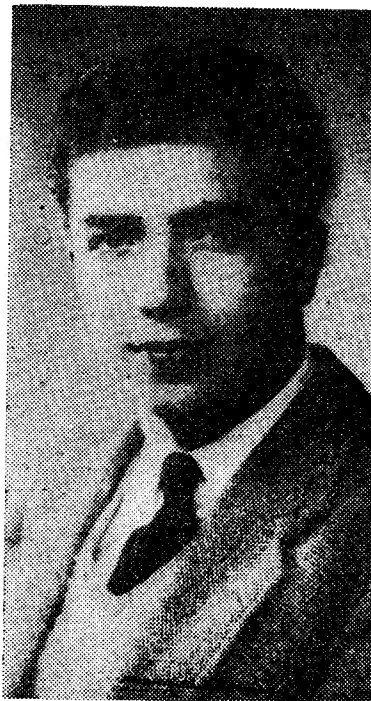
O Romance Brasileiro Contemporâneo

por ANTÓNIO QUADROS

(Excerto da parte final da conferência promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores na Casa do Alentejo).

Problema que vem preocupando os críticos e os historiadores das literaturas e até das filosofias, é saber se efectivamente as culturas situadas, isto é, as culturas nacionais têm uma alma, um espírito, um ser, se radicam num núcleo central e essencial que transcende os casos individuais a tal ponto que estes, mesmo quando se julgam mais libertos, sem querer estão implicados num movimento para o qual contribuem, por adesão ou mesmo por repulsão. Se assim for, podemos então tentar, com todos os riscos inerentes ao observador externo, encontrar um conjunto de características que traduzam uma filosofia implícita, uma peculiar interpretação da vida, um modo de ser e sobretudo, no caso que nos interessa, uma forma de conceber a literatura, não estática evidentemente, mas dinâmica porque em permanente movimento. Um Gilberto Freire encontrou tal núcleo, tal ser específico na etno-sociologia, isto é, na formação de um tipo humano, o tipo do brasileiro, caldeado por variadas contribuições ráticas, geográficas e culturais. Se existe o homem brasileiro, há então uma original literatura brasileira, tal como não poderá deixar de haver, ainda que buscando-se ainda, um pensamento brasileiro. A língua contribui para esta originalidade antropológica e literária, na medida em que possa traduzir com plasticidade a relação do homem com o cosmos. Ora o que nos diz, observado nas suas linhas gerais, o romance brasileiro?

Quanto a nós ele representa sobretudo nos nossos dias, contra o paradigma clássico, conceptual e rígido de uma cultura de tipo nórdico, o mesmo paradigma do barroco — desse barroco que, segundo tese que já defendi publicamente, tem o seu nascimento europeu neste nosso país do extremo-ocidente que, por isso mesmo, foi o primeiro a dialogar com o Extremo Oriente. O barroco português, o barroco atlântico originou-se no encontro do português com a Natureza, principalmente com o mar, e com a Índia, cujo cosmologismo místico tanto impressionou a visão dos artis-



ANTÓNIO QUADROS

tas que conceberam e realizaram o portal das Capelas Imperfeitas, a Janela de Tomar ou o claustro dos Jerónimos. Não mais a arte abandonará totalmente este ponto de partida que apresentou uma libertação da forma e uma fuga aos esquemas estáticos e rígidos da linha greco-romana, na sua modificação do românico, do gótico e da renascença. O barroco português, transposto embora para um sentido mais terrestre e mais apostólico floresceu exuberantemente em terra brasileira, quer no verbo de António Vieira, quer nas esculturas do Aleijadinho em «Ouro Preto». Foi uma vivência que naturalmente conquistou raízes próprias numa paisagem cósmica e humana tão barroca como era a brasileira, com a sua selva, o seu sertão, os seus tipos humanos formando-se, plasmando-se de tal modo que nós quase os poderíamos olhar crescendo e desabrochando nas linhas genéticas que vão de Machado de Assis a Fernando Sabino e de Euclides da Cunha a Guimarães Rosa.

A linguagem literária brasileira não é pois uma linguagem clássica, apesar dos esforços positivistas para a fixar e disciplinar: é essencialmente uma linguagem barroca, descontínua, gratuita, livre, graciosa, natural, paradoxal, capaz de descer aos abismos do estilo para

logo subir ás cumeadas. Se alguns a acham imperfeita nos livros de um José Lins do Rego ou de um Jorge Amado ou nos poemas de um Manuel Bandeira ou de um Jorge de Lima, ela é então imperfeita como o são as Capelas Imperfeitas da Batalha: o que há de inacabado, de incompleto é pura virtualidade, é alimento para a imaginação, para a fantasia, para a liberdade do próprio leitor ou espectador. Trata-se pois de uma literatura que não deseja impor a razão teórica á Natureza. É uma literatura aberta á razão cósmica, que a assume e a revela, que quereria ser a voz dos próprios paradoxos e das próprias contradições, que surpreende o homem, não como conceito, não sequer como substância, mas como puro movimento, como movimento infinitamente disponível, potencialidade constantemente a actualizar-se e a formar-se sob a reacção de novos estímulos e novas solicitações. Este carácter é evidentemente mais visível na tradição que desigualmente passa por José Lins do Rego, Gilberto Freire, Dinah Silveira de Queiroz e Guimarães Rosa, que visionam o homem em união mais íntima com a natureza e as forças nuas do sentimento, da raça, do inconsciente, da infável alma do universo, mas não deixa de aflorar num Aluizio Azevedo, num Raul Pompéia, num Machado de Assis, num Erico Veríssimo, numa Lígia Fagundes Teles, num Fernando Sabino, na medida em que as suas personagens reflectem o tumulto, a inquietação, a gratuita liberdade do urbanismo brasileiro crescendo com o vigor cósmico de uma selva, aquela selva que Ferreira de Castro tão vigorosamente soube pintar em sua majestade irracional e misteriosa. Se a literatura brasileira, em nosso entender, está a caminho de ser a mais rica e poderosa das Américas, é precisamente porque, enquanto a literatura de outras nações americanas têm na sua medida, no seu classicismo e na sua previsível evolução um carácter de fim de ciclo, a brasileira pelo contrário possui um sentido do desmedido, do potencial, do movente, que a levam por caminhos ascensionais de procura e de uma espiritualidade que não se contenta com fórmulas e limites. Os destinos da língua portuguesa na América estão bem entregues. Autónoma, livre, imaginosa, barroca na espiral do seu movimento, a literatura brasileira é uma literatura aberta para o futuro, e porque nesta abertura, nesta expectante disponibilidade para todos os ventos, nesta potencialidade dionisiaca se liberta o seu pensamento e a sua verdade, a literatura brasileira conquistou já o seu futuro.



A figura elegante e gentil do Presidente Teixeira Gomes

Jaime Cortesão

— a História lição de civismo

Muitas vezes — a experiência mo tem ensinado — o nosso convívio com os escritores ganha em limitar-se ao círculo dos seus livros, porque tanto eles se usaram em tensão criadora que se tornaram como obras ambulantes, e pouco lhes sobra já de disponibilidade para os outros, individualmente, ainda que á Humanidade tenham dado o melhor de si em saber, em beleza ou em esperança.

Tal não é o caso do dr. Jaime Cortesão em quem persiste teimosamente, ao cabo de uma já longa vida de trabalhos que não o embotaram, de lutas e reveses que não o azedaram, de glórias que não o ungiram de vaidade, os mesmos entusiasmos fundamentais de uma juventude virada ao sonho, á ansia de superação das coisas materiais. Nunca Jaime Cortesão voltou as costas á vida terrena ou á comum dimensão do homem, mas pôs sempre os olhos no que uma e outra podem atingir de mais alto, sem se renegarem.

Poeta do grupo da Renascença Portuguesa, onde Fernando Pessoa havia de detectar um «transcen-



JAIME CORTESÃO

(Continua na 36.ª página)

«VIDA E LITERATURA»

por PEDRO DE MOURA E SÁ

Constitui este livro, primordialmente, uma homenagem póstuma de amigos, reunindo em colectânea muito heterogênea algumas conferências, ensaios, artigos, crónicas de viagem, de um intelectual que nunca quis ser um escritor. Espírito ávido de interesses literários — ou filosóficos, ainda sob a forma de literatura — passou Moura e Sá pela vida relativamente breve que lhe foi dada usufruindo com facilidade rara dos prazeres da leitura, da conversação e da viagem. Foi um temperamento complexo de puro solitário e de universal curioso, como o define Vitorino Nemésio no prefácio do volume agora publicado — garretianamente entregue ao discorrente diálogo do eu com o circunstancial. Por acidente, por circunstância, escreveu algumas centenas de páginas, que se dispersaram em multiformes direcções. E o volume «Vida e Literatura», não constituindo uma obra e nem sequer inculcando a obra possível, tem acima de tudo o interesse de um testemunho para os que conheceram e apreciaram em vida o seu involuntário autor.

Foi necessário, decerto, conhecer Moura e Sá para o surpreender mais largamente nos seus dons, como também no sentido essencial das suas limitações. Para um espírito de tal estirpe e que viveu de tal maneira, um só livro, construído em recolha vária com os dispersos de um escritor circunstancial, não pode suprir a presença da pessoa humana e vivente. Daí resulta, naturalmente, que a impressão genérica nascida da leitura deste livro por quem não conheceu o autor em pessoa, só parcialmente se ajuste ao timbre dominante das opiniões que sobre ele formulam alguns dos seus amigos. O talento certo de multiplicar o humano em si e a sua volta, que também Vitorino Nemésio lhe atribui, resalta muito menos das páginas de «Vida e Literatura» do que a dispersão dilettante, a contingência do conceito ou do gosto, o divagar sem firmes amarras, que caracterizam a aleatória presença do escritor.

Sobre o sedimento de uma cultura variada e rica, de um espírito que foi manifestamente largo e aberto, o que se desdobra no livro é uma divagação fluida de ideias e de impressões, deixando com demasiada frequência o sentimento da gratuidade. A cultura literária, filosófica e artística do autor, tão longamente acumulada numa vida que se lhe pôde consagrar com largueza, não reveste na expressão destas páginas a forma de criação construída. As conferências tomam o tom de «charlas», finalmente tecidas, mas fluindo como fruste veio de uma personalidade que não quis ou não pôde dar de si mesma o melhor que poderia dar. A que deu o título ao volume é uma extensa divagação, com relances subitís ou cintilantes, mas sem corpo discursivo, sem doutrina nítida — testemunho da dificuldade ou da inaptidão de construir que prevalecia no intelectual. Só a intrínseca elegância e a finura de receptividade do espírito em constante diálogo com os grandes temas da cultura li-

terária — um espírito que se adivia subjacente à obra e mais amplo do que ela — incorporam neste trabalho intelectual a sua melhor substância. Mas a robusta arquitectura, a coerência vigorosa, o trajeto inabalável do pensador e do escritor, não se sentem neste livro divagante. Vê-se Moura e Sá apelidar de «filosofia cheia de seriedade e com aspectos admiráveis» o existencialismo, e logo adiante prefigurar um conceito stendhaliano da energia como razão da vida. Afirma um pessimismo excessivo perante a ciência e, em muitos outros passos, uma confiança ardente nos destinos e possibilidades da cultura europeia, como se a ciência pudesse dissociar-se dela.

Através de tudo, porém, há nas páginas de Pedro de Moura e Sá uma constante sedução. Espírito aberto às mais diversas formas do gosto e da emoção intelectual, só accidentalmente se delimita como «crístico e ocidental». A literatura, como a vida, foi para esta consciência inquiridora uma forma essencial de convivência, de contrapartida da irresistível solidão. Ele mesmo definiu literatura como «ponto de encontro das almas». Mas Moura e Sá foi, por isso mesmo, muito



DR. PEDRO DE MOURA E SÁ

fortemente um leitor e um conversador para que se lhe oferecessem, e por eles seguisse, os combativos e laboriosos caminhos da criação. Sendo um livro de atraente recreio intelectual, «Vida e Literatura» perdurará sobretudo como muito interessante documento humano. (Edição da Livraria Bertrand, Lisboa).

«UM HOMEM NÃO CHORA»

por LUÍS DE STTAU MONTEIRO

Com o seu primeiro livro, em que se incluem duas novelas de original contectura, traz Luís de Sttau Monteiro uma curiosa experiência literária às novas correntes da prosa ficcionista em Portugal. E, talvez, na novela italiana do apogeu da guerra que se podem encontrar maiores afinidades para esta arte muito pessoal de combinar o humorístico e o dramático, obtendo de elementos essencialmente simples efeitos sugestivos invulgares. Duas histórias triviais de casamentos infelizes constituem o fundo das novelas reunidas no volume; mas os temas são tratados com um realismo irónico, agriço e fluente, que atrai vivamente o interesse da leitura, imprimindo insólita leveza à descrição do dramático.

Há na peculiar atmosfera deste escritor um evidente artifício intelectual, um homem que se força a não transigir com sensibildades, com mais fundas verdades da consciência e com mais directas verdades observadas da vida social. Um humorismo que permanece realista

não pode deixar de submeter-se, naturalmente, a um certo artifício. Mas a ironia de Sttau Monteiro vem do fundo da lucida veracidade com que encara os meios sociais em que decorrem as novelas deste livro. E é a veracidade essencial que lhes confere mais viva expressividade, que imprime mais vigoroso sentido às fórmulas fáceis com que o autor ataca de frente as convenções solenes, ou estupidas, ou ambas as coisas.

Há, talvez, uma certa amargura a ressumar deste humor ligeiro e aparentemente desenfastado; e há, também, algumas infantildades que destoam da seriedade intrínseca e mais profunda da ironia com que o autor conquistou o seu estilo. Mas o livro denota incontestável poder de observação e de sugestão viva, de observação e de forma original; e é perfeitamente possível que com ele tenha surgido um verdadeiro escritor moderno no muito frágil e dubia «nouvelle vague» que está a despojar entre nós. (Edições Ática, Lisboa).

«ESPAÇO MORTAL»

por AFONSO CAUTELA

Em tudo o que escreve põe Afonso Cautela a marca do poeta para quem o acto de caminhar significa muito mais do que o caminho. Em prosa e em verso, tem feito deste cunho muito pessoal — mas que é o testemunho de uma época de perplexidades em que muitos, e por vezes dos melhores, não conseguem encontrar-se a si próprios — o seu estilo de escritor. E é também este estilo, no sentido lato do termo, o que caracteriza os versos e as prosas poéticas do livro «Espaço Mortal», com que Afonso Cautela vem assinalar um significativo lugar na nossa poesia de hoje.

Uma espécie de truculência indiscriminada, revolvendo ou agredindo os mais diversos sentidos e valores da vida, é o tom dominante da poesia deste escritor, em que se adinha uma fibra humana capaz de outros rumos, sem «as duvidas, os pecados e os pés sujos da caminhada», capaz de não «odiar os problemas dos outros». Uma agressividade que assim se dispersa não pode deixar de reconhecer, mais cedo ou mais tarde, a sua fragilidade fundamental. E é o que cumpre esperar de Afonso Cautela, para que a sua poesia ganhe o conteúdo que a sua qualidade literária justifica. Mesmo o surrealismo que aflora nos poemas em verso e em prosa deste escritor de incontestável força, parece tomar ainda a feição incerta de um expediente para a ausência de direcções definidas dessa força que não encontrou o seu adequado rumo. O poeta que escreve, com entono ardente, estes versos calorosos: «Atira contra a vida a tua vida / Atira contra a morte a tua morte», bem pode ter atingido o momento em que a exasperação do indivíduo

lismo abre as portas do sentido humano da vida e da arte.

A forma lírica de Afonso Cautela, porém, já alcançou uma maturidade e um vigor que fazem da sua obra, para além de todas as incertezas, um autêntico valor literário.



AFONSO CAUTELA

Plástica, veemente, apta a moldar-se em diversos andamentos, imprevisível mas uma nas suas variações, é a representação de um poeta que pode vir a realizar-se com singular plenitude. (Edição do autor).

Em Azeitão, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Joaquim Vidal Lopes.



Teixeira Gomes, que acabava de renunciar às funções de Chefe do Estado, recebe as últimas despedidas, ao embarcar, «liberto de amarguras», para a África do Norte

O centenário do nascimento de M. Teixeira Gomes

(Continuação da página anterior)

carácter, uma digna e austera figura de democrata, aristocrata da democracia, republicano desde a juventude, orgulhoso das remotas tradições liberais da sua respeitável família; e, sendo um homem livre, um intelectual e um artista de indefinível estrutura, os seus ideais, alicerçados em profundas e inabaláveis convicções, tornavam-se imperativo da sua inteligência clarificadora e pautavam o seu procedimento. Uma das grandes e mais nobres figuras da República, servindo, em elevados cargos e missões transcendentes, o País, que o elegeu Chefe do Estado, não podia, com a inteireza da sua estrutura moral, suportar as inibições e sujeições — a não ser todas aquelas impostas pela norma constitucional — implícitas na acção do político militante, avesso, como era, por indolência, inadaptado, por impermeável, à emaranhada teia da intriga política. Sendo um requintado, fidalgo de espírito, de uma camada opulenta, não traiu, porém, o povo, que o respeitava, sentindo-o bem próximo das suas aspirações, como «grande e quase heróico paladino dos interesses da grei». Assim, à margem de facções, mas «autêntico político na firmeza das convicções, que eram de personalidade enraizada e não de paixão accidental», a «política, sob a forma de amor pelo povo e pela liberdade, constituía para ele, ainda, um acto de inteligência superior e de elegância moral».

Na história do período agitado e difícil dos primeiros anos da República — que se vai fazendo serenamente, à distância do tempo —, sobressai a figura admirável de Teixeira Gomes, no raro apuro, na inextinguível coragem moral, demonstrada nas mais graves emergências, a par das atitudes históricas, marcadas sempre pela elegância e a dignidade do homem verdadeiramente superior. Ninguém o contesta, como ninguém, em qualquer sector político ou ideológico, se exime a reconhecer a justiça das homenagens devidas à figura nacional de M. Teixeira Gomes.

Não se podem esquecer os altos serviços que esse homem invulgar, rico, culto, viajado, de uma fina sensibilidade artística, superiormente educada, prestou à Nação, sacrificando interesses e algumas das suas aspirações mais íntimas. Sabe-se qual foi a sua acção de diplomata subtil, penetrante e atento, em Londres, onde ocupou um lugar difícil, doirado pela tradição e pelo prestígio do marquês de Soveral: desfazendo os conflitos internacionais contra a nossa administração em África, impedindo as torvas manobras com o objectivo da partilha dos nossos territórios ultramarinos, defendendo o prestígio e a dignidade do País nas horas cruciais que levaram à nossa intervenção na primeira Guerra Mundial; e, depois, como delegado português à Sociedade das Nações, distinguindo na escolha para uma das vice-presidências daquele organismo, honrosa deferência de que nos pudemos orgulhar.

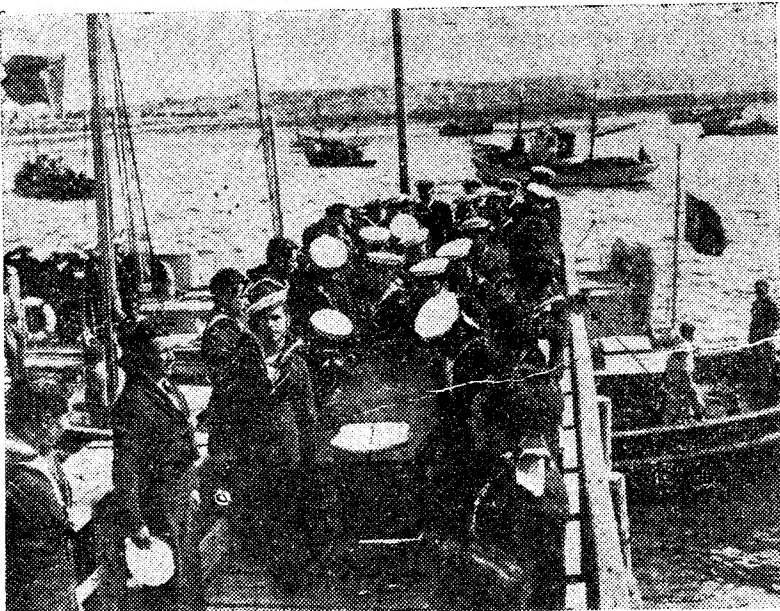
Eleito presidente da República (6-8-1923), precisamente, quando a sua figura respeitável, o seu probro e absoluto acatamento das regras constitucionais, a sua independência, o seu estrênuo patriotismo, representavam a garantia de estável

equilíbrio numa época conturbada, com todas as perturbações que complicavam o novo regime, Teixeira Gomes, chefiando a nossa representação diplomática em Londres, gozava da larga estima e do alto apreço do soberano e do seu Governo, que lhe tributaram significativas homenagens. Antes de partir para Portugal, Jorge V teve-o como seu hóspede no castelo de Balmoral, na Escócia; e veio, de Londres para Lisboa, no cruzador da Armada Real, «Carysford», excepcional e expressiva deferência do Governo britânico, que, depois, elevou a Embaixada a Legação de S. M. na capital portuguesa.

Está feita, igualmente, a história da presidência de Teixeira Gomes, exercida com a máxima dignidade. Quando surgiram as situações que poderiam restringir a sua acção constitucional, para além do limite das transigências suportadas com o máximo espírito de sacrifício em prol dos superiores interesses nacionais, até onde lhe permitia a sua consciência ativa e impoluta, reagiu com firmeza e moderação, colocando-se como árbitro supremo e agindo sempre corajosamente; e, ante a inutilidade dos seus esforços, desgostoso, incompreendido, magoado, renunciou às altas funções, após outras tentativas das quais o dissuadiram as reiteradas solicitações de eminentes figuras do regime, especialmente por parte de António José de Almeida.

Tomada a atitude irrevogável, sem alardes, evitando todas as complicações na vida do País, deixou o palácio de Belém no dia 11 de Dezembro de 1925 e, aproveitando o primeiro navio que largava do Tejo, o cargueiro holandês «Zéus», nele embarcou para o norte de África. Voltava a ser livre e pôde viajar, rever paisagens aliciantes e estâncias de arte gratas à sensibilidade, a reverie do esteta, do artista, do escritor primoroso que se reencontrava após um «amargurado cativo». Fixou-se, mais tarde, na cidadezinha marítima de Bougie, na Argélia, onde viveu, durante anos, até à sua morte, em 18 de Outubro de 1941.

(Continua na página seguinte)



Trasladado, de Bougie, no contratorpedeiro «Dão», o atade com os restos mortais de Teixeira Gomes é conduzido por marinheiros para o cais de Portimão.

A Comunidade Paroquial da Ajuda iniciou a publicação de uma revistazinha de cultura e informação intitulada «Juventus» e manifesta interesse pela sua apreciação crítica. Os intuitos de divulgação cultural, como os que se revelam nesta publicação modesta, são sempre dignos de apreço e, em especial, ainda mais quando se dirigem à juventude. Mas é indispensável orientar com largueza, sem fechado dogmatismo e sem voluntária incompreensão, o cumprimento dos bons propósitos. Na revista «Juventus» não suscitam objecções as páginas objectivamente informadoras, como as que são consagradas à história da otipvesaria portuguesa, à física atómica, à escritora Natércia Freire. E apresentado com inteligência e desassombro notáveis o comentário à peça «Diálogos das Carmelitas», por Luís de Oliveira Nunes. Mas a nota de Manuel Sérgio «A ética e a estética na literatura» é, toda ela, tecida de ilusões — para não lhes chamar estreitezas incompreensivas. O drama do homem contemporâneo não se define em termos tão simplistas. E oxalá «Juventus» continue o seu caminho com largo espírito.

Na cadência lírica da grei, sempre em fermentação e em pesquisa de novas formas, vão surgindo novos livros de versos: — «O sol e a lua», de José Barcos, com alguns poemas de feliz construção e originalidade, mas ainda muito desigual e incerto. Uma inspiração que não

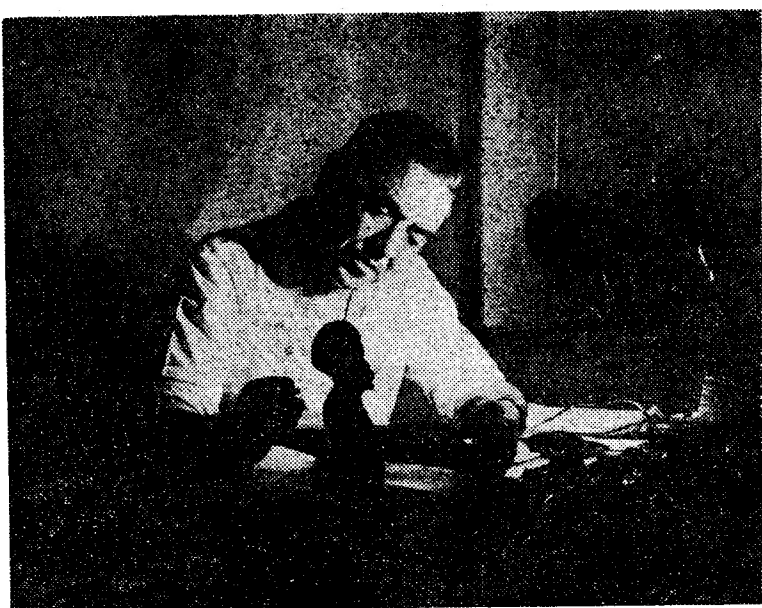
descobriu ainda o seu definitivo caminho.

— «Antes de amanhecer», de Rui de Oliveira, incluindo poemas, parábolas e uma narrativa poética, igualmente impregnados de um nefelibatismo que procura forçar sem êxito um caminho original. E é o que compromete algumas qualidades reveladas em certos passos mais felizes, onde há imagens de simples mas verdadeira descoberta.

— «Sinfonia do quotidiano», de João Vaz, transmitindo com directa naturalidade e ritmo os estados de alma da monotonia, do tédio e da expectativa. Alguns poemas declinam demasiadamente no trivial. Mas não lhes falta nunca a simpática comunicabilidade.

— «As vozes e os muros», de Alvaro Manuel Machado, é o testemunho de um poeta que se apresenta, neste primeiro livro, muito seguro dos seus dons e em já vigorosa afirmação de uma sensibilidade lírica. O estilo poético do autor está espontaneamente achado. Cumpre-lhe continuar no mesmo rumo de limpidez expressiva, de veracidade, de cadência calorosa e larga — encontrando para os seus poemas essências mais profundas e ecos humanos mais fortes.

— «Um pouco dificilmente», de Fernando Ilharco Morgado, tem a força expressiva e o largo ritmo de uma inspiração em que se conjugam a emoção pessoal e o rumor das inquietações colectivas, brotando como apelos na voz do poeta. E é uma voz clara e viril, de este escritor que convida e conquista as adesões, não só de apreço literário como de sentido social.



Fernando Reis (O entrevistado)

Fernando Reis:

— A Africa possui largas fontes de vida humana prontas a serem tratadas pelos nossos ficcionistas

Fernando Reis, que nasceu em Lisboa, vive há longos anos em São Tomé. Agudo observador, sensibilidade fina, Fernando Reis é um escritor atento, comovido e generoso, que nos dá um retrato e profundo, integral, de um povo e de uma terra. Depois de «A lezíria e o

equador», Fernando Reis revela-se um sólido romancista. Quisemos ouvi-lo, a propósito do lançamento de «Roças», livro enérgico e desasombroado, narrativa demorada e profunda.

Em que condições tem realizado a sua obra?

— Quase sempre submetido a limitações difíceis de ladear. Com efeito, resido em São Tomé, onde exerço uma absorvente actividade profissional, portanto afastado dos centros de cultura por excelência e das suas tertulias literárias ou artísticas. Sem outros incentivos propiciadores, depois do trabalho da profissão pouco tempo mais me é permitido para desenvolver qualquer tema germinado.

Em consequência fica por desencadear muito do que aflora ao pensamento. Nas poucas horas de descanso, refugio-me nas praias solitárias da ilha, ou no silêncio das calidas noites africanas que aproveito com ardor.

— Como integra a sua obra na literatura portuguesa?

— Não tenho preocupações de escola ou subordinações a movimentos literários. Se, porventura, se verificar qualquer parentela, isso é menos uma deliberação do que o explicito na própria obra. É certo que não desprezo, mais, sinto um pronunciado interesse pelas correntes neo-realistas o que talvez explique alguns dos litígios observados no desencadear das minhas tendências.

— Em que medida a problemática africana pode valorizar a ficção portuguesa?

— Em vastíssimas amplitudes. Até aqui, a Africa tem, praticamente, oferecido apenas alguns apontamentos considerados no imenso panorama que se adivinha. Largas fontes de vida humana se encontram ali prontas a serem tratadas pelos ficcionistas nacionais que desejem mergulhar no ineditismo e na originalidade em fermentação portentosa.

— Projectos literários?

— Apesar dos processos inibitórios referidos, projecto mais um livro de contos do ambiente Santo-tomense. Tentarei, também, colher, junto dos pescadores «angolares», muitas das suas lendas, que procurarei transmitir sem falsear o seu sabor inédito.

D. Roque Pidal

e o código do «Mio Cida»

Em Madrid morreu agora o escritor D. Roque Pidal. Completaria 75 anos em Agosto, tendo nascido na capital asturiana em 1885.

Depois de estudar Direito em Salamanca e de se ter doutorado em Oviedo, estudou ainda em Bruxelas. Filho de um embaixador de Espanha junto da Santa Sé, D. Roque Pidal, tornou-se conhecido pelo seu amor aos livros, sendo bibliófilo dos mais enfeitados e ciosos.

Herdara de seu pai e avô o co-

ESCAPARATE

(de 29 de Março a 5 de Abril)
Título — «A cantiga de amor».
Autor — Reis Brasil.
Gênero — Ensaio.
Edição — Autor.
Colecção — Caravela.
Número de páginas — 103.
Preço — 20\$00.

Título — «O espírito de Salazar».
Autor — António Gonçalves.
Gênero — Estudos.
Edição — Autor.
Número de páginas — 203.
Preço — 20\$00.

Título — «A Igreja dos tempos bárbaros (II vol.)».
Autor — Daniel Rops.
Tradução — Prof. Eduardo Pinheiro.
Gênero — História.
Editora — Livraria Tavares Martins.
Número de páginas — 748.
Preço — 120\$00.

Título — «Prefácio à religião».
Autor — Fulton Sheen.
Tradução — Maria Alpoim.
Gênero — Estudos.
Editora — Itinerário.
Número de páginas — 250.
Preço — 27\$50.

Título — «Luciano».
Notas biográficas — Oscar Pacheco.
Gênero — Livro de pintura.
Editora — Livraria Portugal.
Colecção — Pintores portugueses.
Número de páginas — 59.
Preço — 30\$00.

Título — «A fronteira de Deus».
Autor — Martin Descalzo.
Capa — Vespeira.
Gênero — Romance.
Editora — Ulisseia.
Número de páginas — 204.
Preço — 25\$00.

Título — «A plenitude do sacerdócio».
Autor — D. António de Campos.
Gênero — Estudos.
Editora — União Gráfica.
Número de páginas — 135.
Preço — 12\$50.

Título — «Poesia do povo goês».
Compilação — Maria da Paz Cabrita de Barros Santos e Jesuino de Noronha.
Gênero — Antologia.
Editora — Centro Cultural Goês de Lisboa.
Colecção — Folclore de Goa.
Número de páginas — 96.
Preço — 25\$00.

Título — «1.ª Semana de Estudos Doutrinários».
Prefácio — Prof. Miranda e Barbosa.
Comentários — Henrique Barilara Ruas.
Gênero — Discursos, teses, comunicações.
Editora — Semana de Estudos Doutrinários.
Número de páginas — 341.
Preço — 30\$00.

Título — «A Romana».
Autor — Alberto Moravia.
Tradução — Armando Vieira Pinto.
Gênero — Romance.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Sucessos.
Número de páginas — 455.
Preço — 40\$00.

os nossos contos

“ H A I K A ”

por MÁRIO CILIA

O tempo passou e muita coisa mudou, mas eu não te esqueci. Tenho ainda, bem viva na memória, a tua ultima imagem, no cais, enquanto o barco, em que eu fugia, se afastava lentamente. Cabelos loiros agitados pela brisa da tarde, a mão enluvada de branco acenando num ultimo adeus. Prometi voltar — e não voltei. Perdoa-me, mas eu não podia voltar. Deus sabe porquê...

Eu não acreditava no destino — no destino e em muitas coisas mais! Era um homem prosaico, frio, calculista, mais matéria do que sentimentos. O dinheiro era o meu deus. Vivia do dinheiro e para o dinheiro. Quanto mais ganhava mais queria ganhar e, como não era rico, proprietário, mestre de obras ou administrador, tinha de trabalhar duramente para o ganhar, numa luta titanica, continua, inglória. Por isso mesmo, o médico me aconselhara um mês de repouso, sem escrever uma linha e com completa mudança de ambiente. Outro qual-quer no meu lugar, teria escolhido uma tranquila terra provinciana, com bons ares, boa comida e ambiente bucólico, ou uma dessas termas onde se bebem águas milagrosas, que curam doenças imaginárias, e para onde os pais levam as filhas todas as épocas, quando atingem os 25 anos e ainda estão solteiras...

Como o campo me monotoniza e embrutece e as meninas em busca de noivo não me interessam, não fui nem para o campo nem para as termas.

Preferi Paris. engolfar-me na trepidante capital do Mundo, na sua vida feita de milhões de vidas. Para quem não me conhece, — ou me conhece mal — esta resolução pode parecer estranha ou «snob». Garanto, porém, que o não é e que traduzo perfeitamente o homem supercivilizado que sou, que gosta acima de tudo, de comodidade, de bem-estar e de convívio — e Paris não tem moscas, não cheira a estrume, nem nos oferece meninas burguesas, estupidamente intelectuais, em busca de noivo rico ou bacharelado...

Claro que antes de tudo isto eu não acreditava na força do destino, mas hoje, depois do que se passou, mudei de ideias e passei a acreditar, piamente, nessa força oculta que guia os nossos passos e, num ápice, transforma o rumo da vida.

* * *

Eu já a tinha visto na gare do aeroporto, os cabelos loiros, soltos e provocantes, mas não lhe dispensaria mais do que um olhar desatento e apressado, na azáfama da partida, com as exigências da Alfândega e da Polícia a absorverem-

me. Para mais, eu sofria as consequências de uma tremenda sobrecarga nervosa, resultante de muitos anos de trabalho constante e porfiado.

Só mais tarde, quando a vi sentar-se a meu lado, no avião, é que, na verdade, senti o choque e previ, num instante, que alguma coisa ia mudar na minha vida, a partir desse momento.

Com aqueles seus gestos rápidos, nervosos, quase felinos, que tão bem viria a conhecer, acendeu um cigarro e, com á-vontade, como se fôssemos velhos amigos e entre nós houvesse longa intimidade, voltou-se para mim, olhando-me fixamente com os seus maravilhosos olhos azuis, límpidos e claros, e perguntou-me:

— Quanto tempo levaremos para chegar a Paris? Detesto estas gaiolas, onde parece que nos falta o ar!

Sempre fui tímido, vítima de um complexo de inferioridade que se manifesta desastrosamente nos primeiros contactos com mulheres.

E uma inibição contra a qual tenho lutado desde que vesti as primeiras calças compridas e fumei o primeiro cigarro. Inutilmente, porém, pois conduzo-me sempre como um menino imberbe e não como o homem feito que sou, que já dobrou há muito, o cabo dos trinta.

Dessa vez, porém, isso não aconteceu e a conversa começou logo

fluida, como se na verdade fôssemos amigos de longa data ou como se nos tivéssemos despedido na noite anterior, sabendo já que nos havíamos de encontrar ali, no bojo daquele avião, voando para Paris...

Chamava-se Haika, um nome estranho como estranha é a terra em que nascera, nas margens lendárias do Danúbio, e como estranha ela própria era, pobre criatura açoitada pelos vendavais da vida, joguete de um destino que a transformara em mulher quando ainda mal começara a ser menina.

Nascera na Hungria, junto às margens do rio famoso, filha de pai alemão e de mãe romena. Crescera como menina rica que era, mimada e acarinhada.

Mas depois viera a guerra. A loucura de um homem transformara o mundo numa labareda, a alimentar-se de cadáveres, e Haika, apanhada pelo vendaval de ódio e de paixão, foi arrastada no turbilhão, e impiedosamente envolvida pelas chamas da fogueira.

O seu corpo, belo, esguio, ondulante que despertava para a vida e para o amor, foi cobido por soldados de todas as raças, ébrios, sófregos, de instintos á solta, como animais. Lutou, tentou não cair no charco sobre o qual se movia. Não o fazia por pudor ou sentimentalismo, apenas por nojo e repulsa. Mas a sua luta foi inglória.

Por todos os lados, em todos os cantos, apenas havia homens brutais, esfaimados, entregues aos seus instintos mais primários, que procuravam e queriam o seu corpo, o desejavam com raiva e frenesim, numa ansia louca de sensações imediatas, própria de homens que apenas tinham para viver o momento exacto que viviam.

Conheceu campos de concentração e todos os seus horrores, prisãoeira de uns e de outros, fome, frio, arrastando-se por aqui e por ali ao sabor da vida e dos caprichos dos homens.

* * *

Voávamos alto, por cima das nuvens e Haika, cigarro nos dedos esguios, a desfazer-se em espirais de fumo, falava, contando-me a sua vida, sem pejo, nem falso pudor, tranquilamente, como se fôssemos

(Continua na página seguinte)

A figura intelectual de Teixeira Gomes tem jus a homenagens condignas

(Continuação da página anterior)

São raros os exemplos de um exílio tão digno, tão serenamente ponderado, vicejante de saudades, calando as dilacerantes amarguras, os agravos sofridos, os legítimos protestos, as naturais recriminações, com a mesma elegância moral, a mesma verticalidade das suas atitudes, limitando-se aos compreensíveis desabafos em cartas íntimas aos amigos, aos quais ia distribuindo as preciosidades artísticas, reunidas com apurado gosto, ali escrevendo alguns dos seus livros, que incluem páginas das mais belas, das mais emotivas, das mais fulgurantes da estilística portuguesa.

Não o sepultem na banalidade!

Não sabemos que celebrações se planearam, coincidentes com o centenário de M. Teixeira Gomes, notável estadista, diplomata e escritor que tem jus às homenagens evocadoras no elevado plano de uma comemoração nacional. Tão-pouco constam quaisquer iniciativas para a consagração do artista a um nível intelectual superior, dignificadora da personalidade invulgar e do altíssimo espírito do autor admirável, inconfundível, de «Inventário de Junho», «Sabina Freire», «Agosto Azul», «Gente Singular», «Cartas a Columbano», «Maria Adelaide» e de outros livros que esplendem na nossa literatura um formosíssimo estilo, pelas finuras do gosto artístico, pelo seu aticismo, pela superior emoção estética, pela límpida e colorida linguagem, cintilante de ironias, escurando a frescura de tintas mágicas.

Neste aspecto das comemorações do centenário do escritor, da estirpe dos mestres prosadores, repetimos a nossa ideia de que a mais ampla e criteriosa divulgação da obra, a evocação da personalidade do artista magnífico (que, além do mais, enriqueceu o património artístico nacional com as prodígas dádivas de valiosíssimas peças recolhidas em museus), e outras exaltações de cunho intelectual constituiriam a melhor homenagem. Talvez, por exemplo, um museu, uma biblioteca, sob a sua evocação tutelar, de permanente sugestão artística e eficiente acção cultural. Assinala-se o preito que significa a publicação, em curso, por iniciativa de Agostinho Fernandes, das «Obras Completas» de M. Teixeira Gomes, incluindo os volumes de «Correspondência», o primeiro dos quais — «Cartas para Políticos e Diplomatas», organizado e prefaciado pelo notável crítico e ensaísta Castelo Branco Chaves — já editado, sendo, contudo, discutível a sua oportunidade.

Agita-se, porém, principalmente no Algarve, a ideia de um monumento na terra natal do escritor, alvitrando-se, também, um mausoléu-monumento no pequeno cemitério de Portimão, onde repousam os seus restos mortais, trasladados de Bougie e ali recolhidos em 18 de Outubro de 1950.

Esse monumento, busto, exedra ou estátua, não teria, certamente, a expressão e proporções condizentes com a envergadura do grande escritor, de modo a traduzir a jubilosa radiação espiritual dessa figura singular, de perfil florentino, a sua alma helénica, sensual e pagão, apaixonado do mar, magnífico e voluptuoso pintor das coloridas e luminosas paisagens, dotado da acuidade perscrutadora dos seus envolventes sortilégios, assim como para a penetrante sondagem da complicada trama psicológica que nos mostra consciências e sentimentos através de uma límpida e cristalina transparência. Menos ainda, talvez, o mausoléu-monumento, a memória funerária, de fria e pesada pompa tumular que o sepultasse definitivamente sob a granítica vulgaridade — assim como, nas acrópoles, esmagaria alardeantes vaidades e ilusórias miragens de evasão ao esquecimento inevitável.

Teixeira Gomes, que, no exílio, se lembrava sempre, numa enternecida saudade, do seu lindo Algarve, rememorando, com extraordinário poder evocador e nítida, empolgante, realidade, episódios longínquos, simples pormenores e o intimismo impressivo da paisagem, tinha a ambição de repousar para sempre na sua terra — que se prepara, aliás, para glorificá-lo. E não lhe poderíamos dar melhor sepultura do que uma campa rústica e singela, nalgum sítio propi-

cio das penedias, debruadas de espumas, doiradas pelo Sol, nas alturas de dilatados horizontes, sobranceiras ao mar que lhe enfeitou a alma e lhe embalaria o eterno sono.

Parecerá isto uma ousada fantasia, mas Chateaubriand, também artista incomparável, que a Teixeira Gomes se assemelha e foi como ele estadista e diplomata, coincidindo até a circunstância de ter exercido em Londres as funções de embaixador da França, o famoso autor do «Génio do Cristianismo» não tem o seu túmulo nos escavados rochedos, nas penhascosas solidões de Grand-Bey, avizinhandos Saint-Malo, berço do escritor, onde o mar da Bretanha rugia as suas cóleras, anavalhado pelos leixões, ou marulha a sua canção quando desfalece, brandamente, nos dias serenos e luminosos?

A sugestão helénica do mar do Algarve

Há um trecho surpreendente do litoral algarvio onde Teixeira Gomes estimaria, por certo, dormir para sempre junto ao mar da sua veemente paixão e que ele visionava numa fascinadora revivescência da paisagem grega, assim o descrevendo, com a magia da sua arte, tão poderosamente sugestiva, nas cartas ao «querido amigo», o insigne poeta João de Barros, que são páginas lapidárias do perturbante «Agosto Azul»:

«Eu julgo que a realização perfeita da paisagem grega, tal como os poetas da antiguidade a concebiam, está no troço da costa do Algarve, entre a Ponta do Altar e a Ponta da Piedade, isto é, desde a barra de Portimão até ao fecho da baía de Lagos. Pouco paisagistas os antigos não nos deixaram descrições mudas, nem pinturas copiadas de trechos predilectos das costas da Grécia, das ilhas Jónicas, da Ásia Menor, da Sicília, nem de Nápoles, que era a parte principal, e mais bela, da Grande Grécia. Mas nalgumas paisagens dos seus poemas, e num ou noutro pano dos «frescos» de Pompeia, desenham-se perspectivas de costa e mar que idealizavam os modelos hoje fáceis de rever. Sobre essas paisagens, não tais quais elas existem, mas tais como poderiam ser apurados os elementos que as compõem, formou-se uma tradição por assim dizer livre, mas indestrutível, que faz com que ainda nos bancos da escola todos nós tenhamos mais ou menos a concepção de uma paisagem marítima grega: praias de areia fina e doirada; rochas de pitoresco recorte emergindo do mar cerúleo; árvores floridas, como a amendoeira, debruçando-se sobre as águas tranquilas de curtas enseadas, etc.»

«E em parte alguma encontramos a fina areia doirada, que os pés nus das deusas podiam pisar com delícias, nem as rochas multicores que deviam avultar na água, como preciosos rosicleres. A falta das marés conserva poluídas as mais lindas praias, e as rochas cinzentas raro perdem a opacidade, cravando-se no mar sem elegância e ouriçadas de esporões agressivos. No pequeno trecho da costa do Algarve, ocupado pela baía de Lagos, a areia é fina e doirada, como os poetas a desejavam; os rochedos, de composição calcária e mistura de argila, revestem tonalidades de infinita riqueza e variedade: amarelo de ouro até ao salmão escuro; sangue de boi ao rosa pálido. Rochedos que a acção do mar e dos ventos foi roendo, semeando-se ao longo da costa em leixões das formas mais diversas: pirâmides, esfinges, castelos e basílicas; e que na parte de terra se cavam em folhos cilíndricos, em grutas profun-

Vida dos pintores

—SALVADOR DALI vai expor a sua tela gigantesca «Caos e Criação» em Nova York. Neste momento pinta o retrato de uma jovem que posou entre porcos, peixes, motocicletas, vegetais, etc.

—HARTUNG e o escultor COURIER terão cada um uma sala na próxima Bienal de Veneza.

—ZADKINE prepara uma série de exposições nas principais cidades da Alemanha e do Japão.



Retrato de Teixeira Gomes (aos 22 anos), pintado por Marques de Oliveira, que está no Museu Municipal do Porto, em frente de outro, da viscondessa de Meneses, uma paixão da sua mocidade

das, em túneis circulares, por entre derrocadas de penedias multicores, a evocar ruínas de cidades colossais; e na parte ainda segura, firme, deixando sempre livre um estreito corniça, para onde é fácil a passagem, e que descobre de um lado a praia e o mar, e do outro a grande planície ondulante, verdejante e risonha, que vai bater nas faldas da serra de Monchique, armada no horizonte e fechando-o ao Norte, com duas altíssimas corcovas. E na disposição de todos os planos, na proporção de todas as linhas, um tal equilíbrio, uma graça quase arcádica, que, seja qual for o lado por onde a vista as emoldure, dá um quadro embevecedor e perfeito.

«Como seria fácil, com um pouco de artifício, ter «ressuscitado» naquela região uma incomparável colónia grega com restos de templos — bastavam duas ou três colunas no extremo da Ponta do Altar, e outras tantas na Ponta da Piedade — «vestígios» de uma acrópole em Ferragudo, por detrás do adro da igreja, e a «lembança» da cidade no mesmo sítio onde está hoje Portimão».

«Toda essa costa bafejada pelos ventos vindos da América através do Atlântico é saturada de humidade, o que leva ao máximo a intensidade luminosa do Sol, da Lua, das estrelas. Os póres-do-sol são diversos e opulentos como talvez em nenhuma outra região do Mundo; póres-do-sol para todos os gostos: prodigiosos, idílicos, tremendos, paradisíacos, trágicos, heróicos, apocalípticos; e de noite, se a água se faz fosforescente, é para se cobrir, pelo mar fora, de um manto cintilante de prata líquida.

«As pessoas falhas de disposição artística, a quem só o que é oficialmente reconhecido como interessante e belo impõe respeito e veneração, e falhas também de experiência própria, da visão directa dos lugares históricos, achariam, com certeza, supremamente ridícula esta fantasia, de querer dar foros de helénica genuidade a um canto de Portugal (Portugal!) na costa do Algarve (o Algarve, que não é a Sicília!) e ainda para maior desvairo, inventar, ali, ruínas que o certificassem. (Também eu, em muito novo, nutri dúvidas sobre tais valores estéticos, e pus-me a correr mundo para me certificar de como era incomparavelmente bela a minha terra). Mas quem visitou o Mediterrâneo e viu quanto as ruínas tornam sublimes os lugares onde se encontram (as mais das vezes sem nada que os distingua de outros tantos, apagados, e nos quais ninguém repara) é que pode calcular o efeito que produziriam as belas ruínas naqueles lugares tão dignos delas, e que imensa obra de arte, levada a cabo por meios tão simples, não seria possível eternizar ali...»

Se Teixeira Gomes tivesse, como Chateaubriand, o seu túmulo nos rochedos, ali naquele trecho do litoral algarvio de tão fascinadora sugestão helénica, avivada, com perfeita realidade aos olhos deslumbrados de quem já o contemplou, pelo poderoso talento do portentoso artista, não corria o magnífico lavrante dos encantos dionisiacos do «Agosto Azul» o tremendo risco de ser metido no lúgubre gavetão de um jazigo todo em mármore franjado. Ao menos poupe-se a sua memória e não se pense em sepultá-lo sob as esmagadoras pedras de algum mausoléu de monumental banalidade — e lá das serenas e luminosas alturas, ele terá um gentil sorriso de reconhecimento por furta-rem-no à vulgaridade da piedosa e sentimental homenagezinha, que é a ilusória gloriola de qualquer soleníssima nulidade.

CESAR DOS SANTOS

Jaime Cortesão

(Continuação da 33.ª página)

dentalismo panteísta», uma «religiosidade nova», Jaime Cortesão escreveu na «Águia» alguns dos versos mais representativos de uma profunda exigência de espiritualidade («E mal o luar os molha, / Os choupos, na noite calma, / Já não têm ramos nem folhas, / São apenas choupos de alma»). E é curioso observar que ainda recentemente, numa crónica sobre o Búaco, Jaime Cortesão definia o mesmo conceito de natureza-alma. Interpretativa por vezes da psique popular, da alma nacional nas suas mais elevadas expressões — as que lhe importam, por serem modelares — a sua poesia, não apologetica, mas sempre estuante de apências épicas, encontrou em «A Morte da Águia» os seus termos de comparação na montanha e na tempestade, como em «Glória Humilde» e em «Esta história é para os anjos» redescobriu na natureza madre, através da identificação Pátria-Amor, o destino do povo português.

Porque na obra deste poeta o homem esteve sempre presente, des-sarte a reduzindo ou a engrandecendo, e porque toda a sua vida foi assim um poema, pleno de ímpeto e de eloquência, em dado momento, coerente consigo, ele se afastou do centro das suas actividades.

O historiador — rigoroso na investigação, criador na interpretação de factos e documentos — é ainda o mesmo ardente espiritualista (e o mesmo grande senhor da expressão verbal). Seria, no entanto, demasiado fácil classificar apressadamente de «individualista» este republicano á romana, que no culto da honra e no gosto da perfeição parece com efeito preencher um ideal aristocrático. A tanto se opõe, porém, desde logo a sua concepção de liberdade, que Jaime Cortesão nunca reclamou para alguns, fossem eles os melhores, mas que pelo contrário sempre rejeitou para si próprio, como inexistente, não sendo ela geral.

Desde os «Factores Democráticos na Formação de Portugal», Jaime Cortesão liga a sua historiografia a um sentido de missão nacional (1); toma consciência, e dá consciência aos seus leitores, de um ideal colectivo. A História, concebe-a e realiza-a ele como lição de civismo.

A sua obra histórica apresenta uma unidade funcional de causas e, se é certo que Jaime Cortesão valoriza o coeficiente de genialidade individual, até ao reconhecimento do herói, o homem que imprime à existência os rumos do seu sonho, seja ele um Alexandre de Gusmão ou um Raposo Tavares, nunca perde de vista que o essencial é a história de uma sociedade, nem deixa de ver aqueles seus frutos excelentes como consequências felizes da marcha para o futuro (2). Tal se verifica afinal na sua «Expansão dos Portugueses na História da Civilização», como em «O Franciscanismo e a Mística dos Descobrimentos». Na atenção que con-

cede ao culto do Espírito Santo revive o transcendentalismo do poeta, do espiritualista heterodoxo; mas nunca a primazia do indivíduo, se é que em absoluto chega a verificar-se alguma vez, assume na sua obra um carácter egoístico, antes representa a vênica devida àqueles em quem precisamente encarna o sentido de um amanhã.

E afinal onde harmoniosamente se perfaz a fusão do homem, do poeta e do historiador é nessa sua tão evidente (e julgo que bem pouco assinalada) religião da história. Porque da obra monumental, lúcida e apaixonada desse tão probo e inteligente investigador e crítico do passado que foi e é Jaime Cortesão, se desprende a religião da história. Da história não apenas como acontecimento, mas como promessa e presságio — onde a ideia de Deus se substituiu a de uma força irresistível das almas. Sim, das almas imortais, porque elas vivem ainda e viverão na consciência dos que decifram, dos que quiserem decifrar no passado as linhas do presente-porvir. Essa é — parece-me — a chave da interpretação sempre actual que Jaime Cortesão nos dá dos factos históricos. Tal não se opõe, de resto, antes me parece que completa essa visão da história como um incessante alargamento do Mundo, que apercebemos mais nitidamente ainda nos últimos trabalhos do dr. Jaime Cortesão. Em «Os Descobrimentos Portugueses», o grande papel de Portugal é o de haver promovido contactos de cultura, que foram decisivo factor de progresso. Jaime Cortesão, cada vez mais no caminho duma visão sociológica da História, liga intimamente o futuro do Universo ao destino das comunidades de cultura, que tendem e tenderão cada vez mais a transformar-se em comunidades políticas, a caminho da comunidade universal dos homens. Alargamento do Mundo é para ele essencialmente amplificação da Humanidade e da consciência do homem; e essa amplificação tem de traduzir-se em ciência, em pensamento ou em religião, pois são esses fenómenos espirituais que marcam o progresso humano.

URBANO TAVARES RODRIGUES

(1) Muitas vezes ouvi dizer a Jaime Cortesão que é acima de tudo um historiador cidadão, cujos deveres de cidadania estão na base da sua interpretação da História.

(2) Em «Os Descobrimentos Portugueses» de Jaime Cortesão, lê-se, na pág. 399: «Quando se considera o valor dos chamados grandes homens, há que distinguir entre o indivíduo em si, como possibilidade própria, e o que nele pertence ao espírito e os irresistíveis tendências de uma época. Todos os homens são potencialidades latentes, que só as circunstâncias de momento permitem realizar-se plenamente. Mas aqueles a que chamamos génios da acção são quase sempre receptores, mais aptos a dar expressão às ansiedades secretas de um mundo que só eles avistam».

Os nossos contos

(Continuação da página anterior)

conhecidos há muito. Eu escutava-a calado, sentindo cada vez mais o encanto que dimanava do seu corpo e, sobretudo, dos seus olhos muito azuis, quase líquidos, que me olhavam fundo, como que tentando desvendar os meus pensamentos. Pouco a pouco, subtilmente, sentia que algo de invisível e forte me prendia àquela mulher bela, que o destino sentara a meu lado naquele avião que voava para Paris. Sentia-me preso, amarrado, não apenas ao seu encanto físico mas a qualquer outra coisa mais forte, que ainda hoje, alguns anos passados, não sei explicar nem definir.

* * *

Quando a guerra acabara e os homens, atônitos, olharam para os destroços que a sua loucura fizera nascer em cada canto da Europa, Haika estava em Lisboa. Como chegara à nossa capital não o sabia. Viera arrastada na enxurrada, perdida no meio de milhares e milhares de outros desgraçados. E por aqui ficara: primeiro atônita e confusa, não querendo acreditar na paz que, finalmente, lhe era dado gozar; depois, procurando ganhar a vida e esquecer o passado, as coisas que tinham ficado a marcar o seu corpo, dorido e exausto da longa caminhada. Sorriam-lhe então a vida e, pouco a pouco, voltaram-lhe a tranquilidade e a alegria de

viver. Do passado, guardava apenas a recordação de um sonho mau e aquele gesto nervoso de atirar para trás, sacudindo a cabeça, os cabelos longos e loiros, que esvoaçavam ao mais leve sopro, e a maneira de olhar, mirando-nos bem fundo, como se quisesse penetrar-nos e recolher o que pensávamos.

Nem uma sombra de rancor ou de ódio recalado. Esperava, apenas, que na sua vida surgisse um homem a quem se entregasse voluntariamente, numa dádiva total do corpo e do espírito. Por amor, pelo simples prazer de se dar, não pedindo nem querendo mais nada. Apenas isto, tão simples, afinal, ser ela a dar-se, a entregar-se, dispondo de si, do seu corpo e da vontade.

* * *

Quando, quatro horas depois de termos saído de Lisboa, pisámos Paris, que a noite começava a envolver em sombras, éramos já, em espírito, tacitamente, sem uma palavra, amantes.

Pela primeira vez, sentia o amor numa carícia suave, terna, meiga, cicliante como um sopro de brisa.

* * *

Os anos passaram numa balopada doida. Eu prometi voltar — e não voltei. Menti, mas tinha de mentir. O mesmo destino que nos juntou separou-nos. O meu estava de há muito traçado — e não podia fugir-lhe! Perdoa.